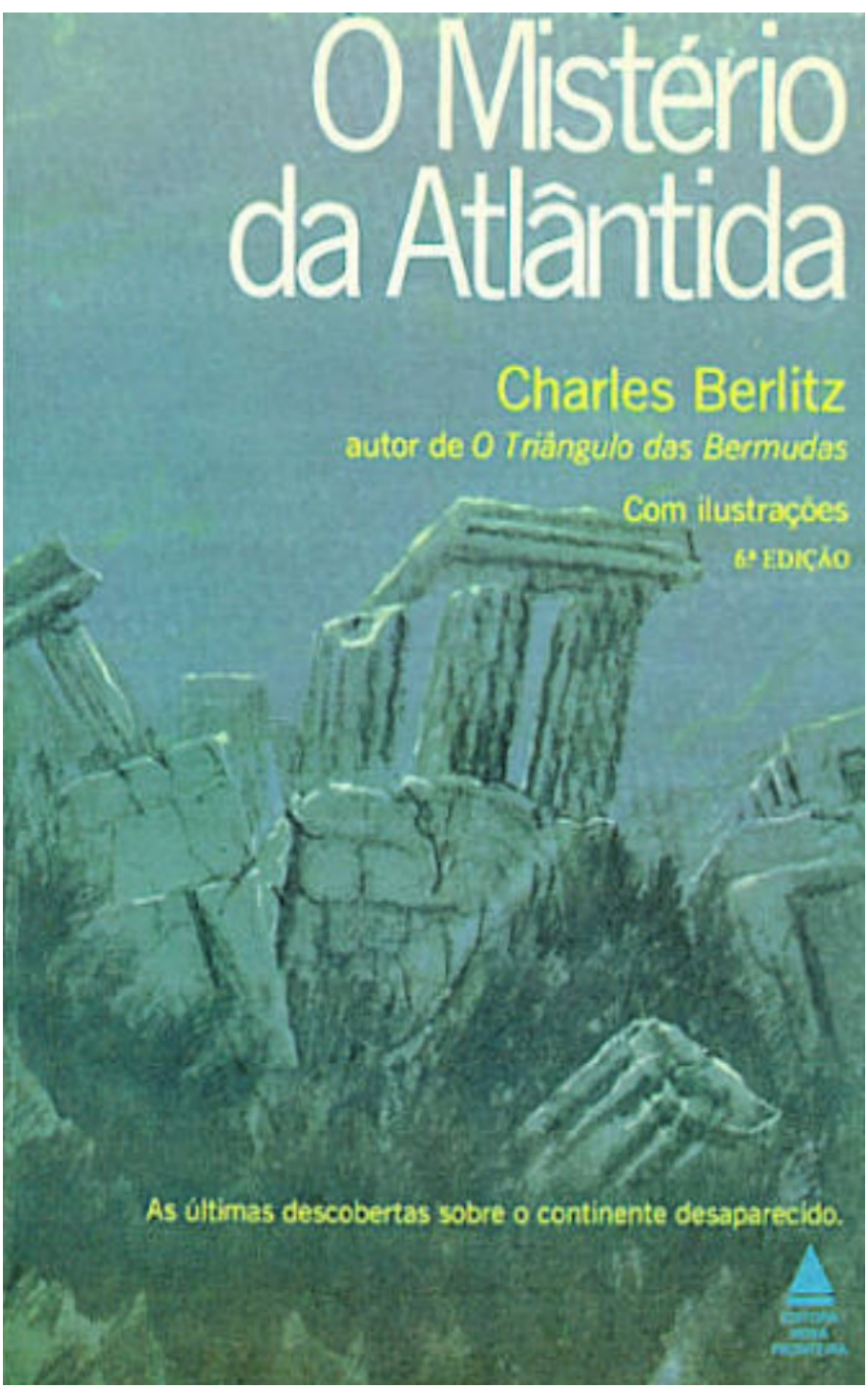
O Mistério da Atlântida

Charles Berlitz

autor de *O Triângulo das Bermudas*

Com ilustrações

6ª EDIÇÃO



As últimas descobertas sobre o continente desaparecido.

EDITORA NOVA FRONTEIRA

Charles Berlitz

O MISTÉRIO da ATLÂNTIDA

Tradução de VERA TEIXEIRA SOARES

2.ª edição

Título original inglês: MISTERY OF ATLANTIS
1976, by Charles Berlitz

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Orelhas

O MISTÉRIO DA ATLÂNTIDA

Onde era o continente perdido da Atlântida? A pergunta tem sido colocada por gerações sucessivas. É um dos mais apaixonantes mistérios dos grandes Mundos Desconhecidos. O Romance, o Cinema, o Teatro, o Rádio, a Televisão têm-se debruçado sobre o segredo da Atlântida.

Este é agora o título que o famoso autor de O TRIÂNGULO DAS BERMUDAS (Ed. Nova Fronteira) deu ao seu novo livro, desta vez a partir da predição feita pouco antes da Segunda Guerra Mundial pelo físico norte-americano Edgar Cayce: um dia a Atlântida emergirá do fundo dos oceanos, nas Bahamas, perto da Ilha de Bimini.

E há pouco, em 1975, foi descoberto a poucas milhas de Bimini um templo submarino da Antigüidade... Meses depois, uma expedição arqueológica encontrava vestígios de uma civilização submersa nas ilhas gregas no Mediterrâneo. Procurando elaborar o mapa do fundo dos oceanos, a Geografia e a História têm lançado mão das mais modernas descobertas, que dão ao estudo do problema novas perspectivas; as mais recentes contribuições da ciência cartográfica têm evidenciado a existência clara de um continente no fundo do Oceano: a civilização, extinta há milênios, da Atlântida. Mas onde?

Raros estariam hoje tão indicados como Charles Berlitz para procurar, apoiado nos resultados mais recentes, e como estudioso do fascinante tema, abrir caminhos seguros para desvendar o *Mistério da Atlântida,* intrigante desafio imposto ao Homem há milhares de anos.

Prefácio

A medida que o ser humano mergulha no futuro e no espaço ilimitado, seus horizontes se ampliam também em relação ao seu passado. O homem está cada vez mais interessado em seu próprio passado. A cada ano que passa os limites da civilização primitiva são "empurrados" mais para trás. E como novas descobertas estão sendo feitas e recentes testes de carbono 14 (que ajudam a determinar a idade de certos artefatos) mostram, vemos que o homem tornou-se civilizado, em graus variados, milhares de anos antes do que se costumava supor, e nem sempre nos locais habitualmente imaginados — tais como o Crescente Fértil do Oriente Médio.

Onde foi então a primeira civilização? Quem teriam sido as outras civilizações primitivas "exportadas" de algum ponto central? Teria existido uma civilização mais antiga, mais sábia, que ajudou a formar o Egito, a Suméria, Creta, Etrúria, as ilhas do Mediterrâneo e as costas adjacentes influenciando até mesmo as culturas das Américas?

A essas perguntas surge uma resposta vaga e difusa, um nome que parece ecoar de um passado incerto, como um chamado em meio à névoa do mar. O nome é Atlântida. Para muitos a Atlântida é o continente perdido do Atlântico, o primeiro berço da civilização, uma terra bela e dourada que, no auge do poder, foi destruída por uma série de abalos e agora jaz no fundo do oceano, restando apenas o cume de suas montanhas, cujas bases estão no solo oceânico.

Para outros a Atlântida é apenas uma lenda inventada pelo filósofo grego Platão para servir de base a dois de seus diálogos e que teria sido mantida na fantasia popular, através dos séculos, por outros romancistas. Para outros ainda a Atlântida foi a verdadeira precursora das civilizações primitivas — fato esse documentado em registros muito antigos porém incompletos — mas localizada em outro lugar que não o Atlântico. Cada localização tem numerosos adeptos.

Se consultarmos uma enciclopédia veremos que a Atlântida é considerada como uma lenda. Não entra na História oficial. No entanto os geólogos e oceanógrafos concordam em que algo parecido com um continente existiu em alguma época no Atlântico, mas hesitam em localizá-lo, no tempo, dentro da faixa de civilização da humanidade.

Porém a Atlântida continua conosco, agora mais do que nunca. Quer se acredite ou não, permaneceu como parte de nossa cultura. Sobre ela foram escritos mais de três mil livros; inspirou os clássicos, influenciou a História e chegou a contribuir para a descoberta do Novo Mundo.

Cada vez que se descobre uma cidade ou uma cultura submersa — e há e sempre haverá muitas devido ao aumento gradual do nível da água no mundo, assim como ao afundamento de algumas partes da costa marítima — a palavra mágica Atlântida brota aos lábios do descobridor. Durante o ano de 1968 a

Atlântida foi "descoberta" na ilha de Thera, no Mediterrâneo, que perdeu pedaços de terra durante as convulsões vulcânicas muito antigas.

Por outro lado, as notáveis previsões de Edgar Cayce diziam que em 1968 ou 1969 surgiria um templo da Atlântida perto de Bimini, nas Bahamas. Na realidade várias estruturas submersas foram avistadas nos arredores e, enquanto escrevo este livro, estão sendo investigadas.

A "lenda" da Atlântida, se é que desejamos chamá-la assim, é pelo menos uma lenda "muito viva e que se renova constantemente, como outra lenda bem conhecida, a da fênix. Ã medida que cada geração ouve falar sobre essa memória folclórica — o continente perdido, ou o paraíso perdido no fundo do mar — surgem novas perguntas e novas respostas. Com o equipamento de pesquisa de que dispomos hoje em dia podemos estar próximos do momento da solução desse antigo enigma, do estabelecimento da idade do homem civilizado e da localização de sua primeira grande civilização.

1 - Atlântida — Lenda ou Realidade ?

A Atlântida é a maior história de mistério do mundo. O próprio nome evoca uma sensação misteriosa de familiaridade e lembranças perdidas, e não é para menos, pois nossos antepassados fizeram conjecturas sobre a Atlântida durante milhares de anos.

Se procurarmos o nome Atlântida numa enciclopédia veremos que é descrito como um "lendário" continente perdido e, entre outras notas, que foi descrito por Platão, no século IV a.C, em dois de seus diálogos, *Timaeus* e *Critias.* Esses diálogos se referem a uma viagem de Solon ao Egito, onde ele soube que os sacerdotes egípcios de Sais possuíam registros por escrito sobre "uma ilha continental além das Colunas de Hércules (o antigo nome de Gibraltar) chamada Atlântida, o centro de um grande e maravilhoso império" com uma grande população, cidades de telhados de ouro, frotas e exércitos poderosos para invasão e conquistas.

Em sua descrição da Atlântida Platão diz que "a ilha era maior que a Líbia e a Ásia juntas (a Líbia provavelmente significando a parte da África conhecida na época) e da ilha podia-se atravessar para o continente oposto que ficava em frente ao verdadeiro oceano..." Platão descreveu a Atlântida como um paraíso terrestre, com montanhas majestosas, férteis planícies, rios navegáveis, ricos depósitos minerais e uma população grande e trabalhadora. Esse poderoso império "desapareceu no fundo do mar no espaço de um dia e uma noite".

A data do desaparecimento, pelos cálculos de Platão, foi cerca de nove mil anos antes de sua época, ou seja, há onze mil e quinhentos anos atrás. A referência de Platão a esse continente perdido, que será discutida com mais detalhes no capítulo 3, foi alvo de crença e descrença através dos séculos. Uma parte da história foi provada pela descoberta, em 1492, do "continente oposto". À medida que aumentam os conhecimentos sobre o fundo do oceano e que os limites da pré-história vão sendo marcados cada vez mais para trás, pode ser que outras coisas da história de Platão também venham a ser reconhecidas como verdadeiras.

Verdade ou não, e sejam quais forem as implicações de ordem psicológica, há uma tradição de memória racial indicando um local no Oceano Atlântico que seria o berço da tribo ou da raça ou então um paraíso terrestre para onde vão as almas depois da morte.

Se a Atlântida tivesse existido as tribos e raças do perímetro *dos dois lados do Atlântico* se lembrariam dela ou pelo menos possuiriam alguma referência na memória tribal ou em registros escritos. A esse respeito note-se uma curiosa coincidência quanto aos nomes. Os galeses e os antigos ingleses mostravam o oceano a oeste como sendo seu paraíso terrestre, que eles

chamavam de *Avalon.* Os gregos antigos localizavam a ilha além das Colunas de Hércules e chamavam-na *Atlântida.* Os babilônios diziam que seu paraíso ficava no oceano a oeste e se referiam a ele como *Aralu,* enquanto que os egípcios localizavam o refúgio das almas "longe, a oeste, no meio do oceano" e chamavam-no, entre outros nomes, de *Aaru* ou *Aalu,* ou então *Amenti.* As tribos célticas da Espanha, assim como os bascos, mantêm a tradição de que se originam do oceano ocidental, e os gauleses primitivos, principalmente os da região ocidental, tinham por tradição que seus antepassados vieram do meio do oceano ocidental devido a uma catástrofe que destruiu sua terra natal. Os árabes acreditavam que os habitantes de *Ad* existiram antes do grande dilúvio e foram destruídos pelo dilúvio como castigo por seus pecados. As tribos antigas do norte da África preservaram tradições de um continente ocidental e existem registros de tribos chamadas *Atarantes* e *Atlantioi,* um mar extinto chamado *Attala* e, evidentemente, os Montes *Atlas.* Ao atravessarmos o Atlântico notamos que nas Ilhas Canárias (teoricamente essas ilhas são os topos das montanhas da Atlântida) uma série de cavernas antigas são chamadas *Atalaya* e seus habitantes, desde os tempos romanos, diziam se lembrar do afundamento da Atlântida.

Na América do Norte e do Sul encontraremos uma série extraordinária de coincidências. A maioria das tribos de índios tem lendas contando que vieram do leste ou aprenderam as artes da civilização através de super-homens que vieram de um continente oriental. Os astecas preservaram o nome de sua terra original — Aztlán. Na realidade a própria palavra *asteca* é derivada de *aztlán.* Na linguagem asteca (náuatle). *atl* significa água e essa mesma palavra tem o mesmo significado na linguagem berbere do norte da África. Quetzalcoatl, deus dos astecas e de outros povos mexicanos, era, segundo a tradição, um homem branco, de barba, que veio do oceano para o vale do México e que, terminada sua missão civilizadora, voltou para Tlapallan. O livro sagrado dos maias se refere a um país oriental onde haviam vivido como num verdadeiro paraíso, "onde pretos e brancos viviam em paz" até que o deus Hurakán (Furacão) zangou-se e inundou a Terra. Quando os conquistadores espanhóis exploraram a Venezuela pela primeira vez encontraram uma aldeia chamada Atlán, povoada por índios brancos (foi essa a impressão dos espanhóis) que afirmavam que seus antepassados eram sobreviventes da inundação de sua terra.

Entre todas essas coincidências lingüísticas a mais espantosa é, talvez, a nossa própria. O nome do oceano —o Atlântico —no qual nadamos, navegamos ou atravessamos pelo ar, pode ser um elo com a lenda das antigas cidades douradas no fundo do oceano. Evidentemente o nome Atlântico vem de Atlas, o gigante da mitologia grega que sustentava o céu. Mas não seria a história de Atlas uma alegoria de poder, talvez o poder do Império da Atlântida? Em grego, Atlântida significa "filha de Atlas".

Lendas de uma grande inundação e do desaparecimento de uma civilização adiantada são encontradas em quase todas as raças, nações e

tribos, quer por tradição oral quer em registros escritos. Já houve sugestões no sentido de que nosso registro bíblico do dilúvio e sua similaridade com os registros da Suméria, da Babilônia, da Assíria e da Pérsia, como os de outros povos mediterrâneos, podiam se originar da lembrança de um grande dilúvio no Oriente Médio. Mas será que isso explicaria também as lendas de dilúvio da Escandinávia, da China, da índia e de uma grande maioria de tribos de índios do Novo Mundo, tanto na América do Norte como na do Sul?

As lendas de um grande dilúvio, que fazem menção constante a sobreviventes que começaram um mundo novo sobre as ruínas do anterior, existem no mundo inteiro e parecem se referir a um fato real. Evidentemente é preciso pensar que, se a terra fosse toda coberta de água, essa água não teria recuado, pois não teria para onde ir. Portanto podemos concluir que o grande dilúvio, da maneira como é lembrado por seus sobreviventes, se refere a uma determinada inundação, com chuvas e distúrbios climáticos, que deu a impressão, pelo menos para os sobreviventes, de que a terra estava debaixo d'água. Essa lembrança de uma inundação e a memória comum de um paraíso terrestre, de modo geral localizado no meio do Atlântico, assim como as diversas referências de escritores clássicos a essa ilha fascinaram o homem através dos tempos e certamente influíram na descoberta e conquista da América.

Os que fazem a crítica da teoria da Atlântida argumentam que devia haver mais referências, na Antigüidade, sobre a Atlântida. Mais do que as que existem e que serão examinadas mais adiante. No entanto, se considerarmos o estado dos registros antigos e a possível" descoberta de registros novos, achamos que é fora do comum termos tantas referências assim. Sabemos que alguns dos registros sobre a Atlântida foram perdidos porque muitas referências que temos falam de registros mais antigos que se perderam. Além da destruição geral dos manuscritos gregos e romanos na época das invasões dos bárbaros, uma grande parte da literatura clássica foi sistematicamente destruída, às vezes até mesmo pelos povos que as herdaram. O Papa Gregório, por exemplo, ordenou que fosse destruída toda a literatura clássica "a fim de que não afastasse os fiéis da contemplação do paraíso". Amru, o conquistador de Alexandria, onde havia a maior biblioteca da Antigüidade, com mais de um milhão de volumes, usou os manuscritos clássicos como combustível, durante seis meses, para aquecer os quatro mil banhos públicos da cidade; alegou que, se os livros antigos continham informações que estavam no Alcorão eles eram supérfluos e, se tinham informações que não estavam no Alcorão não possuíam valor algum para os verdadeiros crentes. Ninguém sabe quantas referências à Atlântida podem ter sido usadas para esquentar água para os conquistadores árabes, pois a Alexandria era não só um centro literário mas um centro científico. Os conquistadores espanhóis do Novo Mundo continuaram essa destruição de registros antigos. O Bispo Landa destruiu todos os manuscritos maias que achou no Iucatán, com exceção de seis. que estão agora em museus da Europa. Os maias, com suas referências diretas a

sua origem e seu surpreendente conhecimento científico, podiam ter fornecido informações valiosas sobre o continente perdido, e talvez ainda possam, caso sejam encontrados novos registros.

Se por um lado perderam-se manuscritos antigos, não faltam obras modernas sobre a Atlântida. Já foram publicados cerca de cinco mil livros e panfletos nas principais línguas do mundo. A maioria dessas publicações data de cento e cinqüenta anos para cá. A quantidade de livros sobre esse assunto demonstra o apelo do mistério da Atlântida para a imaginação humana. Em certa ocasião um grupo de jornalistas ingleses fez uma votação na qual o ressurgimento da Atlântida ficou em quarto lugar como sendo um dos assuntos de reportagem mais importantes que podiam ser publicados, vários lugares na frente da segunda vinda de Cristo! Entre os milhares de livros escritos nos últimos cento e cinqüenta anos vale a pena citar um trecho de um livro de Ignatius Donnelly. Esse trecho é característico da firme crença de tantas pessoas na existência da Atlântida, o berço da civilização. No começo do livro sobre a Atlântida, publicado em 1882, Donnelly fez treze proposições que ainda hoje não notáveis por sua audácia, originalidade e principalmente pelo que têm de absoluta certeza. As proposições são as seguintes:

1. Em certa época existiu no Oceano Atlântico, em frente à boca do Mar Mediterrâneo, uma grande ilha que era o remanescente de um Continente Atlântico, conhecido pelo mundo antigo como Atlântida.

2. A descrição dessa ilha por Platão não é, como se pensou durante muito tempo, uma fábula, mas uma história verdadeira.

3. A Atlântida foi a região na qual o homem, pela primeira vez, saiu do barbarismo e tornou-se civilizado.

4. Através do tempo a Atlântida tornou-se uma nação poderosa e de grande população que, expandindo-se para a costa do Golfo do México, para o Rio Mississipi, Amazonas, a costa do Pacífico da América do Sul, o Mediterrâneo, a costa ocidental da Europa e da África, o Báltico, o Mar Negro e o Mar Cáspio, povoou esses locais, que foram, portanto, habitados por povos civilizados.

5. A Atlântida foi o verdadeiro mundo antediluviano, o Jardim do Éden, o Jardim das Hespérides, os Campos Elíseos, o Jardim de Alcino, o Olimpo, o Asgard das tradições das nações antigas, representando uma lembrança universal de uma grande terra onde a primitiva humanidade viveu durante séculos em paz e felicidade.

6. Os deuses e deusas dos gregos antigos, dos fenícios, dos hindus e dos

escandinavos eram simplesmente os reis, rainhas e heróis da Atlântida; as ações a eles atribuídas na mitologia são uma lembrança confusa de acontecimentos históricos reais.

7. A mitologia do Egito e do Peru representava a religião original da Atlântida, a adoração do sol.

8. A mais antiga colônia fundada pelo povo da Atlântida foi provavelmente no Egito, cuja civilização era uma reprodução da que existia na Atlântida.

9. Os utensílios europeus da Idade do Bronze vieram da Atlântida, cujo povo foi também o primeiro a trabalhar com ferro.

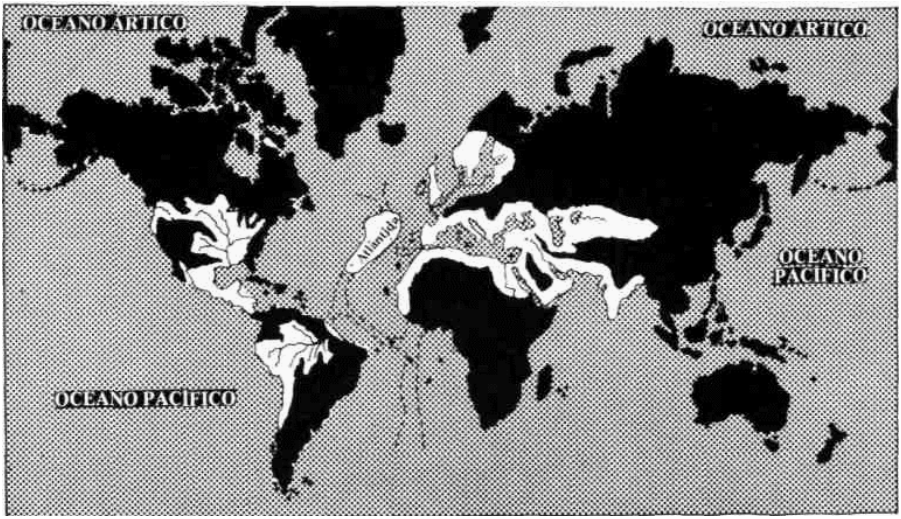
10. O alfabeto fenício, parente de todos os alfabetos europeus, teve origem no alfabeto da Atlântida...

11. A Atlântida foi o berço original da família das nações arianas ou indo-européias, assim como dos povos semitas e possivelmente também das raças turanianas.

12. A Atlântida foi destruída por uma terrível convulsão da natureza, durante a qual a ilha toda submergiu no oceano com quase todos os seus habitantes.

13. Algumas pessoas fugiram em barcos e jangadas, levando para as nações a leste e a oeste a narrativa da terrível catástrofe, que permanece até nossos dias nas lendas de inundação e dilúvio de diversos povos do Velho e do Novo Mundo.

O livro de Donnelly e os milhares de outros que se seguiram iniciaram um "movimento" sobre a Atlântida que persistiu, em graus variáveis, até hoje. Escritores e estudantes começaram a reexaminar os mitos clássicos, as lendas indígenas e todas as indicações que pudessem ter ligação com o assunto nos mais variados campos, tais como Biologia, Antropologia, Geologia, Botânica, Lingüística e Sismologia. O material é vasto e os resultados precisam ser interpretados.



A expansão "colonial" da Atlântida, vista por Donnelly.

As cinco primeiras disciplinas fornecem, segundo a interpretação, uma grande quantidade de informações indicando que uma ponte de terra ligava, em certa época, o mundo antigo ao Novo Mundo. Pode ter existido primeiro uma conexão por terra, depois um grande continente que por fim se transformou numa série de ilhas separadas. Isso explicaria não só os paralelos nessas ciências mas até mesmo os padrões de cultura e mitos comuns. Quanto à Sismologia, o Atlântico é um dos lugares menos estáveis da crosta terrestre, sujeito a convulsões ao longo de toda a cordilheira submarina que se estende do norte do Brasil até a Islândia, convulsões que ainda podem causar elevação ou rebaixamento de massas terrestres. Os recentes aperfeiçoamentos científicos, as novas técnicas de determinação de idade em arqueologia, as conclusões revolucionárias sobre a idade do homem civilizado e, acima de tudo, a crescente extensão e profundidade das explorações submarinas preparam o campo para novas descobertas. Na realidade, algumas talvez já tenham sido feitas, mas não foram ainda provadas.

Antes de dispormos das técnicas de determinação de idade, de localização, de escavação e de exploração submarina de que dispomos hoje, os teóricos e pesquisadores da Atlântida haviam chegado a um ponto além do qual não podiam mais ir dentro dos métodos tradicionais de investigação. Hoje em dia o campo e os meios de investigação aumentaram consideravelmente.

2 - A Atlântida Volta ao Noticiário

A Atlântida continua sendo notícia. Durante o ano de 1968 foi "redescoberta" duas vezes! Uma delas no Mediterrâneo e outra nas Bahamas onde dizem que, próximo a Bimini, um templo da Atlântida está vindo à superfície. O motivo para a imprensa se referir a essa construção submarina como sendo um templo da Atlântida é devido à extraordinária coincidência com a predição feita vinte e oito anos antes por Edgar Cayce, que afirmou em 1940 que em 1968 ou 1969 um templo da Atlântida viria à superfície próximo a Bimini.

Edgar Cayce, pesquisador do psiquismo e de ESP (percepções extra-sensoriais), de Virgínia Beach, Estado de Virgínia, já fizera, de 1923 a 1944, vários "depoimentos" psíquicos ou entrevistas sobre a Atlântida, a vida na Atlântida e mudanças terrestres em geral. Apesar de numerosas, essas entrevistas são apenas uma parte de seus muitos depoimentos psíquicos e predições, que originaram o estabelecimento de uma fundação que tem seu nome, assim como uma associação com ramais em diversas cidades dos Estados Unidos.

Ao descrever a Atlântida ele disse que uma parte afundada estava localizada no fundo do oceano perto das Bahamas e, mais especificamente, que as próprias Bahamas eram os picos da ilha afundada de Poseidia, parte da "seção ocidental da Atlântida". Em 1940 Cayce marcou o ano de 1968 ou 1969 para a reemergência de parte da Atlântida, a que fica próximo a Bimini, dizendo: "Poseidia será uma das primeiras partes da Atlântida a ressurgir. Isso acontecerá em 1968 ou 1969. Não está tão longe assim!"

Por uma estranha coincidência diversas construções estão vindo à tona perto de Bimini, assim como na ponta norte de Andros. O que são e de quando datam ainda não foi estabelecido. No entanto, o mais impressionante é que as misteriosas construções submarinas apareceram no local exato predito por Cayce em 1940!

As construções submarinas foram vistas e fotografadas do ar por dois pilotos comerciais dos quais um, por pertencer à Cayce Foundation, estava à procura das mesmas enquanto fazia seus vôos regulares, pois sabia que existia essa previsão. É interessante notar que o avião vem sendo há muitos anos uma extraordinária ajuda para os arqueologistas, pois, dependendo da visibilidade e da calma da água, tem sido possível descobrir e fotografar do ar vários portos antigos, fortificações e cidades.

A sul desse ponto há um abismo, a uma profundidade de cerca de dezoito mil pés. Isso se enquadra tranqüilamente na afirmação de Cayce de que as antigas terras da Atlântida próximo a Bimini são o ponto mais alto de um continente afundado. As primeiras investigações submarinas mostraram que a construção tem alicerces na pedra e que as paredes estão cobertas pela areia, dificultando a visão embaixo d'água. Do ar, no entanto, a forma retangular da

construção é mais visível. Como ela está se aproximando cada vez mais da superfície, tornou-se necessário tomar medidas para protegê-la dos caçadores de tesouros, que estão menos interessados em sua antigüidade do que na possibilidade de saqueá-la.

Outras ruínas submarinas foram encontradas, mais tarde, próximo a outras ilhas do Caribe, incluindo o que parece ser uma cidade inteira submersa perto da costa do Haiti e outra ainda, no fundo de um lago. Em 1968 descobriu-se uma espécie de estrada submarina (ou talvez uma série de praças ou alicerces) ao norte de Bimini, debaixo de diversas braças de água. Essas numerosas descobertas parecem mostrar que partes da plataforma continental do Atlântico e do Caribe já foram terras secas, posteriormente afundadas ou inundadas numa época em que o homem já era civilizado.

As construções submarinas que estão vindo à tona perto de Bimini e de Andros estão sendo estudadas a fim de se determinar se faziam parte do complexo cultural maia ou de outra cultura ainda mais antiga, predita por Cayce. Mesmo estabelecida a origem maia, ainda isso não basta para desmentir a teoria da Atlântida, pois os maias são considerados por muita gente como sendo ou descendentes dos sobreviventes da Atlântida ou pelo menos um povo que chegou a um tão alto grau de civilização graças à ajuda dos habitantes da Atlântida — uma antiga versão da ajuda aos "países subdesenvolvidos".

Uma expedição à ilha de Thera, que fica no Mar Egeu, exatamente ao norte de Creta, deu considerável ênfase à teoria de que essa ilha, que aparentemente se desintegrou no ano de 1500 a.C, causando conseqüentemente a submersão de uma grande área de terra, inspirou Platão quando descreveu a destruição de um continente. É sabido que uma misteriosa catástrofe atingiu, nessa mesma época, a adiantada civilização creta.

Anteriormente o Império Creta era mais adiantado culturalmente que os impérios que o sucederam, possuindo até água corrente e banheiros surpreendentemente modernos, copos de vidro colorido, pratos esmaltados e roupas altamente sofisticadas.

Nos tempos antigos Thera era também chamada Stronghyli, ou a "rotunda", mas depois da explosão a parte noroeste da ilha desapareceu, submersa no mar, e a ilha tomou a forma de um crescente. A explosão e os choques vulcânicos,assim como os maremotos causados pelos distúrbios sísmicos, podem ter sido um dos motivos do declínio de Creta e de sua conquista pelos gregos aqueus.

No entanto as diversas erupções vulcânicas no Mediterrâneo, através dos séculos, não excluem uma grande erupção, descrita por Platão, além das Colunas de Hércules. É interessante notar que sempre que se descobre terras submersas com culturas arcaicas — e haverá cada vez mais descobertas, graças às novas técnicas de exploração submarina — volta a pergunta: será a Atlântida lendária?

Sim, porque a Atlântida, a mais antiga civilização ou lenda do mundo,

dependendo da opinião de cada um, jamais deixou de perseguir a consciência da espécie humana, fato esse evidenciado pelos milhares de livros e tratados publicados e ainda sendo escritos sobre um assunto cuja existência ainda tem que ser provada definitivamente. E ainda essa lenda, ou memória racial, é digna de manchetes nos dias de hoje!

E quase como se o homem moderno, sabedor de que existem novos métodos de investigação arqueológica, quisesse a confirmação de seu passado perdido e estivesse à espera de que a ciência moderna preenchesse os vazios na história comum à família humana.

Enquanto este livro está sendo impresso surgiram ou estão sendo publicados diversos outros sobre a Atlântida ou a teoria de Thera, além de reedições de livros escritos há muitos anos mas que continuam atuais e cheios de informações. Em meados de 1969 surgiu uma canção popular reavivando o interesse do público pela Atlântida, com todas as implicações de volta ao passado para o conhecimento de nossas origens e a idade de ouro da humanidade.

3 - O Mistério da Atlântida

A Atlântida é o maior conto de mistério da História. Os registros antigos mais completos sobre a Atlântida, os diálogos *Timaeus* e *Critias,* de Platão, são apresentados como um registro de acontecimentos narrados a Solon, de Atenas, por um sacerdote egípcio, em Sais, e constituem eles próprios um mistério. Teria Platão escrito esses diálogos para ilustrar a idéia de um Estado perfeito, ou como propaganda a favor de Atenas? De qualquer modo, as descrições sobre a Atlântida são detalhadas e as mais completas que existem, a menos que os registros egípcios, se existentes, possam ser encontrados. Acrescente-se a isso o fato de que Platão não costumava discutir fábulas, sendo especializado em filosofia, e tomou um cuidado muito especial para que esses diálogos fossem repetidos como fato e não como ficção.

Platão discutiu a Atlântida pela primeira vez num diálogo conhecido como *Timaeus:*

Critias: Então ouça, Sócrates, um estranho conto que, no entanto, é verdadeiro, pois Solon, que foi o mais sábio dos sete sábios, disse... que foram de antigos e maravilhosos feitos dos atenienses, que ficaram esquecidos devido ao tempo e à destruição da raça humana — e um deles, principalmente, que foi o maior de todos, cuja narração será o testemunho adequado de nossa gratidão para com você...

Sócrates: Muito bem, e qual é esse feito antigo e maravilhoso sobre o qual Critias falou, não como lenda mas sim como um feito real do Estado de Atenas, relatado por Solon?

Critias: ...Se Solon tivesse, como outros poetas, ocupado toda a sua vida com a poesia, se tivesse terminado o conto que trouxe consigo do Egito; se não tivesse sido forçado, devido aos problemas e agitações que encontrou neste país quando para cá retornou, a cuidar de outros assuntos, teria se tornado, em minha opinião, tão famoso quanto Homero, Hesíodo ou qualquer outro poeta.

Sócrates: E sobre que era o poema, Critias?

Critias: Sobre o maior feito dos atenienses, que deveria ser o mais famoso mas que, com o passar do tempo e a destruição dos atores, não chegou até nós.

Sócrates: Conte-nos toda a história e diga como e de quem Solon ouviu essa tradição verdadeira.

Critias: Na cabeceira do Delta egípcio, onde o rio Nilo se divide, há um certo distrito chamado distrito de Sais, e a grande cidade do distrito também se chama Sais e é a cidade natal do rei Amasis. Os cidadãos têm uma divindade fundadora da cidade: seu nome, na língua egípcia, é Neith. Afirmam eles que é a mesma divindade que os helenos chamam de Atenas. Os habitantes dessa cidade são grandes admiradores dos atenienses e se consideram relacionados com eles de alguma maneira. Lá chegou Solon, que

foi recebido com grandes honrarias. Perguntou aos sacerdotes, que eram muito versados nesses assuntos, sobre a antigüidade, e descobriu que nem ele nem qualquer outro heleno sabia qualquer coisa que valesse a pena ser mencionada em termos de antigüidade. Em certa ocasião, quando incitava-os a falar dos tempos antigos, Solon começou a falar sobre as coisas mais antigas conhecidas em nosso mundo — sobre Phoroneus, chamado "o primeiro", e sobre Niobe. Depois do dilúvio contou a vida de Deucalião e Pirra; traçou a genealogia de seus descendentes e tentou calcular quantos anos teriam os acontecimentos de que falava, e quais as datas dos mesmos. Então um dos sacerdotes, que era muito idoso, disse: "Oh Solon, Solon, vocês helenos não são mais do que crianças, e não existe heleno algum que seja heleno." Ouvindo isso, Solon perguntou: "O que você quer dizer?" — Quero dizer, replicou ele, que em mentalidade vocês são todos jovens; que não possuem uma história antiga passada de um para outro pela tradição, nem nenhuma ciência de idade venerável. E lhe direi a razão disso: houve e haverá muitas destruições da espécie humana, devidas a muitas causas. Existe uma história que até vocês conservaram — a de que Phaeton, filho de Helios, tendo atrelado os corcéis de seu pai em sua carruagem, mas não sendo capaz de conduzi-los no caminho de Helios, queimou tudo o que existia sobre a Terra e foi destruído por um raio. Isso é um mito, mas significa, na realidade, o declínio dos corpos que se movem em torno da Terra e nos céus, e uma enorme conflagração de coisas acontecendo sobre a Terra a longos intervalos de tempo. Quando isso acontece, os que moram nas montanhas e nos lugares altos e secos estão mais sujeitos à destruição do que os que moram à margem dos rios ou à beira-mar; e dessa calamidade o Nilo, nosso salvador infalível, nos protege. Por outro lado, quando os deuses purificam a Terra com um dilúvio, os pastores das montanhas é que se salvam. Os que moram nas cidades são carregados pelos rios até o mar; mas neste país, nem naquele tempo nem em outros tempos a água cai do alto em cima dos campos; a tendência é vir de baixo para cima, motivo pelo qual as coisas que se conservaram aqui são consideradas as mais antigas. O fato é que, por maior que seja o rigor do inverno ou por mais escaldante que seja o sol de verão, há épocas em que a raça humana aumenta e outras em que diminui. E seja o que for que tenha acontecido, em seu país ou no nosso, ou em qualquer outro lugar conhecido por nós — qualquer acontecimento importante ou nobre, ou digno de nota por algum motivo, está descrito há muito tempo, e guardado em nossos templos; enquanto isso vocês e outras nações possuem apenas cartas e outras coisas que o Estado exige e então, na época habitual, um rio desce do céu como um flagelo e só restam aqueles que são destituídos de cartas e de educação; assim sendo, vocês têm que recomeçar tudo como crianças e não sabem nada do que aconteceu na antigüidade, seja entre nós ou entre vocês. Quanto à genealogia que você nos relatou, Solon, não vale mais do que uma história para crianças; em primeiro lugar, você só se lembrou de um dilúvio, mas houve diversos; segundo, vocês não sabem que viveu em sua terra a raça

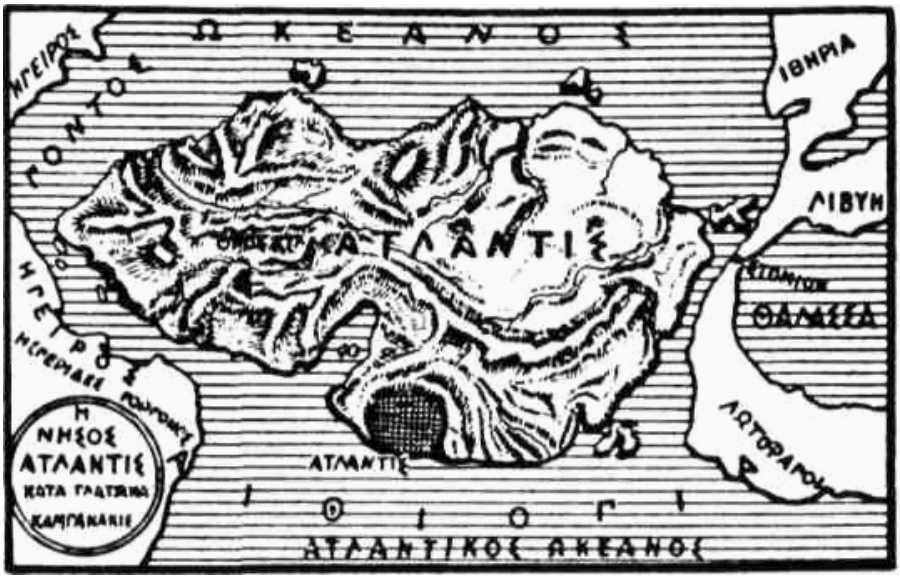
humana mais nobre e justa que jamais existiu e da qual você e toda a sua cidade são remanescentes. Isso você desconhecia porque durante muitas gerações os sobreviventes daquela destruição morreram e não deram sinais. Houve um tempo, Solon, antes do maior dilúvio de todos, quando a cidade que é agora Atenas era a primeira na guerra, e era eminente pela excelência de suas leis, e da qual se contam os mais nobres feitos, e que possuía a mais justa de todas as constituições sob o céu de que se lembra a tradição." Ao ouvir isso Solon ficou assombrado e pediu fervorosamente ao sacerdote que o informasse com exatidão e ordenadamente sobre esses antigos habitantes. "Você receberá essas informações, Solon, para seu bem e o da sua cidade, e principalmente para o bem da deusa que é padroeira e protetora de ambas as nossas cidades. Ela fundou a sua cidade mil anos antes da nossa, recebendo da terra e de Hefaisto a semente de sua raça, e mais tarde fundou a nossa, cuja constituição consta em nossos registros sagrados como tendo oito mil anos. Quanto aos cidadãos de nove mil anos atrás, eu lhe informei resumidamente sobre suas leis e seus feitos mais nobres; os detalhes nós verificaremos mais tarde, com calma, em nossos registros sagrados. Se você comparar essas leis com as de sua cidade, verá que muitas das nossas são uma réplica das de vocês, como era nos tempos antigos... Muitos grandes e maravilhosos feitos estão registrados em nossa História; um deles, porém, excede a todos os outros em grandeza e valor; conta a História que um imenso poder agredia impiedosamente toda a Europa e a Ásia e que sua cidade liquidou-o. Esse poder provinha do Oceano Atlântico, pois naquele tempo o Atlântico era navegável; e existia uma ilha situada em frente aos estreitos que vocês chamam de Colunas de Hércules: a ilha era maior que a Líbia e a Ásia juntas e era o caminho para outras ilhas, e dessas ilhas podia-se passar para o continente oposto, que circundava o verdadeiro oceano; porque esse mar que fica contido no Estreito de Hércules é apenas uma baía e possui uma entrada estreita, mas o outro é um mar verdadeiro e a terra à sua volta pode ser apropriadamente chamada de continente. Bem, na ilha da Atlântida havia um grande e maravilhoso império que governava toda a ilha e diversas outras, assim como parte do continente; além disso eles haviam conquistado uma parte da Líbia, entre as Colunas de Hércules, até o Egito, e uma parte da Europa até o Tirreno. Esse vasto poder era portanto um só, pronto para subjugar num só golpe seu país e o nosso, e toda a terra que fica entre os estreitos; e então, Solon, seu país, entre toda a raça humana, surgiu fulgurante, na eminência de sua virtude e força; pois seu país era o primeiro em coragem e estratégia militar, e o líder dos Helenos. E quando todo o resto se afastou e Atenas ficou só, após ter passado pelos maiores perigos, sua cidade triunfou, derrotando os invasores, preservando da escravidão aqueles que ainda não estavam sujeitos, e libertando todos os que habitavam dentro dos limites das Colunas de Hércules. Porém depois ocorreram violentos terremotos e inundações, e com um dia e uma noite de chuva todos os seus guerreiros afundaram na terra, a ilha da Atlântida desapareceu da mesma maneira,

submersa no mar. E é por esse motivo que o mar, nesse local, é impenetrável e impossível de navegar, pois existe uma grande extensão de lama rasa no caminho, e isso foi causado pelo afundamento da ilha."

Os trechos seguintes fazem parte do segundo diálogo sobe a Atlântida, chamado *Critias* ou *O Atlântico.*

Critias: "Deixe-me começar pela observação de que nove mil é a soma dos anos que passaram desde a guerra que dizem ter havido entre os que habitavam as terras fora das Colunas de Hércules e os que moravam dentro de suas terras. Agora vou descrever essa guerra. Dizem que Atenas liderava os combatentes de um lado, e foi quem dirigiu a guerra; os combatentes do outro lado efam liderados pelos reis das ilhas da Atlântida, as quais, como já disse, ocupavam uma área maior que a da Líbia e da Ásia; e que, posteriormente afundada pelo terremoto, tornou-se uma barreira intransponível para os viajantes que pretendiam chegar ao oceano. O progresso da história desvendará as diversas tribos de helenos e de bárbaros então existentes, à medida que aparecem em cena; porém preciso começar pela descrição, em primeiro, lugar, dos atenienses tais como eram naquela época, e dos inimigos contra os quais lutaram; e terei que falar sobre o poder e a forma de governo de cada um deles. Vamos começar por Atenas...

"Muitos grandes dilúvios ocorreram durante esses nove mil anos, pois esse é o número de anos que passaram desde o tempo do qual estou falando; e é preciso deixar claro que em todas essas épocas e mudanças jamais houve assentamento da terra que descia das montanhas, como houve em outros lugares; a terra foi sempre carregada em círculo e desapareceu nas profundezas. Conseqüentemente, em comparação com o que era, restam pequenas ilhas que são apenas os ossos do corpo perdido, por assim dizer, tendo todas as partes mais macias do solo sido submersas, permanecendo apenas o esqueleto do país...



Mapa da Atlântida sugerido por P. Kampanakis, um pesquisador e escritor grego seguidor da tradição platônica da Atlântida. A Espanha fica no alto, à direita, a Europa está ligada à África e o deserto do Saara está representado como um mar ligado ao verdadeiro oceano.

"Meu bisavô, Drópidas, possuía os documentos originais, que estão em meu poder e foram cuidadosamente estudados por mim quando ainda criança...

"O relato, que era muito extenso, começa pelo seguinte: já observei anteriormente, ao falar dos dons dos deuses, que eles fizeram uma distribuição do mundo inteiro em porções variáveis e eles próprios construíram templos e ofereceram sacrifícios. E Poseidon, tendo recebido a Atlântida, teve filhos com uma mulher mortal e estabeleceu-os numa parte da ilha que passarei a descrever. No lado que dá para o mar, no centro da ilha, havia uma planície que era a mais amena de todas, e também a mais fértil. Perto dessa planície, também no meio da ilha, numa distância de cerca de cinqüenta estádias, havia uma montanha que não era muito alta em nenhum lado. Nessa montanha morava um dos primeiros homens do país, cujo nome era Evenor, que tinha uma mulher chamada Leucipe e uma filha única de nome Cleito. A menina estava na adolescência quando seus pais morreram; Poseidon apaixonou-se por ela, teve relações com ela e, quebrando o solo, fechou em toda a volta a colina na qual ela morava, formando zonas alternadas de terra e mar, maiores e menores,- fazendo círculos; dois de terra e três de água, arrumados a partir do centro da ilha, eqüidistantes em todos os sentidos para que nenhum homem pudesse se aproximar da ilha, pois ainda não se ouvira falar em navios e viajantes. Ele próprio, sendo um deus, não teve dificuldade em fazer arranjos especiais para a ilha central, e formou dois riachos subterrâneos que surgiam como fontes, uma de água fria e outra de água quente, e fazendo brotar

abundantemente da terra todas as variedades de alimentos. Além disso teve cinco pares de filhos homens, que educou, dividindo a ilha da Atlântida em dez partes: deu ao primeiro filho do par mais velho a morada da própria mãe e as terras adjacentes, que eram as maiores e melhores, e fê-lo rei do restante; tornou os outros príncipes e deu-lhes o poder de governar muitos homens e um vasto território. E deu um nome a todos eles: ao mais velho, que era rei, deu o nome de Atlas, de onde toda a ilha e o oceano tiveram o nome de Atlântico. A seu irmão gêmeo, nascido depois dele, deu a ponta da ilha que ficava na direção das Colunas de Hércules, até o país que ainda é chamado a região de Gades, nessa parte do mundo; deu-lhe o nome que na linguagem helênica é Eumelus e que na linguagem do país é chamada de Gadeirus. Ao segundo par de gêmeos deu os nomes de Ampheres e Evemon. Ao terceiro par de gêmeos deu os nomes de Mnesus — o mais velho — e Autocton. Ao quarto par de gêmeos deu os nomes de Elasipus e Mestor. E ao quinto par deu ao mais velho o nome de Azies e ao outro Diapredes. Todos eles e seus descendentes eram os habitantes e governantes de diversas ilhas em alto mar; e também, como já foi dito, eles tinham poder sobre o outro lado do país, entre as Colunas e até o Egito e o Tirreno. Bem, Atlas tinha uma família numerosa e honrada e seu filho mais velho passou o poder para cada um dos mais velhos durante muitas gerações; e possuíam uma fortuna maior do que a de qualquer outro rei ou potentado, tão grande que provavelmente jamais haverá outra igual, e tinham tudo o que desejavam, tanto na cidade como no campo. Porque, devido à grandeza de seu império, muitas coisas eram trazidas para eles de países estrangeiros, e a própria ilha provia a maior parte das necessidades vitais. Em primeiro lugar, escavavam da terra tudo o que podia ser encontrado: minerais e metais, assim como aquilo que hoje em dia é apenas um nome — oricalco — mas que na época era mais do que isso, sendo obtido da terra de muitos lugares da ilha, e considerado, sem contar o ouro, o metal mais precioso para os homens daquele tempo. Havia abundância de madeira para os trabalhos de carpintariae alimento suficiente para os animais selvagens e domésticos. Além disso havia na ilha um grande número de elefantes, e alimento para animais de toda espécie, tanto para os que vivem nos lagos, pântanos e rios como para os que vivem nas montanhas e planícies, e portanto para o animal maior e mais voraz de todos eles. Além disso tudo o que tem fragrância no "mundo, sejam raízes, ervas, madeiras, néctares de flores ou frutos cresciam e desabrochavam na região; e as frutas cultivadas na terra, tanto as frutas secas e comestíveis quanto as outras espécies de alimentos, que chamamos pelo nome geral de legumes, e as frutas de casca grossa, que podiam ser transformadas em bebidas, carne ou ungüentos, mais um bom sortimento de castanhas e congêneres, que podem ser usadas para se brincar e são frutas que se estragam se forem guardadas — e todos os tipos de sobremesa que nos consolam depois do jantar, quando estamos fartos e cansados de comer — tudo isso essa ilha sagrada, iluminada pelo sol, produzia maravilhosamente e com abundância. Recebiam todas essas coisas

da terra e entregavam-se à construção de seus templos e palácios, baías e ancoradouros, e organizaram todo o país da seguinte maneira: em primeiro lugar construíram pontes em todas as zonas do mar que cercavam a antiga metrópole e fizeram passagens para entrar e sair do palácio real; em seguida começaram a construir o palácio do deus de seus ancestrais. Continuaram a ornamentá-lo durante gerações sucessivas, cada rei superando o antecedente, levando ao máximo seu poder, até terem feito da construção a maior maravilha em termos de tamanho e beleza. E, a partir do mar, construíram um canal de trezentos pés de largura, cem pés de profundidade e cinqüenta estádias de comprimento, canal esse que ia até a zona mais afastada, formando uma passagem do mar para o canal, que se tornou um ancoradouro, deixando uma abertura suficiente para que os maiores navios pudessem passar. Além disso dividiram as zonas de terra que separavam as zonas de mar construindo pontes de uma largura que permitisse a um só trirreme ultrapassar outro, e essas pontes eram cobertas; por baixo delas havia um caminho para os navios, pois as margens eram consideravelmente mais altas que o nível da água. Bem, a maior zona na qual foi barrada a passagem para o mar possuía três estádias de largura, e a zona de terra que vinha em seguida tinha a mesma largura; porém as duas seguintes, tanto a de terra como a de água, tinham duas estádias, e a que circundava a ilha central tinha apenas uma estádia de largura. A ilha na qual ficava o palácio tinha cinco estádias de diâmetro. Isso, mais as zonas e a ponte, que tinha um sexto de estádia de largura, eram cercados por um muro de pedra, com torres de cada lado e portões nas pontes por onde o mar entrava. A pedra empregada nesse trabalho era retirada do subsolo da ilha central e do subsolo" das zonas, tanto do lado de fora como do lado de dentro. Havia pedras brancas, pretas e vermelhas, e à medida que escavavam esvaziavam as pedras que eram duplas por dentro, fazendo telhados de

pedra natural. Algumas de suas construções eram simples, mas em outras colocavam diversos tipos de pedras, que entremeavam pelo prazer de ornamentar, proporcionando uma fonte de deleite natural. O circuito inteiro do muro que circundava tudo era recoberto por uma camada de latão, e o circuito do muro seguinte era coberto de estanho, e o terceiro, que fechava a cidadela, possuía o brilho vermelho do oricalco. Os palácios do interior da cidade eram construídos da seguinte maneira: no centro havia um templo sagrado, dedicado a Cleito e Poseidon, que permanecia inacessível e era cercado por uma grade de ouro; esse era o local onde se originou a raça dos dez príncipes e portanto, todos os anos, levavam os frutos das dez partes da terra e ofereciam sacrifícios a ambos os deuses. Ali era também o templo de Poseidon, com uma estádia de comprimento e meia estádia de largura, com altura proporcional e possuindo uma espécie de esplendor bárbaro. Todo o exterior do templo, com exceção dos pináculos, era recoberto de prata, e os pináculos eram revestidos de ouro. No interior do templo o teto era de marfim, todo enfeitado de ouro, prata e oricalco. Colocaram estátuas de ouro no templo: havia o próprio deus em pé numa carruagem — o auriga de seis

cavalos alados — de tal altura que sua cabeça tocava o teto da construção; em torno dele havia cem nereidas montadas em delfins, pois naquele tempo pensavam que era esse o número de nereidas. No interior do templo havia também outras imagens, doadas por particulares. E em volta do templo, do lado de fora, havia estátuas de ouro dos dez reis e de suas mulheres; e havia muitas outra grandes ofertas, tanto dos reis como de cidadãos, vindas da própria cidade e de cidades estrangeiras sobre as quais tinham domínio. Havia também um altar que, em tamanho e ornamentação, correspondia ao restante, e havia palácios construídos da mesma maneira, dignos da grandeza do reino e da glória do templo.

"Além disso usavam fontes de água fria e quente; essas nascentes eram abundantes, e os dois tipos de água serviam maravilhosamente para o consumo devido à sua qualidade excelente. Faziam construções em torno das nascentes e plantavam árvores adequadas; também possuíam cisternas, algumas abertas e outras cobertas, para serem usadas para banhos quentes no inverno. Havia o banheiro dos reis e os banheiros particulares, que eram separados, e também banheiros especiais para as mulheres, e outros ainda para os cavalos e o gado e que eram adequadamente ornamentados. A água que escorria era conduzida em parte para a gruta de Poseidon, onde cresciam todos os tipos de altas e lindas árvores, devido à excelência do solo; a que sobrava era levada por aquedutos que passavam por cima das pontes para os círculos externos; e havia muitos templos construídos e dedicados a muitos deuses; também jardins e locais para exercícios, alguns para os homens e outros, separados, para os cavalos, em ambas as ilhas formadas pelas zonas; e no centro da maior das duas havia uma pista de corridas de uma estádia de largura e que se estendia em comprimento por toda a volta da ilha, para corridas de cavalos. Havia também casas de guarda em intervalos regulares, para o corpo de guarda; alguns soldados trabalhavam na zona menos importante, que era perto da Acrópole; os de maior confiança recebiam casas dentro da cidadela e protegiam os reis. Os cais eram cheios de trirremes e de depósitos navais, e tudo estava sempre pronto para ser usado. Chega de falar no plano do palácio real. Atravessando as baías de fora, que eram em número de três, chegava-se a um muro que começava no mar e dava a volta: distava, em todos os pontos, de cinqüenta estádias da baía e da zona maior, circundando o conjunto e terminando na saída do canal em direção ao mar. Toda a área era densamente coberta de habitações e o canal e a maior das baías eram cheios de navios e de mercadores que vinham de todas as partes e que, devido ao grande número, faziam dia e noite um alarido contínuo de vozes humanas e diversos barulhos. Repeti suas descrições da cidade e sobre o antigo palácio quase com as mesmas palavras que usou para me contar, e agora devo descrever a natureza e a organização do resto do país. O país todo foi descrito como sendo muito elevado e íngreme junto ao mar, porém as terras que ficavam em torno da cidade formavam uma planície circundada por montanhas que desciam em direção ao mar; era uma planície lisa e nivelada,

de formato alongado, estendendo-se três mil estádias em uma direção e medindo, do mar até o centro da ilha, duas mil estádias; toda a região da ilha fica em direção ao sul e é abrigada ao norte. Drópidas exaltou as montanhas circundantes por sua quantidade, tamanho e beleza, qualidades pelas quais excediam tudo o que possa ser visto hoje em dia em qualquer lugar; nessas montanhas havia também muitas aldeias ricas e povoadas, rios e lagos, e prados que forneciam alimento suficiente para todos os animais, selvagens ou domésticos, e madeira de várias espécies, em abundância, para todos os tipos de trabalho. Agora descreverei a planície, que fora cultivada durante muitas eras por muitas gerações de reis. Era retangular e, em sua maior parte, reta e alongada, e o que não era em linha reta seguia a linha do fosso circular. A profundidade, largura e comprimento desse fosso era incrível, dando a impressão de que uma obra dessas, além de tantas outras, dificilmente poderia ter sido feita pela mão do homem. Mas preciso repetir o que me foi dito. Era escavado numa profundidade de cem pés e tinha uma estádia de largura; dava a volta em toda a planície e tinha dez mil estádias de comprimento. Recebia os riachos que desciam das montanhas, rodeava a planície tocando a cidade em diversos pontos, para depois dirigir-se ao mar. Na planície havia canais retos, de cem pés de largura, que eram ligados ao fosso que ia para o mar; entre esses canais havia um intervalo de cem estádias e através deles a madeira era trazida das montanhas para a cidade, e também os frutos da terra seguiam para a cidade em navios que usavam passagens transversais para irem de um canal a outro. Duas vezes por ano colhiam os frutos da terra — aproveitando a chuva, no inverno, e usando a água dos canais no verão. Quanto à população, cada lote da planície tinha um chefe nomeado para dirigir os homens aptos para o serviço militar, e o tamanho de cada lote era um quadrado de dez estádias de lado e o número total de lotes era de sessenta mil.

"Quanto aos habitantes das montanhas e do resto do país, havia também uma multitude que possuía líderes a quem obedeciam, dependendo da localização de suas casas e aldeias. Em tempo de guerra o líder tinha que fornecer a sexta parte dos carros de guerra, para que houvesse um total de dez mil carros; também dois cavalos com cavaleiros montados, e um carro leve, sem assento, acompanhado por um guerreiro a pé carregando um pequeno escudo e um auriga montado para dirigir os cavalos; era também obrigado a fornecer dois arremessadores, dois lançadores de pedras e três homens com dardos, que eram lutadores de escaramuças, e quatro marinheiros para complementar a tripulação de mil e duzentos navios. Era assim a ordem da guerra na cidade real — as dos outros nove governos eram todas diferentes entre si e seria cansativo descrevê-las. Quanto aos cargos e honrarias, era a seguinte a organização básica: cada um dos dez reis, em sua própria divisão e em sua cidade, tinha o controle absoluto de todos os cidadãos e muitas vezes das leis, punindo ou matando quem bem desejasse.

"Quanto às relações entre os governos, eram reguladas pelas injunções de

Poseidon segundo a lei que lhes tinha sido entregue. Essas leis foram gravadas pelos primeiros homens numa coluna de oricalco que ficava situada no meio da ilha, no templo de Poseidon, onde o povo se reunia a cada cinco ou seis anos, alternadamente, honrando portanto igualmente o número ímpar e o número par. E quando estavam reunidos discutiam os assuntos públicos, indagavam se alguém havia cometido alguma transgressão e julgavam o culpado de acordo — e antes de julgá-lo davam-se em penhor um ao outro da seguinte maneira: havia touros que eram designados para o templo de Poseidon; e quando os dez eram deixados a sós, após terem orado pedindo aos deuses que aceitassem os sacrifícios que lhes fossem agradáveis, perseguiam os touros desarmados, usando apenas cordas e paus; e quando agarravam um touro levavam-no para a coluna; e golpeavam-lhe a cabeça e matavam-no junto à inscrição sagrada. Bem, estava gravado na coluna, além das leis, um voto invocando terríveis pragas sobre quem desobedecesse. Quando, portanto, depois de oferecerem os sacrifícios de acordo com o costume, haviam queimado as pernas do touro, preparavam uma taça e nela colocavam um coágulo de sangue para cada um; levavam o resto do animal para o fogo depois de terem feito uma purificação em torno de toda a coluna. Em seguida bebiam o líquido da taça em recipientes de ouro e, brindando ao fogo, juravam que haviam de julgar de acordo com as leis da coluna e que puniriam todo aquele que as houvesse transgredido e que no futuro não transgrediriam qualquer das inscrições e não ordenariam nem obedeceriam a ninguém que os mandasse agir de maneira que não fosse conforme às leis de seu pai Poseidon. Era essa oração que cada um deles oferecia por si e por sua família, enquanto bebiam, e dedicando o recipiente de ouro no templo do deus; depois de terem passado o tempo necessário jantando, quando a noite chegava e o fogo do sacrifício tinha esfriado, todos eles vestiam lindas roupas azuis e, sentados no chão, junto às cinzas dos sacrifícios sobre os quais tinham feito juramentos, e tendo apagado todo o fogo aceso no templo, passavam ao julgamento, caso algum deles tivesse alguma acusação a fazer contra o outro; e quando haviam terminado o julgamento, ao raiar do dia, escreviam suas condenações numa placa de ouro e deixavam-na, junto com as roupas, como monumento. Havia muitas leis que diversos reis tinham escrito nos templos, porém a mais importante era a seguinte; não guerreariam um contra o outro e todos viriam em auxílio se alguma cidade tentasse derrubar a casa real. Como seus antepassados, deliberavam em comum sobre a guerra e outros assuntos, pertencendo a supremacia à família de Atlas; e o rei não tinha poder de vida ou morte entre seus pares, a menos que tivesse o consentimento da maioria dos dez reis.

"Assim era o vasto poder que o deus deixou na ilha perdida da Atlântida; e isso ele mais tarde dirigiu contra nossa terra sob o seguinte pretexto, segundo a tradição: durante muitas gerações, enquanto durou neles a natureza divina, eles eram obedientes às leis, e queriam bem aos deuses, que eram seus pares; pois possuíam, em verdade, grandes espíritos, sendo gentis sábios em todas as

ocasiões da vida e em suas relações uns com os outros. Desprezavam tudo o que não fosse virtude, não ligando para seu estado de vida presente, desapegados da posse do ouro e de outras propriedades, que eram para eles apenas uma carga; também não se deixavam inebriar pela luxúria; nem a fortuna lhes tirava o autocontrole, porém eram sóbrios e viam claramente que todos esses bens aumentam pela mútua amizade virtuosa e que, através de um zelo excessivo por eles, e em nome deles, o melhor se perde e a amizade perece com eles.

"Através dessas reflexões e pela continuação das mesmas numa natureza divina, tudo aquilo que descrevemos cresceu e aumentou com eles; mas quando essa parte divina começou a se apagar, e freqüentemente se diluiu com muitas misturas de natureza mortal, e a natureza humana começou a se mostrar mais forte, então eles, incapazes de suportar sua riqueza, tornaram-se inconvenientes e, para quem estivesse atento, começaram a se mostrar indignos e haviam perdido o maior de seus preciosos dons; mas para quem não estivesse atento, continuavam a parecer gloriosos e abençoados nos momentos em que estavam cheios de avareza e poder. Zeus, o deus dos deuses, que reina com a lei e que é capaz de ver essas coisas, percebendo que uma raça honrada estava em péssimo estado, e desejando castigá-los, para que fossem purificados e aperfeiçoados, chamou todos os deuses para a mais santa habitação que, sendo localizada no centro do mundo, vê todas as coisas. E, tendo-os chamado, falou-lhes da seguinte maneira...

Não há registro de que Platão jamais tenha terminado o segundo diálogo sobre a Atlântida ou tenha escrito um terceiro, que havia anunciado mas aparentemente jamais escreveu; ou, se escreveu, foi perdido. O poema *Atlantikos,* atribuído a Solon, também desapareceu no decurso dos séculos.

O relato de Platão foi defendido e rejeitado desde que foi escrito. Alguns comentaristas afirmam que não apenas Solon, mas também Platão, mais tarde, visitaram o Egito e confirmaram pessoalmente essa informação — assim como o fez Krantor, um dos discípulos de Platão — de que todos eles tinham "visto a evidência". De qualquer maneira, esse escrito de Platão teve um impacto considerável sobre o pensamento humano através dos séculos e ainda hoje. Alguns críticos da teoria da Atlântida insinuaram que a Atlântida só é lembrada por causa de Platão. No entanto, considerando-se o crescente interesse sobre o assunto através dos séculos e ainda hoje, será que não se trata, pelo menos no conceito popular, do inverso?

Aristóteles (384-322 a.C), ex-discípulo de Platão, está registrado como um dos primeiros a descrer da Atlântida, se bem que ele próprio tenha escrito sobre uma grande ilha no Atlântico, conhecida pelos cartagineses como *Antilia.*

Krantor (séc. IV a.C), discípulo de Platão, relatou que também ele vira as colunas nas quais estava registrada a história da Atlântida tal como narrada por Platão. Outros escritores antigos escreveram sobre um continente no

Atlântico, algumas vezes com nomes diferentes de Atlântida, chamando-o às vezes de Poseidonis, que vem de Poseidon, o deus do mar e senhor da Atlântida.

Plutarco (46-120) escreveu sobre um continente chamado Saturnia e sobre uma ilha no oceano chamada Ogygia, que ficava a cinco dias de navio do oeste da Bretanha. O nome Ogygia também é encontrado em Homero, como sendo a ilha natal da ninfa Calipso.

Marcelinus (330-395), um historiador romano, escreveu que a "inteligência" de Alexandria considerava a destruição da Atlântida como um fato histórico, descrevendo um tipo de terremoto "que subitamente, por uma moção violenta, abriu enormes bocas e assim engoliu porções da terra, como no mar Atlântico, na costa da Europa, uma grande ilha foi engolida..."

Proclus (410-485), membro da escola neoplatônica, afirmou que não longe do oeste da Europa havia algumas ilhas cujos habitantes ainda se lembravam de uma grande ilha que em certa época os dominava e que fora engolida pelo mar. Ao comentar Platão, escreveu "... que uma ilha dessas, de tal tamanho, existiu em determinada época é um fato evidente, segundo o que é contado por certos historiadores em relação ao mar externo. De acordo com eles havia, em sua época, sete ilhas naquele mar, consagradas a Perséfone, e três outras de grande tamanho, uma das quais era consagrada a Plutão, uma a Ammon e uma a Poseidon, tendo essa última uma área de mil estádias. Também dizem eles que os habitantes dessa ilha dedicada a Poseidon guardavam a lembrança de seus antepassados e da ilha atlântica que ali existia e que era realmente maravilhosa; e que durante séculos dominara todas as ilhas do mar Atlântico e era consagrada a Poseidon..."

Homero (séc. VIII a.C.) fala, na *Odisséia,* da deusa Atena, que disse: "Nosso pai, filho de Kronos, excelso governante... meu coração está partido por causa do sábio Odisseus, pobre homem, que há tanto tempo deixou seus amigos, vivendo tristemente numa ilha cercada pelo mar no próprio centro do mar. Nesta ilha cheia de árvores habita uma deusa, filha do astucioso Atlas, que conhece a profundidade de todos os mares e sustenta os altos pilares que separam a terra do céu..."

As referências a Atlas e Kronos são especialmente interessantes em relação à "ilha cercada pelo mar no próprio centro do mar". Mais adiante Homero narra que o barco de Odisseus atingiu "o limite do mundo, o profundo Okeanos. Ali ficam as terras e a cidade de Kimmerioi, velada por bruma e nuvens..."

Na *Odisséia* Homero fala de Scheria, uma ilha afastada no oceano onde os faécios "... viviam afastados, longe na profundidade imensurável em meio às ondas — os mais remotos homens..." Também descreve a cidade de Alcino, atribuindo-lhe uma soma de riqueza e de magnificência que lembra uma das descrições da Atlântida por Platão. Apesar da diferença de nomes essa poderosa ilha de Scheria é outra indicação da lembrança de uma ilha continental que ficava depois das Colunas de Hércules no oceano a oeste.

Como, segundo Platão, suas informações básicas sobre a Atlântida provieram de registros egípcios, pensa-se que deveria haver mais referências à Atlântida em tais documentos. Algumas referências nesses registros foram interpretadas dessa maneira, tais como "o reino dos deuses" sobre o Egito durante milhares de anos antes da primeira dinastia egípcia de que se tem notícia. Além disso, o escritor e sacerdote egípcio Manetho fornece a indicação de que a data em que os egípcios mudaram seu sistema de calendário ocorreu na mesma época em que Platão indica o afundamento da Atlântida — há onze mil e quinhentos anos atrás. Outros registros egípcios "perdidos" parecem ter estado no museu de São Petersburgo, antes da revolução russa.

Consta que um registro muito intrigante relata uma expedição enviada por um faraó da Segunda Dinastia para descobrir o que acontecera à Atlântida e descobrir se ainda restara alguma coisa. Consta que essa expedição voltou a cinco anos depois com a missão muito compreensivelmente não cumprida. Os registros egípcios também falam de invasões pelos "povos do mar", que vieram "dos confins da terra", e ilustraram-nos nas monumentais pinturas murais que ainda hoje podem ser vistas em Medinet Habu.

Apesar de a maioria dos papiros egípcios terem sido queimados na destruição da biblioteca de Alexandria, talvez existam outros registros escritos em algum túmulo egípcio não descoberto, e em bom estado de conservação graças ao clima seco do Egito.

Heródoto (séc. V), o historiador grego, deixou várias referências a um nome parecido com Atlântida, assim como a uma cidade misteriosa no Oceano Atlântico, que alguns consideraram como sendo uma colônia da Atlântida ou um protótipo da própria Atlântida. Ele escreveu: "Os primeiros gregos que empreenderam longas viagens" conheciam a Ibéria (Espanha) e uma cidade chamada Tartessos, "... além das Colunas de Hércules..." de onde os primeiros mercadores retiravam, na viagem de volta, um lucro maior que qualquer outro grego da época..." (Esse trecho é curiosamente moderno, ligando fatos acontecidos há milênios, na antigüidade remota, às frotas de Niarchos e Onassis!)

Em outra parte de suas histórias Homero se refere a uma tribo chamada Atarantes e também a outra tribo, os Atlantes, "... cujo nome provém de uma montanha chamada Atlas, cônica e arredondada; tão alta, além do mais, que dizem que seu cume nunca pode ser avistado, pois as nuvens jamais o permitem nem no verão nem no inverno..."

Heródoto se interessava pela História antiga e pela História contemporânea da época, e acreditava que o Atlântico ficou ligado à bacia mediterrânea devido a um terremoto que quebrou um trecho de terra em Gibraltar. Ao serem encontrados fósseis de conchas do mar nas colinas egípcias, Heródoto fez especulações sobre a possibilidade de existirem terras antigas submersas e terras atuais serem o antigo fundo do mar.

Nas *Guerras do Peloponeso,* Tucídides (460-400 a.C), falando de

terremotos, escreveu: "... O mar em Orobiai, na Eubóia, afastando-se do que era então a linha costeira e levantando-se numa grande onda, cobriu uma parte da cidade; depois retirou-se em alguns lugares, mas em outros a inundação foi permanente, e o que era anteriormente terra é mar hoje em dia. As pessoas que não conseguiram fugir para o alto morreram. Uma inundação semelhante ocorreu nas vizinhanças de Atalante, uma ilha na costa de Opuntia Locri..."

Timágenes (séc. I), um historiador grego, comentando os habitantes da antiga Gália, menciona uma história corrente entre eles, segundo a qual haviam em certa época sofrido invasões por parte dos habitantes de uma ilha que posteriormente afundou. Mais adiante diz que alguns dos próprios gauleses acreditavam que provinham de uma ilha remota, no meio do oceano.

Um manuscrito chamado *A Respeito do Mundo,* atribuído a Aristóteles, evidencia da maneira seguinte a crença em outros continentes: "... mas há provavelmente muitos outros continentes, separados do nosso pelo mar que precisamos atravessar para alcançá-los, alguns maiores e outros menores, mas todos invisíveis para nós, com exceção do nosso. Pois todas as ilhas estão ligadas aos nossos mares, assim como o mundo habitado em relação ao Atlântico, e assim também muitos continentes em relação ao mar inteiro; pois eles são ilhas cercadas pelo mar..."

O seguinte escrito de Apolodoro (séc. II), em *A Biblioteca,* é fora do comum em sua referência às Plêiades: "...Atlas e Pleione, filha de Okeanos, tinham sete filhas, chamadas Plêiades, nascidas de Kylene em Arcádia, a saber: Alcione, Kelaino, Electra, Sterope, Taygete e Maia... E Poseidon teve relações com duas delas, primeiro com Kelaino, de quem nasceu Licos, que Poseidon fez habitar as ilhas de Blest, e depois com Alcione..." Ao contar sobre as ilhas de Blest, no Oceano Atlântico, Plutarco fala de suaves brisas, fresco orvalho e habitantes que "podem aproveitar todas as coisas sem perturbação ou trabalho". As estações são "temperadas" e as transições "tão moderadas que existe a firme crença, mesmo entre os bárbaros, que lá é o berço dos abençoados, e que lá ficam os campos elíseos celebrados por Homero..."

Diodoro Siculus, o Siciliano (séc. I a.C), descreveu em detalhe uma guerra entre as Amazonas e um povo chamado Atlantioi. As amazonas vinham de uma ilha a oeste, chamada Hespera, que ficava no pântano de Tritonis, "próximo ao oceano que envolve o mundo" e da montanha "que os gregos chamam de Atlas..." Mais adiante diz: "... Dizem também que o pântano de

Tritonis desapareceu de vista durante um terremoto, quando as partes que ficavam perto do oceano foram submersas..."

Mais adiante ainda Diodoros cita o mito dos Atlantioi: "... O reino era dividido entre os filhos de Uranos, os mais famosos dos quais eram Atlas e Kronos. Desses filhos Atlas recebeu como sua parte as regiões na costa do oceano, e ele não só deu o nome de Atlantioi a seu povo mas também deu à maior montanha o nome de Atlas. Dizem também que ele aperfeiçoou a ciência da astrologia e foi o primeiro a proclamar ao mundo a doutrina da

esfera; e é por esse motivo que se acredita que todo o céu era sustentado pelos ombros de Atlas..."

Diodoros conta mais detalhes sobre as filhas de Atlas, tais como descritas por Apolodoros, dizendo que elas "... deitaram com os mais famosos deuses e heróis, tornando-se as primeiras antepassadas da maioria das raças de seres humanos... Essas filhas também eram conhecidas por sua castidade, e depois de sua morte atingiram uma honra imortal entre os homens, pelos quais foram entronizadas nos céus e chamadas pelo nome de Plêiades..."

Mais adiante faz uma agradável descrição da ilha da Atlântida: "... pois existe nas profundezas perto da Líbia uma ilha de tamanho considerável e situada no oceano a uma distância de alguns dias de viagem da Líbia para oeste. Sua terra é fértil, dominada por montanhas e com uma planície de beleza inigualável. É atravessada por rios navegáveis que são usados para irrigação e a ilha tem muitas partes plantadas de árvores de toda espécie e inúmeros jardins que são cortados por riachos de água doce; na ilha existem também casas particulares de construção muito cara, e por entre os jardins foram construídas casas de banquetes cercadas de flores e lá os habitantes passam o tempo no verão... Há também caças maravilhosas de todo tipo de animais selvagens..."

"E, falando de modo geral, o clima dessa ilha é tão suave que produz em abundância os frutos das árvores e as frutas sazonais do ano, parecendo que a ilha, devido a sua felicidade excepcional, era uma moradia de deuses e não de homens..."

Teopompos (séc. IV a.C), registra uma conversa entre o Rei Midas e um certo Silenos, descrevendo um grande continente externo povoado por tribos guerreiras, uma das quais tentara uma conquista do "mundo civilizado". (O valor comparativo dessa fonte torna-se menor devido ao fato de que Silenos era um sátiro que o Rei Midas conseguiu apanhar fazendo-o beber vinho grego até ficar embriagado.)

Tertuliano (160-240), refere-se ao afundamento da Atlântida ao discutir as mudanças da terra: "... a qual, ainda agora,... sofre mutações locais... quando Delos não existe mais entre suas ilhas... Samos, um monte de areia... Quando se procura em vão, no Atlântico, a ilha igual em tamanho à Líbia ou à Ásia; quando... o lado da Itália, cortado pelo meio devido ao choque dos mares Tirreno e Asiático, deixa a Sicília como relíquia..."

A referência à abertura do Estreito da Sicília também é comentada por Philo Judaeus (20 a.C. — 40 a.D.), que escreveu: "Pensem em quantos lugares da terra firme, não apenas os que ficavam próximos à costa, mas até os que se localizavam bem para dentro, foram submersos pelas águas; e pensem em como é grande a proporção de terra que se tornou mar e é agora navegado por inúmeros navios. Quem desconhece o sagrado Estreito da Sicília, que nos tempos antigos unia a Sicília ao continente italiano?"

Mais adiante cita três cidades gregas que jazem no fundo do mar — Aigara, Boura e Helike. (Helike está sendo hoje em dia procurada através de

modernos métodos arqueológicos, perto da cidade de Corinto). Finalmente faz uma referência à "ilha de Atlantes que, como disse Platão, ...em um dia e uma noite foi submersa pelo mar em conseqüência de um extraordinário terremoto e de uma inundação".

Uma referência de um cristão primitivo, Arnobius Afer (séc. III), queixa-se de que os cristãos estavam sendo acusados por tudo o que acontecia. Escreve ele: "Teremos sido nós (cristãos) que fizemos com que, há dez mil anos atrás, um grande número de homens tenha partido da ilha que é chamada a Atlântida de Netuno, como nos conta Platão, para devastar e liquidar totalmente inúmeras tribos?"

Aelius (Claudius Aelianus — séc. III), um escritor clássico, faz uma referência pouco comum à Atlântida em sua obra *A Natureza dos Animais.* Ao falar dos "carneiros do mar" (que se imaginava fossem focas), ele diz que esses animais "... passam o inverno nas vizinhanças do estreito que separa a Córsega da Sardenha... o carneiro macho possui uma faixa branca na cabeça. Parece o diadema do Lisímaco ou Antígonus ou algum outro rei da Macedônia. Os habitantes das orlas marítimas dizem que, em outros tempos, os reis da Atlântida, descendentes de Poseidon, usavam na cabeça, como símbolo do poder, a faixa dos carneiros machos, e que suas esposas, as rainhas, usavam, como símbolo de seu poder, faixas como as das ovelhas do mar..."

Esta citação de Aelius, que chegou a nós através dos séculos não como uma descrição da Atlântida mas apenas como uma observação casual, dá a certeza da crença geral que havia, na época clássica, da existência da Atlântida.

Que podemos deduzir dessa alusão e de outras referências clássicas similares? Apesar de algumas delas serem aparentemente contraditórias e apesar da diferença de nomes e das maneiras de escrevê-los, parece haver certos pontos em comum. O antigo mundo mediterrâneo acreditava que havia terras ou um continente no Atlântico e guardavam lembranças um tanto confusas sobre contatos havidos e também sobre invasões hostis ou forças expedicionárias que vieram dessas terras. Finalmente, havia uma tradição comum de que a terra ou as terras haviam sido submersas pelo oceano.

Kosmas Indikopleustes, outro cristão da antigüidade (séc. VI), parece ter sido há séculos o precursor da reivindicação russa "nós inventamos primeiro", quando diz que Platão "... exprimiu idéias semelhantes às nossas com modificações... Ele menciona as dez gerações assim como aquela terra que jaz no fundo do oceano. Em resumo, é evidente que todos eles copiam Moisés e publicam suas palavras como se fossem deles..." Provavelmente Kosmas estava pensando nas referências bíblicas às gerações antes do grande dilúvio que dizimou os habitantes da Terra devido à sua maldade. Porém a referência bíblica a um dilúvio é apenas uma pequena parte de uma lenda que é comum a povos de todas as partes do mundo, com exceção da Polinésia.

Do ponto de vista do pesquisador moderno, portanto, as provas escritas

não são definitivas. Mas será que podem ser? É preciso lembrar que os antigos não escreviam para os pesquisadores modernos e que, numa época anterior aos computadores, gravadores, e até mesmo à imprensa, a informação era transmitida de maneira completamente diferente, sendo os deuses e os mitos pontos de referência para o que se escrevia. As provas da existência da Atlântida devem ser procuradas em outras fontes, assim como nos comentários por escrito dos escritores antigos.

4 - A Atlântida — Uma Lembrança que Persiste

A tradição do dilúvio, narrada no Gênesis, é comum a babilônios, assírios, persas, egípcios, às cidades-Estados da Ásia Menor, Grécia e Itália; também podemos encontrá-la em cidades em torno do Mediterrâneo, Mar Cáspio, Golfo Pérsico, e até mesmo na índia e na China.

Seria plausível que histórias de um dilúvio, da salvação de pessoas escolhidas por Deus para continuar a civilização e da construção de uma grande arca antes do dilúvio fosse propagada através da Ásia pelas grandes rotas das caravanas. Explicar a semelhança entre as lendas nórdicas e celtas já seria mais difícil. Mas como se poderia explicar que os índios americanos tenham lendas sobre o dilúvio, referindo-se à salvação através de navios vindos do oriente?

Quando estudamos lendas do dilúvio um fato curioso vem à luz: *todas* as civilizações parecem ter a mesma história. É concebível que os povos mediterrâneos conservassem a tradição de um desastre comum a todos, mas como os índios americanos poderiam saber disso e ter lendas quase idênticas?

De acordo com antigos documentos astecas, por exemplo, o Noé do México foi Coxcox, também chamado Teocipactli ou Tezpi, que se salvou com sua mulher num barco ou jangada de cipreste. Pinturas retratando o dilúvio foram descobertas entre os astecas, mistecas, zapotecas, tlascalanos e outros. A semelhança da tradição desses povos com a narração do Gênesis e dos documentos caldeus é impressionante: Tezpi embarcou numa grande arca com sua mulher, seus filhos, alguns animais e sementes, cuja preservação era fundamental para a sobrevivência da raça humana. Quando o deus supremo Tezxatlipoca decidiu que as águas baixassem, Tezpi enviou um abutre; mas o pássaro, vendo as carcaças que cobriam a terra, não voltou. Tezpi enviou outros pássaros, mas só o beija-flor voltou, trazendo um galho no bico. Então Tezpi, vendo que o campo já estava florescendo, deixou a arca no Monte Colhuacau.

O Popol Vuh era uma crônica escrita em hieróglifos maias que foi queimada pelos espanhóis durante as guerras de conquista e depois traduzida de memória para línguas latinas. Essa lenda maia sobre o dilúvio conta o seguinte: "Então as águas foram agitadas pelo desejo do Coração do Paraíso (Hurakán), e uma grande inundação arrasou essas criaturas... Eles foram tragados e uma névoa escura desceu dos céus... a Terra escureceu, e uma chuva torrencial caiu — chovia de dia e à noite... Houve um estrondo sobre suas cabeças, como se fosse produzido por fogo. Então os homens correram, tentando salvar-se uns aos outros, cheios de desespero; tentavam subir nas casas e as casas caíam; tentavam subir nas árvores e estas caíam; tentavam entrar nas grutas, e elas fechavam... Água e fogo contribuíram para a ruína universal durante o último grande cataclismo que precedeu a quarta criação."

Os primeiros colonizadores da América do Norte anotaram uma lenda das

tribos dos Grandes Lagos: "Há muito tempo o pai das tribos indígenas habitava a *região do sol nascente.* Avisado em sonhos de que um dilúvio cairia sobre a Terra, ele construiu uma jangada na qual se salvou com sua família e todos os animais. Navegou por muitos meses. Os animais, que naquele tempo falavam, reclamavam e murmuravam contra ele. Finalmente uma nova terra apareceu, e ele desembarcou com todos os animais, que desde então perderam a fala, como castigo por suas conspirações contra o seu salvador."

George Catlin, antigo estudioso dos índios americanos, cita uma tradição em que o personagem principal é conhecido como "o único homem" que "viajou" através da aldeia, parando em cada cabana e gritando até que o dono da cabana viesse perguntar o que acontecera. A essa pergunta ele respondia contando a história da "triste catástrofe que se abatera sobre a superfície da Terra através de uma inundação", e dizendo que ele era "a única pessoa salva da calamidade universal"; atracou seu barco numa montanha do oeste, onde mora agora, e veio abrir uma farmácia. Para isso precisava de ferramentas que lhe seriam dadas pelo proprietário de cada cabana; se isso não fosse feito haveria um novo dilúvio e ninguém se salvaria, já que era com essas ferramentas que o barco seria construído.

Uma lenda hopi descreve um lugar em que grandes cidades foram criadas e a navegação floresceu; mas quando o povo se tornou corrupto e violento, um grande dilúvio destruiu o mundo. "Ondas mais altas que montanhas caíram sobre a terra; os continentes se partiram e foram submersos pelos mares." A tradição iroquesa sustenta que o mundo foi destruído pela água, e apenas uma família se salvou, com dois animais de cada raça.

Índios colombianos, os chibchas, têm uma lenda que diz que o dilúvio foi causado pelo deus Chibchacun, condenado pelo deus supremo Bochica a sustentar a Terra sobre as costas. Diz-se então que os terremotos acontecem quando Chibchacun se mexe. (Na lenda grega, Atlas sustenta o céu, e às vezes a Terra, em seus ombros.) E a lenda do dilúvio dos chibchas é muito semelhante à grega: para se livrar da água que cobria a terra após o dilúvio, Bochica abriu um buraco em Tequendama — na lenda grega as águas desapareceram pelo orifício de Bambicia.

Essas lendas sobre o dilúvio estão, de modo geral, tão próximas a nós, que é difícil percebermos que elas já corriam antes da chegada dos homens brancos ao Novo Mundo. Os invasores espanhóis no Peru descobriram que a maioria dos povos do império inca acreditava que houvera um dilúvio do qual se salvaram apenas alguns homens escolhidos pelo Criador para repovoar a Terra.

Uma lenda inca sobre um dos sobreviventes conta que ele soube que viria um dilúvio quando notou que suas lhamas estavam tristes e olhando fixamente para o céu. Avisado por isso, fugiu com sua família para uma montanha e se salvou. Uma lenda diz que as chuvas duraram sessenta dias e sessenta noites, ou seja vinte a mais do que na Bíblia.

Na costa leste da América do Sul os índios guaranis têm uma lenda sobre Tamandaré que, quando as chuvas caíram e começaram a inundar a Terra, ficou no vale, em vez de subir para as montanhas com seus companheiros. Quando as águas subiram ele subiu numa palmeira e comeu frutas enquanto esperava. As águas arrancaram a palmeira, e Tamandaré e sua mulher usaram-na como barco, enquanto a terra, as florestas e a montanha desapareceram. Quando as águas tocaram o céu, Deus fez com que elas parassem, e Tamandaré, que pararà no alto de uma montanha, desceu ao ouvir o bater das asas de um pássaro celeste como sinal de que as águas estavam acabando, e começou a repovoar o mundo.

Os Noés do Mediterrâneo, Europa e Oriente Médio, devido à existência de documentos escritos, são melhor conhecidos por nós — como o nome próprio de Ut-Napishtim da Babilônia, o Baisbasbata do Mahabarata hindu, o Yima da lenda persa e o Deucalion da mitologia grega, que repovoaram a Terra com pedras que se transformaram em homens. Aparentemente existiram vários Noés, mas um não sabia da existência do outro.

A razão do dilúvio, em todas essas lendas, é quase sempre a mesma: a humanidade se tornou má, e Deus decidiu destruí-la, mas salvou um casal bom que começasse tudo de novo.

Essa lembrança comum de um grande dilúvio seria certamente compartilhada pelos povos dos dois lados do Atlântico; se a Atlântida tivesse submergido na catástrofe descrita por Platão, não só as marés teriam subido no mundo inteiro, mas outras terras teriam submergido, e as tempestades, os ventos e os terremotos fariam o observador crer que o mundo estava realmente acabando. O sétimo capítulo do Gênesis oferece um testemunho bastante claro da combinação da chuva com a subida das águas: "No mesmo dia todas as fontes que jaziam em grandes profundidades vieram à superfície, e as janelas do céu se abriram..."

Essas lendas sobre o dilúvio podem se referir ao desaparecimento da Atlântida ou à enchente do Mediterrâneo, ou talvez aos dois fatos. Além dessas tradições comuns, há a questão do próprio nome, isto é, dos nomes dados ao paraíso terrestre ou ponto de origem da tribo ou nação. Esses nomes são especialmente semelhantes entre os índios da América do Sul e do Norte, como vimos nos nomes Aztlán e Atlán, Tolán, e do outro lado do Atlântico na semelhança dos nomes de terras perdidas, como Avalon, Lyonesse, Ys, Antilla, a ilha Atlântica das sete cidades e, no antigo Mediterrâneo, Atlantis, Atalanta, Atarant, Atlas, Aaru, Aulu e outras que vimos com mais detalhes no capítulo 1. Todas essas lendas se referem a uma terra que está sob o mar.

É interessante levar-se em conta que, até hoje, algumas dessas raças conservam a tradição de que descendem dos habitantes da Atlântida, ou de que seus antepassados foram culturalmente influenciados por eles. Esse fato é especialmente marcante entre os bascos do norte da Espanha e sudoeste da França, cuja língua não tem nada em comum com as demais línguas européias. Os berberes, cuja língua tem alguns pontos em comum com a dos

bascos, mantêm a tradição da existência de um continente a oeste.

Representação asteca de Aztlán, a pátria original, desenhada num manuscrito ilustrado, após a Conquista.

A crença na existência da Atlântida é largamente difundida em Portugal, Brasil, e certas regiões da Espanha; esse fato é bastante explicável se considerarmos que, se a Atlântida realmente existiu, a parte oeste da Península Ibérica seria a parte da Europa mais próxima àquele continente.

Um dos clássicos da Catalunha, publicado em 1878, consiste num longo poema chamado *La Atlântida,* de Jacinto Verdaguer; e essa é apenas uma das muitas criações literárias de povos que acreditam ser direta ou indiretamente descendentes do Continente Perdido.

Ê curioso, por exemplo, ler em um jornal português atual que o chefe do Estado visitou "os vestígios da Atlântida", referindo-se aos Açores. Há tradições sobre a Atlântida nos Açores, mas elas foram trazidas, sem dúvida nenhuma, pelos portugueses, que encontraram as ilhas inabitadas. Os habitantes das Ilhas Canárias, de acordo com os exploradores espanhóis, eram uma raça branca primitiva, que conhecia a escrita e tinha tradições definidas que os diziam sobreviventes de um grande império. Sua sobrevivência terminou quando foram redescobertos, pois os invasores espanhóis os dizimaram. Falta-nos, portanto, aquilo que poderia ser um fascinante e talvez único elo entre a Atlântida e o nosso tempo.

Povos celtas do oeste da França, Irlanda e País de Gales têm lembranças de antigos contatos com os povos que vieram de sob o mar. Na Bretanha há antigas "avenidas" de menires, pedras colossais que descem pelo litoral do Atlântico e continuam sob o mar. Embora nem mesmo o atlantologista possa sugerir que essas "estradas" submarinas levem à Atlântida, elas

provavelmente levam às cidades gaulesas junto à costa, agora submersas. Num sentido mais espiritual, pode-se dizer que essas estradas levam à Atlântida, na medida em que nos fazem lembrar das terras que se perderam sob o mar.

Se a Atlântida realmente existiu, e sua civilização foi destruída, por que não se organizaram buscas mais sérias, a fim de descobrir o que aconteceu? Talvez, para os povos que viviam naquela época, o mundo estava prestes a acabar, e aventurar-se no Atlântico, sob qualquer pretexto, era algo que deveria ser evitado.

Atualmente podemos quase afirmar que os fenícios (que alguns atlantologistas consideram como os sobreviventes da Atlântida) e seus descendentes, os cartagineses, foram os únicos povos navegadores antigos que atravessaram o Estreito de Gibraltar em direção ao Atlântico. Esses povos fizeram o possível para manter suas rotas em segredo e desencorajar os romanos e outros competidores a se intrometerem em seu comércio. Eles queriam perpetuar a afirmação de Platão de que "é impossível passar por aquela parte do mar, devido à grande quantidade de lama existente... remanescente da ilha que submergiu..."

O poeta cartaginês Avienus conta-nos sobre um relato de viagem pelo Atlântico feito pelo Almirante Himilco em 500 a.C:

"Nenhuma brisa sopra, tão morto é o vento desse mar preguiçoso... Há tantas algas que o navio não pode seguir em frente... O mar não é muito profundo, e a superfície da terra mal é coberta por uma fina camada de água... Monstros marinhos movem-se continuamente, ameaçando os navios..."

Um relato sobre viagens pelo Atlântico é atribuído a Pausânias, em *Descrição da Grécia,* onde ele cita Eufemo, o carian (fenício). O relato de Eufemo desencoraja qualquer viagem pelo Atlântico, especialmente para mulheres:

"Em sua viagem para a Itália ele saiu de seu curso devido aos ventos e/oi carregado para o mar aberto, além das rotas dos navegadores. Afirma que havia muitas ilhas desabitadas, enquanto outras eram habitadas por selvagens... As ilhas eram chamadas Satíridas pelos marinheiros, e os habitantes tinham cabelos vermelhos e rabos quase do tamanho dos de cavalos. Logo que viram os visitantes correram para o navio sem dar um grito e atacaram as mulheres. Finalmente os marinheiros, amedrontados, atiraram uma mulher estrangeira na ilha. Os sátiros se aproveitaram dela não só da maneira usual, mas também da maneira mais chocante... "

Houve outro incidente que desencorajou bastante os navegadores gregos. Alexandre o Grande, depois de conquistar Tiro. na Fenícia, enviou uma frota ao Oceano Atlântico para conquistar outras cidades fenícias que fossem encontradas além do Mediterrâneo. A frota saiu para o mar e nunca mais se ouviu falar dela.

Os cartagineses fizeram o possível para manter suas rotas comerciais do Atlântico em segredo dos gregos e egípcios, e principalmente dos romanos. Quando as lendas sobre monstros não conseguiam desencorajar a competição, eles tomavam medidas mais drásticas. Sabemos de ocasiões em que navios cartagineses, seguidos por navios romanos através do Estreito de Gibraltar, preferiram pôr-se a pique a revelar seu destino. Em outras ocasiões, os cartagineses resolviam o problema afundando o navio concorrente e matando seus tripulantes.

Entre as terras do Atlântico visitadas pelos cartagineses estava, segundo Aristóteles, a Ilha de Antilia, um nome bastante semelhante a Atlântida. Os cartagineses eram tão preocupados em manter isso em segredo, que a simples menção desse nome era punida com a morte. Acredita-se que os cartagineses tenham conquistado Tartessos, uma cidade rica e civilizada na costa oeste da Espanha, junto à foz do rio Guadalquivir. Essa cidade talvez seja a Tarshish citada na Bíblia por Ezequiel, que disse: "Tarshish era vosso mercado devido à quantidade existente de todos os tipos de riqueza; com prata, ferro, estanho e chumbo eles comerciavam em vossas feiras." Tartessos e sua cultura desapareceram no século VI a.C. Se essa cidade era, como foi dito, uma das colônias da Atlântida, sua destruição representa ainda uma possível ligação com aquela civilização.

Os povos que habitam o litoral leste do Atlântico possuem mitos de terras perdidas e ilhas cujos nomes são freqüentemente semelhantes ao da Atlântida, como no caso de Avalon, Lyonesse, Antilia, e em outras ocasiões bastante diferentes, como em Ilha de São Brendan e Brasil. Em algumas ocasiões é simplesmente descrita como "a ilha verde que está sob as ondas".

Os irlandeses tinham tanta certeza da existência da Ilha de São Brendan que seis expedições foram organizadas para sua busca durante a Idade Média; além disso fizeram-se tratados escritos para a divisão da ilha, quando ela finalmente fosse encontrada.

Os hispânicos pensavam que Antilia, a ilha sobre a qual os cartagineses guardavam segredo, fosse um lugar utilizado como refúgio durante a conquista moura na Espanha. Os refugiados, fugindo dos mouros, teriam navegado para oeste, liderados por um bispo, e alcançado Antilia, onde construíram sete cidades. Sua posição, nos mapas antigos, é geralmente o centro do Oceano Atlântico.

Os esforços dos fenícios e cartagineses em fechar o Atlântico a outras nações navegadoras tiveram como conseqüência a perpetuação da idéia de que o Atlântico era um mar de morte. Mas a humanidade nunca se esqueceu das terras perdidas. Ela sempre aparecem em mapas anteriores a Colombo, perto da Espanha ou no extremo ocidente do mundo — Atlântida, Antilia, as Hespérides e as "outras ilhas"; como diz Platão, "e das ilhas pode-se passar através de todo o continente que rodeia o verdadeiro oceano".

Enquanto os homens se lembram da Atlântida através de lendas, alguns animais, aves e seres marinhos, parecem conservar uma lembrança instintiva.

O lemo, um roedor norueguês, tem um comportamento curioso: sempre que, devido ao crescimento excessivo da população, há falta de alimento, eles se juntam em bandos e atravessam o país até chegar ao mar. Então entram na água, nadando para oeste, até se afogarem. Lendas locais confirmam o que os atlantologistas sugerem: os lemos tentam chegar a uma terra que existia a oeste, e onde havia comida em abundância.

Um comportamento ainda mais curioso, talvez motivado pela memória do instinto, tem sido observado em pássaros migratórios que cruzam o oceano, da Europa para a América do Sul: quando se aproximam dos Açores começam a voar em círculos concêntricos, como se procurassem uma terra onde estivessem acostumados a repousar. Não achando a terra, continuam seu caminho; mas na volta repetem o mesmo comportamento. Não se estabeleceu ainda se eles procuram terra, comida, ou ambas as coisas. O ponto mais interessante disso é que o homem atribui aos animais convicções que ele próprio possui, voltando aos dias lendários em que homem e animais falavam entre si.

Outra lembrança animal, embora não se tenha uma prova conclusiva, ainda é mais impressionante. Refere-se ao modo de vida das enguias européias. É curioso que o próprio Aristóteles, descrente das idéias de Platão sobre a Atlântida, tenha se interessado por esse problema, que é freqüentemente citado como prova da existência daquela civilização.

Aristóteles, interessado em todo fenômeno natural, foi o primeiro naturalista de que se tem notícia a trazer à tona a pergunta sobre a reprodução das enguias. Onde procriam? Aparentemente em algum lugar no oceano, já que as enguias européias, a cada dois anos, deixam seus lagos e rios e saem para rios maiores que desembocam no oceano. Isto era tudo o que se sabia sobre o local onde as enguias procriavam, até que Aristóteles fez essa pergunta, há mais de dois mil anos. Apenas nos últimos vinte anos descobriu-se o lugar exato da procriação. Há séculos que elas vão para o Mar dos Sargaços — um mar cheio de algas no Atlântico Norte, em torno das Bermudas — e cujo tamanho corresponde à metade dos Estados Unidos.

A travessia do Atlântico pelas enguias pôde ser seguida devido às gaivotas e tubarões que as acompanhavam. O cardume leva mais de quatro meses para atravessar o Atlântico. Depois de pôr os ovos no Mar de Sargaços, a uma profundidade de quinhentos metros, a enguia fêmea morre e as enguias recém-nascidas começam a voltar para a Europa, onde vivem por dois anos, até que o processo se repita.

Há teorias de que essa migração das enguias pode ser explicada por um instinto que faz com que elas voltem para o seu lugar de origem para desovar. Esse lugar pode ser a foz de um grande rio que atravessava a Atlântida, assim como o Mississipi atravessa os Estados Unidos.

Esse instinto das enguias poderia ser comparado, na dificuldade de realização, ao dos salmões do Alasca, que precisam lutar contra a corrente, enquanto a enguia deve seguir o leito de um rio que atravessava um

continente submerso há milhares de anos.

O Mar dos Sargaços foi diretamente descrito como um lugar onde se localiza a Atlântida e como o mar localizado a oeste da Atlântida. Um estudo do fundo desse mar indicaria que as duas hipóteses poderiam ser válidas, já que uma parte do Mar dos Sargaços cobre as partes mais profundas da região abissal do Hattaras e Nares, enquanto a outra parte cobre as elevações das Bermudas com suas ilhas e montes.

Os fenícios e cartagineses diziam haver, em algumas partes do Atlântico, algas tão espessas que impediam os remadores das galeras e detinham os navios. Se eles se referiam ao atual Mar dos Sargaços, devem ter navegado realmente até bem longe. Entretanto, como as algas do Mar dos Sargaços não são suficientemente espessas para reter um navio, os fenícios provavelmente inventaram essa história com o objetivo de desencorajar seus competidores.

Sejam ou não as algas do Mar dos Sargaços o que restou das vegetações da Atlântida, esse mar, por si próprio, especialmente devido à sua localização, é um assunto fascinante para especulação.

5 - No Abismo do Oceano

Para assegurar se a Atlântida realmente existiu ou não, porque não examinar, até onde é possível, o fundo do mar perto do local onde a Atlântida supostamente submergiu?

Donnely, que procurou reavivar o interesse popular a respeito da Atlântida desde 1880 até hoje, fez um relatório sobre as sondagens no fundo do mar, baseado nos seus estudos sobre a Atlântida. Ele expressa seu ponto de vista sobre o assunto com bastante ênfase e com uma convicção que não admite dúvidas.

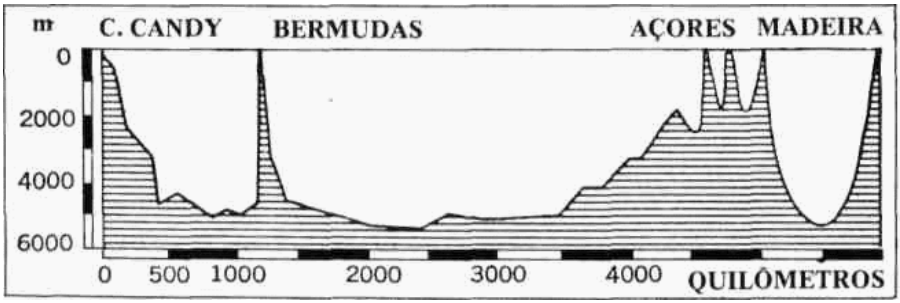
Donnely escreveu:

"Suponham que encontrássemos no meio do Atlântico, em frente ao Mediterrâneo, nas vizinhanças dos Açores, os restos de uma imensa ilha submersa, com mil milhas de largura e duas ou três de comprimento. Confirmaríamos a afirmação de Platão de que "além do estreito de onde vocês localizam as Colunas de Hércules, existiu uma ilha maior que a Ásia Menor e a Líbia juntas"chamada Atlântida?E suponham que descobríssemos que os Açores eram picos de montanhas dessa ilha submersa que se separaram por tremendas convulsões vulcânicas; em torno delas, descendo em direção ao mar, descobriu-se uma espessa camada de lava; e toda a superfície da terra submersa estava coberta por fragmentos de rochas vulcânicas. Isso não nos obrigaria a admitir que as afirmações de Platão que se seguem são verdadeiras? "Em um dia e uma noite fatais houve terremotos e. inundações que destruíram o povo todo. A Atlântida desapareceu sob o mar; e aquele mar tornou-se inacessível devido à grande quantidade de lama deixada no lugar onde a ilha existia.

Investigações recentes provaram definitivamente todos esses fatos. Pesquisas foram feitas por navios de diferentes países: o navio americano Dolphin, *a fragata alemã* Gazelle *e os navios ingleses* Hydra, Pocupinee Challenger *fizeram um mapa do fundo do Atlântico descobrindo uma grande elevação que vai de um ponto do litoral das Ilhas Britânicas, em direção ao sul, até o litoral da América do Sul; de Cabo Orange vai para sudeste até a costa da África e novamente em direção ao sul até Tristão da Cunha... A terra submersa... eleva-se até nove mil pés das grandes depressões atlânticas ao seu redor e nos Açores, na ilhas de São Paulo, Ascensão e Tristão da Cunha alcançam a superfície do oceano...*

Aqui, portanto, temos a espinha dorsal do antigo continente que ocupou todo o Oceano Atlântico e devido a cuja destruição a Europa e América surgiram; as partes mais profundas do oceano, com três mil e quinhentas braças de profundidade, representam as regiões que afundaram primeiro, ou seja, as planícies a leste e a oeste da cordilheira central; alguns dos picos mais altos dessa cadeia — ao Açores, São Paulo, Ascensão e Tristão da Cunha — ainda estão acima do nível do oceano; enquanto isso, a grande parte da Atlântida está a algumas centenas de braças abaixo do nível do mar. Nessas "cordilheiras de ligação" podemos ver aponte que se estendia entre o Novo e o Velho Mundo, e por meio da qual plantas e animais migravam de um continente para

outro; pelo mesmo caminho, como demonstraremos mais tarde, homens de raça negra foram da África para a América e homens de raça vermelha, da América para a África.



Perfil do relevo oceânico, das Bermudas às ilhas da Madeira.

E, como demonstrei, a mesma grande causa que aos poucos fez submergir o continente da Atlântida e elevou terras a leste e a oeste dele ainda é bastante ativa: o litoral da Groenlândia, que pode ser considerado como a extremidade norte do continente da Atlântida, está afundando tão rapidamente que antigas construções em ilhas rasas estão submersas e os habitantes da terra aprenderam por experiência a nunca construir à beira do mar. O mesmo acontece ao longo do litoral da Carolina do Sul e Geórgia, enquanto o norte da Europa e o litoral atlântico da América do Sul se elevam rapidamente. Neste último apareceram praias numa extensão de mil cento e oitenta milhas, e cuja altitude varia entre cem e mil e trezentos pés. Quando essas cordilheiras ligaram a América á Europa e à África a passagem das correntes tropicais para o norte do oceano foi bloqueada: não existia então a Corrente do Golfo: o oceano que banhava o litoral do norte da Europa, cercado de terra, era então extremamente frio: e a conseqüência foi o período glacial. Quando as barreiras da Atlântida afundaram o suficiente para permitir a expansão natural da água aquecida dos trópicos para o norte, o gelo e a neve que cobriam a Europa desapareceram gradualmente; a Corrente do Golfo formou-se ao redor da Atlântida, e ainda conserva o movimento circular que lhe foi imposto pela presença da ilha.

Os tripulantes do Challenger *descobriram que toda a espinha dorsal da Atlântida estava coberta por rochas vulcânicas. Essas rochas são a lama que, segundo Platão, tornou o mar intransponível depois da destruição da ilha. As cordilheiras que ligavam a Atlântida à América e à África, no entanto, não permaneceram acima do nível do mar: afundaram gradualmente no mar ou foram destruídas por cataclismos como os descritos nos livros da América Central. A Atlântida de Platão talvez possa se restringir à atual Cordilheira de Dolphin.*

O navio americano Gettysburg *também fez descobertas importantes numa área vizinha... "A descoberta anunciada pelo comandante Gorringe, da chalupa americana* Gettysburg, *de um campo de pesquisas localizado oitenta e cinco graus a oeste e distante cento e trinta milhas do Cabo São Vicente, juntamente com pesquisas realizadas anteriormente na mesma região, sugere a provável existência de uma cordilheira ou planalto submarino que liga a Ilha da Madeira à costa de Portugal, e a possível ligação, em tempos pré-históricos, dessa ilha com a extremidade sudoeste da Europa... "*

Sir C. Wyville Thomson descobriu que as espécies animais da costa do Brasil, recolhidas por ele através de uma draga, são semelhantes as da costa sul da Europa. Isso é plenamente justificado pelas cordilheiras que ligam a

Europa à América do Sul.

Um dos membros da equipe do Challenger, *logo após o término da expedição, declarou que, em sua opinião, o grande platô submarino é o que restou da "Atlântida perdida".*

Donnely não sabia, quando escreveu o relato acima, sobre os passos que se deram mais tarde nesse sentido; se ele soubesse, sua convicção teria sido, se possível, maior ainda.

O fundo do mar, através de investigações sonares e submarinas, foi estudado com muito mais detalhe do que no tempo de Donnely, e nesses estudos descobriram-se alguns fatos curiosos sobre a plataforma continental dos dois lados do Atlântico.

A plataforma continental é a terra junto ao litoral que, geologicamente, faz parte do continente. Ela se prolonga até o momento em que desce às profundezas do mar para depois se elevar, formando a chamada Planície Abissal. Pesquisas nas plataformas continentais revelaram que os leitos dos rios que corriam em direção ao Atlântico continuavam através da plataforma, às vezes atravessando gargantas, exatamente como os rios terrestres erodem a rocha. Esse fato ocorre na França, Espanha, norte da África e América do Norte: rios que correm em direção ao Atlântico Norte e continuam no fundo através de vales submersos até atingirem uma profundidade de uma e meia milha. Um exemplo impressionante é o desfiladeiro de Hudson, que prolonga o leito do rio Hudson por duzentas milhas, até a beira da plataforma continental. Esse fato parece indicar que esses rios formaram seus cursos quando parte da plataforma estava emersa, e que ou a terra afundou ou a água subiu.

Um boletim da Sociedade Americana de Geologia (1936), comentando esses rios submarinos, diz que as terras afundaram e o nível das águas subiu mais de oito mil pés, provavelmente no fim da era terciária, ou seja, no período Pleistoceno — a idade do Homem.

Uma descoberta curiosa foi feita em 1898, quando um cabo transatlântico se quebrou, a quinhentas milhas ao norte dos Açores. Procurando o cabo, descobriu-se que o fundo do mar, nessa área, era composto de picos agudos e vales profundos, bem mais característicos de terra firme do que de relevo submarino. Através de instrumentos trouxeram à tona rochas localizadas a uma profundidade de mil e setecentas braças; depois de analisá-las, chegou-se à conclusão de que eram taquilito, uma lava basáltica vítrea que se resfria *acima do nível da água e sob pressão atmosférica.*

Segundo Pierre Termier, um geólogo francês que estudou o fato, se a lava tivesse se solidificado sob a água, ela formaria rochas cristalinas e não vítreas. Termier também chegou à conclusão de que a lava submergira logo após o resfriamento, devido à relativa dureza do material recolhido. Além disso, se o tempo de decomposição da lava é de aproximadamente quinze mil anos, o fato de que as amostras recolhidas de lava submarina ainda não tenham se

decomposto na mesma medida da lava terrestre está perfeitamente de acordo com a teoria da Atlântida, até mesmo quanto à época em que, segundo Platão, ocorreu a catástrofe.

Ainda segundo Termier, "toda a região ao norte dos Açores, e talvez a própria região dos Açores, da qual eles podem ser apenas as ruínas visíveis, foi submersa muito recentemente, provavelmente na época que os geólogos chamam presente". Sua recomendação é que se façam pesquisas cuidadosas a sul e sudoeste dessas ilhas.

Uma outra peça do quebra-cabeças nos é fornecida pela presença de areia em plataformas submarinas, às vezes a milhares de pés de profundidade, junto aos Açores. A areia é encontrada em praias e águas rasas, já que é formada pelo choque das ondas com as rochas da costa; normalmente, portanto, não é encontrada a grandes profundidades.

O que sabemos a respeito do fundo do Oceano Atlântico hoje, depois de tantos anos e tantas invenções desde o tempo de Donnely e Termier? Muitas coisas a mais, graças ao sonar, estimativas da profundidade através de pesquisas e explorações submarinas. Os planos, platôs, elevações, gargantas, cordilheiras, sulcos profundos e os misteriosos montes foram mostrados através de mapas do mesmo modo que as ilhas da superfície, embora alguma nova ilha vulcânica possa ocasionalmente surgir de dentro do mar e algumas vezes afundar novamente antes que alguma nação possa reclamá-la.

Temos, por exemplo, a Cordilheira de Dolphin, geralmente chamada Cordilheira do Centro-Atlântico, uma enorme cordilheira com a forma de dois SS emendados um em cima do outro, estendendo-se desde a Islândia até o extremo da América do Sul. Essa cordilheira ou platô, com montanhas submersas cercadas de cada lado por planícies abissais, torna-se bastante larga nos semicírculos do segundo S, entre a Espanha, o norte da África e as Bermudas. Torna-se estreita na região do Brasil localizada ao sul do Equador, onde a fratura romanche atravessa o Equador, e se alarga novamente entre o sul do Brasil e da África. O traço mais marcante da cordilheira do Centro-Atlântico é o fato de que ela acompanha o contorno das Américas do Norte e do Sul, como- se fosse um reflexo dos continentes americanos no fundo do oceano.

Quando examinamos as profundidades em torno das ilhas dos Açores notamos que, embora as ilhas se elevem escarpadamente do fundo do mar, elas se situam numa espécie de duplo platô. O primeiro platô se localiza entre trinta e cinqüenta graus de latitude norte e o mais alto entre trinta e seis e quarenta e dois graus norte, com uma largura aproximada de quinhentas milhas. A diferença de profundidade entre a planície e o primeiro platô varia de mil a quinhentas braças. Isso significa que, se a profundidade da região abissal é, por exemplo, duas mil e quatrocentas braças, a profundidade da cordilheira pode ser mil e oitocentas braças, a menos que um pico submerso ou um monte atinjam quatrocentas braças ou menos, ou então apareça na superfície, como os Açores. O segundo platô indica uma elevação ainda mais

notável: de mil quatrocentas e vinte a quatrocentas braças; de mil oitocentas e cinqüenta a trezentas braças; e de mil e cem a seiscentas e trinta. É interessante notar que alguns estudiosos da teoria da Atlântida pensavam que o continente atlântico afundara em etapas, divididas talvez em três. A formação de um duplo platô na região dos Açores parece dar alguma autoridade a essa teoria.

Ao sul dos Açores, não muito abaixo da superfície, encontramos algumas elevações importantes, das quais duas foram denominadas "Platão", (duzentas e cinco braças de profundidade) e "Atlântida" (cento e quarenta e cinco braças).

A quebra do cabo transatlântico que causou tanto furor nos estudos sobre a Atlântida no começo do século ocorreu cerca de quinhentas milhas a norte dos Açores e a leste do Monte Altair. Investigações mais recentes sobre a cordilheira trouxeram novos assuntos para especulação.

Amostras retiradas dessa cordilheira, em 1957, fizeram com que fosse constatado que plantas marinhas cresciam em matérias sedimentadas a uma profundidade de quase duas milhas, e o exame das areias do Romanche levou-as a serem consideradas como tendo sido formadas em partes da cordilheira que antigamente eram emersas.

Mais de mil milhas a oeste desse platô montanhoso encontramos as elevações submarinas das Bermudas, que culminam nas Ilhas Bermudas, localizadas no topo de imensas montanhas submersas.

O relevo do fundo do Atlântico (Cores mais escuras indicam maiores profundidades, quanto mais escuro, mais profundo)

Fora dos recifes da Flórida, na plataforma continental da América, foram feitas pesquisas hidrográficas que revelaram a existência de reentrâncias de quatrocentos pés ao longo do fundo do mar. Presume-se que essas reentrâncias tenham sido lagos existentes em áreas que submergiram.

Diretamente a leste do platô dos Açores encontramos a cordilheira dos Açores — Gibraltar (com pequenas profundidades de aproximadamente quarenta e oito braças) e, acompanhando a cordilheira em direção ao sul, até a costa da África, encontramos, também a cerca de quarenta e oito braças de profundidade, outra série de picos e montes, que incluem as Ilhas Canárias e da Madeira. As ilhas de Cabo Verde não possuem a menor ligação com essa cordilheira.

Muitas das hipotéticas "pontes de terra" entre o Velho e o Novo Mundo são baseadas nas informações que temos a respeito do contorno do fundo do mar. Por exemplo, a plataforma continental européia é ligada, através de cadeias de montanhas, à Islândia que, por sua vez, se liga à Groenlândia através das elevações Groenlândia-Islândia. No Centro-Atlântico a cordilheira Açores-Gibraltar liga-se ao platô dos Açores, e uma parte da cordilheira do Centro-Atlântico quase atinge as Bermudas, enquanto uma outra cordilheira menor interrompe-se na direção das Antilhas, na parte mais profunda do Oceano Atlântico — o fosso de Porto Rico.

Outras cadeias de conexão no Atlântico Sul poderiam incluir uma ponte da África através das elevações de Serra Leoa; a cordilheira do Centro-Atlântico através das rochas de São Pedro e São Paulo para o Brasil; ou ainda a cadeia de Walvis, atravessando a cordilheira do Centro-Atlântico do sul da África em direção ao Brasil, através das ilhas de Martim Vaz e Trinidad e da elevação do Rio Grande.

Uma ligação de terra entre o Velho e o Novo Mundo através de ilhas que poderiam servir de passagem desapareceu devido a grandes alterações no fundo do oceano Atlântico, alterações essas causadas por distúrbios vulcânicos. A existência dessa ligação pode explicar, por exemplo, a presença de elefantes, camelos e cavalos pré-históricos na América.

Em 1969 uma expedição de pesquisadores da Universidade de Duke, ao estudar o fundo do Mar do Caribe, fez uma importante descoberta geológica no que diz respeito a continentes perdidos. Rochas de granito foram trazidas à tona em cinqüenta locais diferentes ao longo da cordilheira das Aves, uma cordilheira submarina que vai da Venezuela às Ilhas Virgens. Essas rochas ígneas e ácidas são classificadas como "continentais", encontradas apenas em continentes ou locais onde houve um continente. O Dr. Bruce Heezen, do Observatório Geológico de Lamont, disse a esse respeito: "Até agora os geólogos acreditavam que o granito claro ou rochas ígneas ácidas se restringiam aos continentes e que a crosta da Terra sob o oceano fosse composta de uma rocha basáltica mais pesada e escura... mas a presença de granito de cor clara vem confirmar uma velha teoria de que existiu um continente a leste do Caribe."

O fundo do Atlântico é uma das regiões mais instáveis da superfície terrestre. Foi abalado por distúrbios vulcânicos durante séculos e, na realidade, a atividade vulcânica ainda não acabou. Na Islândia, um quinto da população pereceu num terremoto em 1783, cujas conseqüências se fizeram mostrar ao longo de toda a cordilheira do Atlântico. Em 1845, no mesmo país, a erupção do vulcão Hecla durou sete meses.

A Islândia, até hoje, tem uma enorme atividade vulcânica. Lima nova ilha, vinte milhas a sudoeste da Islândia, chamada Surtsey, formou-se devido a uma erupção submarina que durou de novembro de 1963 a junho de 1966. A lava solidificada formou a terra, e a ilha, que ainda está crescendo, logo estará coberta por vegetação permanente. Desde que Surtsey emergiu, mais duas

ilhas apareceram na mesma região. A Islândia, como a Atlântida, possui fontes de água quente tão aquecidas por correntes térmicas subterrâneas que são usadas no sistema de aquecimento de Reikjavik, capital do país.

Existem muitos relatos de terremotos na Irlanda. Mais ao sul, em 1775, um terrível terremoto abalou Lisboa, matando sessenta mil pessoas em alguns minutos, baixando o nível do porto principal e afundando as docas e os cais menores a seiscentos pés abaixo do nível da água.

A atividade vulcânica é constante na região dos Açores, onde ainda há cinco vulcões ativos. Em 1808 surgiu, em São Jorge, um vulcão de milhares de pés de altura, e em 1811 uma ilha vulcânica emergiu e foi denominada Sambrina, até que tornou a afundar. As ilhas de Corvo e Flores, nos Açores, que são conhecidas desde 1351, mudam constantemente de forma, e grandes áreas de Corvo desapareceram no mar.

Em outros arquipélagos, como o das Canárias, cujo principal vulcão, o pico de Teyde, explodiu em 1909, a incidência de distúrbios vulcânicos é bastante alta. Um grande terremoto, em 1692, fez com que a maior parte de Port Royal afundasse no mar, juntamente com os piratas que usavam a cidade como refúgio, mercado e centro de rebelião. Mais uma vez podemos estabelecer uma analogia com a Atlântida: ambas eram cidades "pecadoras" e, de acordo com a lenda, a Atlântida foi destruída pela cólera dos deuses.

No Caribe, ainda dentro da área vulcânica do Atlântico, ocorreu um terremoto ainda maior quando o monte Pelée, na Martinica, explodiu com tal violência, em 1902, que matou literalmente todas as pessoas, menos uma, na cidade de Saint Pierre. (Poderíamos estabelecer uma comparação com a salvação de Noé?)

Em 1931 a atividade vulcânica no arquipélago de Fernando de Noronha fez aparecerem duas novas ilhas, que foram reivindicadas simultaneamente pela Grã-Bretanha e pelos países da América do Sul. Não se chegou a nenhum acordo, e as ilhas desapareceram novamente. Nas Ilhas Selvagens, perto da Madeira, surgiram várias ilhotas devido à emersão de picos vulcânicos. Da Islândia até o litoral do Brasil o Atlântico sempre teve uma enorme atividade vulcânica. Segundo o Dr. Maurice Ewing, do Observatório Geológico de Lamont, estas falhas mais profundas "formam um verdadeiro cinturão vulcânico marinho". Parece lógico, portanto, que uma atividade vulcânica ainda maior possa ter ocorrido há milhares de anos atrás, principalmente levando-se em conta que essa atividade ainda existe, nas mesmas regiões em que, segundo a lenda, estava a Atlântida.

Não se discute que sempre houve emersões e submersões de terra na superfície terrestre. Há várias provas de que o Saara já foi maré de que o Mediterrâneo já foi terra. Ferramentas da Idade da Pedra e dentes de mamute, encontrados no fundo do Mar do Norte, indicam que essa região já pertenceu ao continente. Fósseis de tubarão foram encontrados nas Montanhas Rochosas, e fósseis de peixe nos Alpes. A maior parte dos geólogos concorda que existiu o continente da Atlântida, mas ainda não chegou a uma conclusão

quanto a ele ter existido na era do Homem.

Há várias teorias que tentam explicar a lenda da Atlântida através de outros terremotos e conseqüentemente submersão, como a enchente do Mediterrâneo pelo mar, a separação da Sicília da Itália, a catástrofe que se abateu sobre Thera, no Mar Egeu, e os terremotos de Creta. Há quem pense também que a Atlântida ficava no norte, nas plataformas continentais do Mar do Norte, no Saara e em muitos outros lugares.

K. Bilau, um cientista alemão estudioso da Atlântida, que dedicou muito tempo ao estudo do fundo do mar e gargantas submarinas, defende a tradição da Atlântida no Atlântico, e expressa numa linguagem mais poética que científica seu ponto de vista sobre a localização do continente perdido. "No fundo do mar, a Atlântida repousa agora, e apenas seus picos mais altos ainda são visíveis, na região dos Açores. Suas fontes de água fria e quente, descritas pelos autores antigos, ainda correm como corriam há muitos milênios. Os lagos das montanhas da Atlântida estão submersos. Se seguirmos exatamente as indicações de Platão e procurarmos o trono de Poseidon entre os picos submersos dos Açores, encontrá-lo-emos ao sul da ilha de Dollabarata. Ali. no meio de um grande vale, que era bem protegido contra o vento, ficava a capital, centro de uma cultura pré-histórica desconhecida: entre nós e a Cidade dos Portões de Ouro há uma camada de água de duas milhas de profundidade. É estranho que os cientistas tenham procurado a Atlântida por roda parte, mas tenham dado pouca atenção a este local, que foi claramente indicado por Platão."

6 - Como a Atlântida Mudou a História

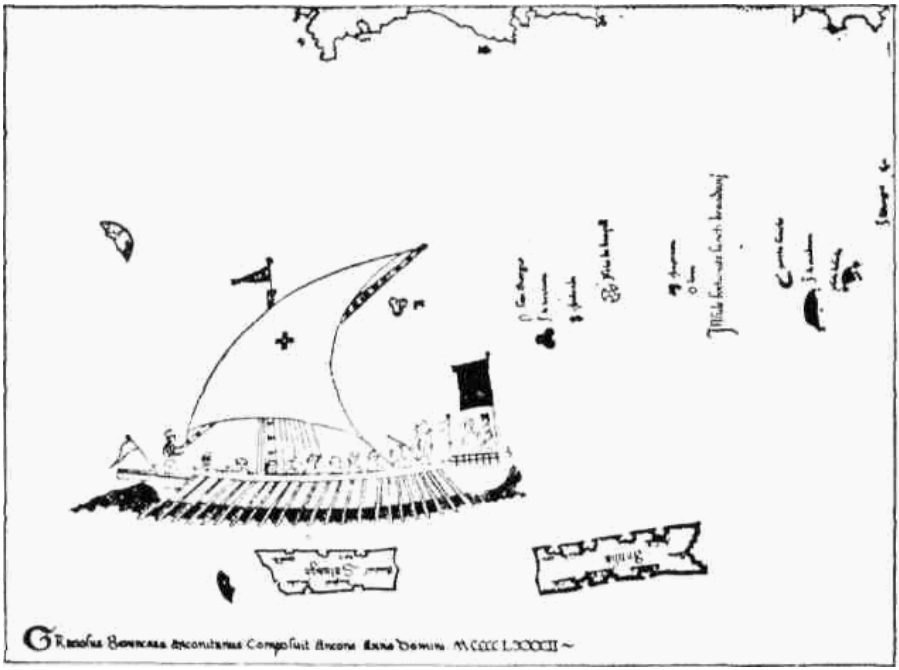
Para uma terra que pode ou não ter existido, a Atlântida causou um impacto considerável tanto na História quanto na Literatura. Quando, depois da queda de Constantinopla em 1543, a cultura clássica começou a se dirigir para o oeste, o relato de Platão, assim como todos os antigos relatos a respeito das ilhas do Atlântico, começou a intrigar a imaginação humana. Colombo; leitor interessado em relatos de viagens e que se correspondia com cartógrafos, não era o único a acreditar que a Terra era redonda. Sua circunferência atual já havia sido calculada em Alexandria há muito tempo, com uma diferença de apenas quinhentas milhas. Mas os estudantes da escola alexandrina, embora pudessem medir a Terra, nunca, ao que sabemos, navegaram em torno dela para provar que era redonda.

No tempo de Colombo existiam muitos "mapas do mundo" que davam informações inteiramente diversas entre si, já que as rotas de navegação eram feitas de acordo com as estrelas. Isso mostra que o maior traço de coragem de Colombo não consistiu em enfrentar os monstros marinhos, nem se arriscar a cair no fim do mundo, mas o fato de ele se guiar pelos mapas de que dispunha.

Alguns desses mapas mostravam Antillia, Antilla, Antilha ou Antiglia, que podem ser diferentes nomes atribuídos à Atlântida, às Ilhas Afortunadas, às Hespérides e a outras ilhas. O mapa de Toscanelli, que se supõe Colombo tenha levado consigo em sua viagem para o Novo Mundo, mostra Antillia. Anos antes de Colombo iniciar sua viagem, Toscanelli lhe escreveu sugerindo Antillia como um ponto de parada em seu caminho para as índias. No mapa de Toscanelli a China e as índias aparecem no litoral oeste do Atlântico, com Antillia e outras ilhas servindo de ligação.

É certo que Colombo havia estudado, ou levou consigo, em sua viagem, o mapa de Becario, de 1435, e os mapas subseqüentes de Branco (1436), Pareto (1455), Rosselli (1468), e o mapa de Bennicasa (1482), além de, talvez, material ou sugestões do mapa de Benheim. Todos eles mostravam Antillia sob suas diversas denominações. Esses mapas geralmente localizam Antillia no Atlântico, na altura de Portugal. Sob esse ponto de vista, seu nome, na denominação portuguesa, Antillia (ante ilha) torna-sé lógico — significa "a ilha em frente", "antes" ou "oposta", referindo-se à grande ilha no meio do oceano, a ilha "das sete cidades". Se essa é a razão real para seu nome, ou se é outra forma de "Atlântida" não faz diferença. As duas hipóteses levam à mesma conclusão — a grande ilha que foi recomendada a Colombo como ponto de parada, e que encontrava em todos os mapas, se localizava na posição geralmente atribuída à Atlântida e estava de acordo com a descrição de Platão.

Imaginou-se também que Colombo tenha sido influenciado por um trecho de uma peça de Sêneca, um escritor clássico romano, escrita séculos antes de Colombo. A citação do segundo ato de *Medéia* é a seguinte: "Virá um tempo, nas idades futuras, em que o oceano soltará os laços que o ligam ao que ele segura, e a terra aparecerá na sua glória. Thetis (o mar) descobrirá novos continentes e Thule será brevemente o fim do mundo..."



Detalhe no mapa de Bennicasa (1482). A Península Ibérica está no alto do mapa e o navio aponta para o norte. Ã direita e acima do navio estão assinaladas as Ilhas Afortunadas e abaixo do navio, à esquerda, vêem-se a "Ilha Selvagem" e as Antilhas.

Teria Sêneca tirado a idéia de continentes submersos de sua imaginação, ou de Platão e outras fontes? Como seria geralmente encarada essa crença nos tempos clássicos? Atualmente só podemos fazer especulações. Mas há um forte indício de que Colombo foi influenciado por isso nas suas próprias especulações. Uma das fontes para essa sugestão vem do próprio filho de Colombo, Fernando, que inscreveu numa cópia de *Medéia:* "Essa profecia foi cumprida por meu pai, o Almirante Cristóvão Colombo, em 1492."

Lopez de Gomara, autor da *História Geral das índias* (1552), atribui especificamente os feitos de Colombo à "leitura de Timaeus e Critias, de Platão, onde leu a respeito da grande ilha da Atlântida e de uma terra submersa maior que a Ásia e que a África".

Fernandez de Oviedo alegou, na *História Geral e Natural das índias* (1525), que os governantes espanhóis tinham direitos sobre as terras americanas, já que, segundo ele, Hesperus, um rei espanhol da pré-história, era irmão de Atlas, o governante de Marrocos; além disso, Hesperus governava também as Hespérides — "As Ilhas do Ocidente" — "que estão a aproximadamente quarenta dias por mar... e Colombo descobriu-as em sua segunda viagem... Elas devem então ser consideradas como sendo as índias, que são devolvidas à Espanha através de Colombo..."

Um autor contemporâneo, Bartolomé de las Casas, sacerdote, discordou.

Isso porque queria proteger os índios do Novo Mundo, que estavam sendo exterminados pelos conquistadores espanhóis. De Ias Casas não acreditava nesse direito de domínio baseado nas Hespérides e na Atlântida. Apesar disso, ao escrever sobre Colombo, observou, na sua *História das índias* (1527): "... Cristóvão Colombo provavelmente acreditava e esperava que, apesar de a grande ilha (a Atlântida) estar perdida e submersa, pudessem ter restado outras ilhas, ou pelo menos terra firme, que ele poderia encontrar se procurasse..."

Pedro Sarmiento de Gamboa, outro autor da época do descobrimento, escreveu em 1572: "...As índias espanholas eram continentes que se localizavam ao longo da ilha da Atlântida, ou talvez englobassem mesmo a própria Atlântida. Essa ilha se localizava no mar que atravessamos para chegar às índias, o mar que todos os cartógrafos chamam de Oceano Atlântico, já que a ilha da Atlântida lá estava. Portanto navegamos agora sobre um mar que já foi terra..."

Quando disseram aos espanhóis invasores do México que os astecas tinham vindo de uma terra no mar, chamada Aztlán, eles se convenceram de que os astecas eram descendentes de habitantes da Atlântida. Isso reforçou o direito espanhol de conquistar aquela terra; não que eles precisassem de muitas justificativas. O próprio nome "asteca" significa povo de Az, ou Aztlán. (Os astecas costumavam denominar-se Tenocha ou Nahua.)

Os espanhóis invasores do Novo Mundo foram influenciados, em certos aspectos, pela lembrança da Atlântida e/ou das Hespérides; porém a população indígena da América Central e do Sul, por razões ligadas ao mesmo mistério histórico ou lendário, acreditava tão piamente que os espanhóis eram seus deuses civilizadores ou heróis que retornavam das terras do leste, que ficaram psicologicamente incapacitados de reagir.

Por muitos séculos os toltecas, maias e astecas, tribos da América Central, e os chibchas, aymarás e quíchuas preservaram lendas sobre homens brancos que vinham do leste para ensinar-lhes as artes da civilização e depois partiam, prometendo voltar.

Há uma tradição que diz que Quetzalcoatl, o deus branco dos astecas e toltecas, voltou para seu país no mar do leste — Tollán — Tlapallan — depois de haver fundado a civilização tolteca. Ele disse que voltaria para novamente governar seu povo. Esse mesmo deus era adorado entre os maias sob o nome de Kukulkán.

Quando os espanhóis chegaram ao México, o Imperador Montezuma, assim como grande parte de seus servos, acreditou que Quetzalcoatl, ou pelo menos mensageiros seus, havia reaparecido subitamente. Eles inclusive chamavam os espanhóis de "teules" — "os deuses" — principalmente porque sua chegada fora precedida de numerosas profecias. Por uma extraordinária coincidência, os espanhóis chegaram em 1519, fim de um dos ciclos de cinqüenta e dois anos do calendário asteca. O fim desse ciclo tinha ligação com o aniversário de Quetzalcoatl, $_0$ que fez parecer aos astecas que

Quetzalcoatl ou seus mensageiros voltavam no seu aniversário.

Papantzin, irmã de Montezuma, teve uma visão de homens brancos que vinham do oceano, que foi interpretada pelo imperador e por seus sacerdotes como um presságio da volta de Quetzalcoatl. Montezuma já estava esperando a volta do deus, quando os espanhóis chegaram. O imperador recomendou a seus mensageiros que os saudassem com presentes, para "dar-lhes as boas-vindas" ao México.

Pintura asteca representando a dúvida de Montezuma, imperador asteca, ao tentar decidir, de acordo com as previsões e profecias, se os Conquistadores eram ou não os mensageiros de Quetzalcoatl.

Mais tarde os astecas se surpreenderam ao ver que os "deuses" comiam "carne humana" e queriam as virgens nativas vivas, e não sacrificadas. As populações indígenas mexicanas que sobreviveram ao furioso ataque espanhol aprenderiam muito mais sobre "os deuses", à medida que esses espalhavam sua conquista por dois continentes.

No império dos incas, no Peru, havia também uma profecia feita pelo décimo segundo inca. Seu filho Huáscar contou aos espanhóis que seu pai dissera que, durante o reinado do décimo terceiro inca, homens brancos viriam do "sol, Nosso Pai", governar o Peru. (O décimo terceiro inca era Atahualpa, irmão de Huáscar, que ao ser estrangulado pelos espanhóis talvez tenha tido a oportunidade de perceber plenamente a verdade da profecia.)

Em quase todos os lugares conquistados os espanhóis foram auxiliados por lendas e crenças que os próprios índios possuíam a respeito de sua origem,

da origem de sua civilização e de que os deuses voltariam para governar a terra, vindos do leste. No estudo da Atlântida, as lendas ameríndias sobre uma origem oriental são objeto de estudo e de muita confusão.

Os antropólogos em geral acreditam que esses índios vieram da Sibéria, através do Estreito de Bhering, e desceram as Américas. Características raciais, incluindo cabelos pretos e lisos, poucos pêlos faciais e manchas mongólicas nos bebês recém-nascidos parecem confirmar isso. Além disso, por que essas lendas persistentes sobre uma origem oriental, civilização do leste, e uma lenda comum referente ao dilúvio, geralmente em ligação com a destruição e submersão de uma pátria a leste?

Uma possível explicação seria a de que alguns ameríndios tenham vindo do leste, ou de que pelo menos consideráveis influências culturais tenham vindo dessa direção. Por isso talvez as tribos tenham se associado à origem de sua cultura — algo semelhante ao nosso orgulho dos "ancestrais que vieram no *Mayflower".* Há muitas semelhanças culturais entre os ameríndios e as civilizações da Europa e do mundo mediterrâneo: mumificação dos mortos, lendas comuns, práticas religiosas que incluem o uso da cruz, batismo, confissão, absolvição dos pecados, jejum, autopenitência e virgens consagradas à religião. Essas semelhanças com sua própria religião fizeram com que os espanhóis temessem que essas tribos fossem armadilhas do diabo. Há também semelhanças com a arquitetura egípcia, como a construção de pirâmides, além da escrita hieroglífica. Os achados arqueológicos da América do Norte, como estátuas e baixos-relevos, mostram representações de homens brancos ou negros, mas não índios, vestidos com roupas semelhantes às usadas no mundo mediterrâneo. Como exemplo temos as enormes cabeças de pedra encontradas em Três Zapotes, perto de Vera Cruz, que têm traços característicos da raça negra; estátuas de cultura olmeca, assim como estátuas e cerâmicas maias representando homens brancos com nariz semita e com roupas, sapatos e elmos completamente diferentes dos usados pelos maias. Selos cilíndricos e sarcófagos como os usados no antigo mundo mediterrâneo, encontrados em Palenque, na Península de Yucatán, são característicos dessa parte do México, junto ao Oceano Atlântico e da corrente Norte-Equatorial, que corre para oeste.

Também devemos observar que os habitantes do Novo Mundo estão aqui há muito tempo; a data do aparecimento do Homem nas Américas está entre doze mil e trinta mil anos atrás. Além disso, nem todas as características índias são asiáticas: o nariz aquilino e proeminente, por exemplo, certamente não é. Documentos dos primeiros conquistadores espanhóis falam de índios brancos e negros, com muitas variações entre os dois, como os ameríndios de cabelos ruivos. Alguns exemplos desses últimos foram encontrados em múmias peruanas.

É uma supersimplificação declarar que todos os ameríndios e suas culturas vêm da Ásia. Um estudioso do assunto fez um comentário que dá o que pensar, a respeito desse tráfego de mão única, quando observa que as tribos

índias, em sua aparente migração da Ásia, não trouxeram nenhum animal doméstico asiático. Os espanhóis, quando chegaram, só encontraram um cachorro, ancestral do Chihuahua, uma raça puramente mexicana. Considerando os animais que habitavam a América na época do descobrimento, ele pergunta se os índios poderiam ter trazido com eles lobos, panteras, leopardos, veados, crocodilos, macacos e ursos. Se esses animais não são nativos do continente americano, eles obviamente vieram da Europa e da Ásia através de uma terra agora submersa; e se os animais puderam fazer isso, por que não os índios?

A Atlântida quase influenciou a História no século XIX, através de Lord Gladstone, Primeiro-Ministro britânico que, durante o reinado da Rainha Vitória, tentou conseguir fundos para a procura da Atlântida. Não conseguiu, já que seu entusiasmo não contagiou os demais membros do governo.

No século XX formaram-se algumas sociedades da Atlântida na Europa, mas não atingiram ainda importância "histórica". Uma delas, o *Principado da Atlântida,* organizada por um grupo de cientistas dinamarqueses, e que contava com milhares de membros, escolheu o Príncipe Cristiano da Dinamarca como seu líder, com o título de "Príncipe da Atlântida". (Como o Príncipe Cristiano descendia diretamente de Leif Ericsson, o *viking* descobridor de terras oceânicas, a escolha parece ter sido boa.)

Enquanto o assunto Atlântida parece longe de estar morto, sua futura influência na História (a não ser por um possível conflito entre as nações sobre as terras da Atlântida "ressurgidas", se é que algum dia vão ressurgir, conforme a previsão de Cayce) talvez tome a forma de uma reavaliação de nossa história e origem. A pré-história humana está sendo empurrada cada vez mais para trás através das brumas do tempo. Desde a interpretação bíblica do Bispo James Ussher, de Dublin, no século XVII, de que o mundo começou no ano 4004 a.C, nós progredimos tanto que hoje em dia se acredita que o homem capaz de usar ferramentas está presente na Terra há vários milhões de anos, e a cultura urbana do Crescente Fértil teve início há pelo menos nove mil anos. A arqueologia também está reavaliando o surgimento do homem "civilizado", que parece ter sido muito anterior ao que se supunha. Ainda restam muitas lacunas na História da humanidade e pode ser que venha a se provar que a Atlântida preenche uma delas.

7 - A Explicação da Atlântida

Na ausência de uma "ligação" cultural, zoológica, botânica e antropológica entre o Velho e o Novo Mundo, a Atlântida constitui uma explicação fácil para muitas coisas. Pode-se dizer, parodiando Voltaire, que se a Atlântida não tivesse existido, teria sido necessário inventá-la.

Culturalmente, a Atlântida serve de explicação para certos conhecimentos existentes desde os tempos mais antigos, e que seriam mais facilmente explicados se supuséssemos a existência de uma civilização mais antiga. Essa civilização teria, originalmente, desenvolvido conhecimentos e cultura, os quais passaram para as civilizações que conhecemos. A civilização e o progresso humano, como podemos ver na Idade das Trevas e em outros exemplos mais modernos, nem sempre evoluem continuamente. Às vezes parecem hesitar, estagnar e até regredir.

Informações específicas indicam que o mundo antigo possuía conhecimentos científicos maiores do que supomos. Além de conhecimentos geográficos evidenciados pelos escritores clássicos em suas referências aos outros continentes, os conhecimentos astronômicos, às vezes confundidos e fantasiados sob a forma de lendas, indicam pontos da cultura antiga e *know-how* perdidos pelas civilizações subseqüentes e redescobertos pelo mundo moderno.

Por exemplo, como os povos antigos poderiam saber, sem telescópio, que o planeta Urano encobria seus satélites em sua trajetória em torno do sol? Isso foi retratado por eles com o deus Urano alternadamente comendo e vomitando seus filhos. Nenhum telescópio capaz de registrar esse fenômeno foi usado até uma época relativamente recente.

De que fonte Dante Alighieri tirou sua "previsão" do Cruzeiro do Sul, duzentos anos antes de qualquer europeu ter visto ou sabido alguma coisa a esse respeito? Na *Divina Comédia* Dante descreve o que viu depois de deixar o inferno, na montanha do purgatório. O que se segue é uma tradução livre: "...Virei para a direita, olhando em direção ao outro pólo, e vi quatro estrelas nunca vistas antes, a não ser pelos primeiros povos. O céu parecia cintilar com seus raios. Oh, pobre região norte, que não pode vê-las..." Além do mistério do Cruzeiro do Sul, a que "primeiros povos" Dante se referia?

Freqüentemente, aparece um artefato de uma cultura antiga, que está tão fora de lugar que chega a ser inacreditável. Em 1853, uma lente cristalina, parecida com as lentes ópticas modernas, foi exibida na Associação Britânica de Ciências Adiantadas. Era única por ter sido encontrada em escavações no local de Nínive, capital da antiga Assíria, representando uma civilização que existiu mil e novecentos anos antes do advento das lendas modernas.

Em Esmeralda, próximo às costas do Equador, relíquias pré-colombianas trazidas do fundo do mar e consideradas pelos arqueólogos locais como antigas, incluem uma lente obsidiana convexa, com cerca de duas polegadas

de diâmetro, que funciona como espelho, reduzindo o reflexo sem distorcê-lo. Outros pequenos espelhos côncavos de hematita, um minério de ferro magnético que tem grande polimento, foram encontrados nas escavações de La Venta, e pertencem à civilização olmeca, do México, atualmente considerada como a mais antiga de todas as culturas mexicanas. Exames mostraram que esses espelhos foram fabricados por um processo desconhecido, que fez com que ficassem mais curvos. Embora não tenhamos certeza sobre seu uso, experiências demonstraram que eles podem ser usados na obtenção do fogo através do sol. Outros artefatos, que parecem ser lentes, foram desenterrados em tumbas da Líbia, na África do norte. E Arquimedes, o inventor cientista da antiga Sicília, usava, segundo Plutarco, instrumentos ópticos "para manifestar aos olhos o tamanho do sol".

Às vezes descobertas arqueológicas não são reconhecidas pelo que são. O caso do computador marítimo grego de Antikythera é um bom exemplo. Foi achado num antigo navio naufragado no fundo do Egeu, em 1900, junto com uma notável coleção de estátuas que inclui a famosa estátua de bronze de Poseidon, atualmente no museu de Atenas, juntamente com o computador. A utilidade do computador não foi entendida de imediato. Parecia uma combinação de placas de bronze com inscrições, que se fundiram sob a ação do mar. Depois de limpá-lo e estudá-lo, descobriu-se que esse aparelho era um computador, com um sistema de engrenagens que formava uma espécie de régua de cálculo para orientação nas navegações. Essa descoberta mudou consideravelmente nossa atitude em relação à navegação antiga.

Há também o caso do mapa de Piri Reis, um mapa-múndi pertencente a um capitão turco do século XVI, que mostra as costas da América do Sul, África e partes da Antártida; como a Antártida pôde aparecer é um mistério. E mais misterioso ainda é o fato de que as explorações modernas na Antártida confirmam a exatidão do mapa.

Acredita-se que esse mapa tenha sido feito a partir de vários mapas gregos antigos, que foram destruídos juntamente com a biblioteca de Alexandria. Se isso é verdade podemos crer que importantes conhecimentos geográficos do mundo antigo se perderam durante a Idade Média.

Outros fatos bastante estranhos, no que se refere ao uso de "invenções" que até agora não eram atribuídas aos antigos, são hoje em dia conhecidos. O uso de explosivos é um bom exemplo, já que a descoberta da pólvora perde-se nas brumas do tempo. Os chineses usavam explosivos como coisa rotineira, antes da pólvora ser conhecida na Europa. Edgerton Sykes, a maior autoridade britânica sobre a Atlântida, cita R. Dikshitar, da Universidade de Madras, que diz que o uso de explosivos é conhecido na índia desde 5000 a.C. O fogo grego de Bizâncio, que ajudou os bizantinos a conservar seu império por mil anos após a queda do Império Romano do Ocidente, é um mistério que permanece. Aparente era colocado dentro de um recipiente específico e lançado de uma galera para dentro de uma galera inimiga; quando atingia o alvo, o fogo continuava aceso, apesar da água jogada sobre ele, e não se

apagava nem mesmo dentro d'água.

Aníbal provavelmente usou explosivos contra os romanos. Apenas não divulgou o fato porque, psicologicamente, era melhor que os romanos pensassem que ele possuía poderes sobre-humanos. Os romanos narram a destruição de pedras por Aníbal, através da utilização do fogo. Mais tarde, na batalha de Trasimênia, a terra tremeu e grandes pedras caíram sobre os romanos, que foram derrotados pelos cartagineses. Note-se que se houve um terremoto, os cartagineses foram poupados e lucraram imensamente.

Alguns anos antes, na índia, as tropas de Alexandre o Grande tinham passado por uma experiência terrível ao atacarem uma cidade: os habitantes, do alto dos muros, atiraram sobre eles "trovões e relâmpagos".

Há quem defenda, inclusive, a idéia de que a queda dos muros de Jerico foi causada por minas subterrâneas colocadas pelos hebreus, e não pelo toque de suas trombetas.

Em todos os acontecimentos há referências a algo muito semelhante a explosivos. Essas armas secretas, segundo documentos da época, tinham sido utilizadas por culturas anteriores, que por sua vez as herdaram de outras ainda mais antigas. Mas não se sabe qual a primeira cultura que as empregou.

Quando consideramos a pirâmide de Gizé, quase temos a impressão de que uma raça superior de artífices do passado deixou um documento para as gerações futuras, como exemplo ou prova de seu próprio conhecimento científico.

Nada de extraordinário, fora o tamanho, tinha sido percebido a respeito da pirâmide, até que os exploradores franceses da época em que Napoleão ocupou o Egito começaram a mapear o país. Escolhendo a pirâmide como ponto de partida para a triangulação, perceberam que se continuassem as linhas diagonais da base quadrada, o Delta do Nilo seria perfeitamente enquadrado; perceberam também que o meridiano passa exatamente no ápice da pirâmide, cortando o Delta em duas partes iguais. É óbvio que alguém planejou a localização da pirâmide por uma razão específica. Estudos posteriores levaram à conclusão de que se o perímetro da base for dividido pelo dobro da altura, obtém-se o número 3,1416 *(pi).* Sua orientação é de uma precisão de cerca de 4 minutos e 35 segundos. A pirâmide está centrada no paralelo 30, o que por si só já é curioso, uma vez que ele separa a maior parte de superfície de terra do planeta da maior parte de superfície de oceano. A partir do lado da pirâmide que fica voltado para o norte há uma galeria que leva à câmara real. Do fim dessa galeria, através de milhares de toneladas de pedras perfeitamente encaixadas, sai uma linha que indica diretamente a estrela polar, que na época da construção da pirâmide pertencia à constelação do Dragão. A altura da pirâmide, multiplicada por um bilhão, dá a distância da Terra ao Sol. A medida de cada lado da pirâmide, em côvados, é o número de dias do ano. Outros cálculos indicam o peso da Terra e a medida das circunferências polares. Um vaso de granito vermelho, encontrado na câmara real, sugere todo um sistema de medidas.

Os estudos sobre a grande pirâmide têm sido objeto de muitos livros e estão um tanto desacreditados pelo entusiasmo excessivo de alguns escritores que "viram", nas medidas da pirâmide e de suas galerias, profecias do futuro. Essa pirâmide, a maior de todas, parece ser a única com medidas significativas. Não há indícios de que os egípcios, através dos séculos, tenham visto a pirâmide como algo além de um local onde havia imensos tesouros e o túmulo do faraó.

Há um mistério a respeito da origem da civilização egípcia, já que na época da primeira dinastia (aproximadamente 3200 a.C), o Egito passou de uma cultura neolítica para uma cultura adiantada — quase "da noite para o dia", em perspectiva histórica — com ferramentas de cobre com as quais construíram grandes palácios e templos, e uma escrita bastante sofisticada, aparentemente sem um período de transição. De onde os egípcios tiraram essa civilização adiantada? Manetho, um historiador egípcio da dinastia dos Ptolomeus, disse: dos deuses que governaram o Egito antes de Menés, o primeiro faraó.

Os Upanishads, livros religiosos antigos da índia, contêm trechos que durante séculos pareceram obscuros e de difícil interpretação. Considerados sob o ponto de vista da composição molecular da matéria, porém, tornaram-se perfeitamente acessíveis; este é mais um caso de conhecimentos científicos preservados através de livros religiosos. Nós próprios devemos o conhecimento do zero, ou melhor, o *uso* do zero, à índia antiga. Esse conhecimento nos foi transmitido através dos árabes, que escreviam o zero como um ponto.

Porém os maias do México e da Guatemala também conheciam o zero e utilizavam-no em cálculos cronológicos e astronômicos com incrível precisão.

Existia uma curiosa coincidência entre o calendário do Egito antigo e o do México: ambos calcularam, ou aprenderam de uma fonte comum, que o ano é composto de 365 dias e 6 horas, baseados numa divisão dos meses que deixava cinco dias complementares no fim de cada ano, e uma intercalação adicional ao fim de cada ciclo. O ciclo dos astecas era de cinqüenta e dois anos e dos egípcios de mil quatrocentos e sessenta. A data do nosso calendário que corresponde ao começo dos anos astecas e egípcio é o dia 26 de fevereiro.

Mas ao lado desses notáveis conhecimentos matemáticos e científicos os maias e outros ameríndios desconheciam a roda. Pensava-se que nenhum ameríndio conhecera a roda, até que foram encontrados, em território mexicano, *brinquedos* de roda antigos. Talvez a roda tenha sido conhecida e depois esquecida. É quase como se a cultura tivesse regredido. A civilização maia estava em decadência quando os conquistadores espanhóis chegaram; a grande civilização tolteca havia desaparecido, assim como os construtores de Cuzco e Tihauanaco, na América do Sul.

A incrível semelhança entre as arquiteturas egípcia e maia ficou patente desde que as primeiras ruínas maias foram descobertas: em ambas as civilizações usavam-se pirâmides, colunas, obeliscos, esteias (mas não arcos),

hieróglifos como ornamentação, baixos-relevos e frisos de pedra narrando incidentes históricos. Apesar de outra culturas ameríndias se assemelharem à egípcia, é a arquitetura maia, representativa da cultura indígena que mais avançou em direção ao mar, a que mais se assemelha ao antigo Egito.

Ao estudarmos a origem das culturas maia, olmeca, tolteca e outros povos pré-colombianos da América Central, encontramos um curioso relato de Sahagun, cronista da conquista espanhola: segundo fontes antigas, a cultura desses povos teria sido transportada para o México e a América Central de outro lugar. "(Eles) vieram por mar e aportaram perto (Vera Cruz) — os velhos sábios que tinham toda a escrita, os livros, as pinturas. "Edgarton Sykyes, em sua edição anotada do livro de Donnelly, dá uma explicação bastante interessante para o costume maia de abandonar as cidades e construir outras. Se o maias vieram de terras a leste da América Central, provavelmente viveram em áreas que foram submersas, e teriam sido obrigados a abandonar suas cidades quando elas afundaram, e a construir novas, que mais cedo ou mais tarde afundariam também. Esse hábito de fugir das terras inundadas pode .explicar a tendência dos maias de trocar uma cidade por outra *antes* que o mar a destruísse. Ê óbvio que há a teoria, aceita por todos, de que os maias abandonavam as cidades após esgotarem totalmente o solo que as rodeava. Mas há ruínas maias junto à costa do México, sob as águas do Mar do Caribe, assim como as ruínas muito "novas" descobertas recentemente e que provavelmente pertencem aos maias ou a alguma cultura ainda anterior.

A aparente regressão cultural ou falta de progresso desde um ponto de partida adiantado é uma constante que se repete em relação ao Império inca: o povo que precedeu os incas na América do Sul deixou construções que dispensam comentários. Quando examinamos as ruínas arquitetônicas do Peru e da Bolívia, não encontramos resposta à pergunta de como elas foram construídas. Os blocos de pedra de Cuzco podem ser separados em duas categorias: os colocados pelos incas na construção de palácios e templos e os colocados em outras construções pelos predecessores dos incas, dos quais só restam lendas. Esses últimos são enormes blocos que se encaixam perfeitamente. Como era possível, para um povo primitivo, cortar e transportar esses blocos de proporções ciclópicas, maiores que os das pirâmides egípcias, levando-se em conta, além de tudo, o relevo acidentado da região? E como, se esse povo possuía apenas técnicas primitivas, foi capaz de fazer um encaixe tão perfeito? E se eram capazes de cortar a pedra, por que não cortá-las uniformemente, o que seria bem mais fácil do que cortá-las em ângulos diferentes para depois encaixá-las, como num gigantesco quebra-cabeças? Uma possível resposta para essa última pergunta seria que a construção feita dessa maneira é mais resistente aos terremotos que sempre abalaram a região andina.

Uma outra ruína gigantesca e inexplicável, Tihauanaco, nas margens do lago Titicaca, Bolívia, foi encontrada pelos primeiros conquistadores espanhóis. Era uma cidade feita de enormes blocos de pedra, alguns pesando

mais de duzentas toneladas, presos uns aos outros por parafusos de prata. Esses parafusos foram retirados pelos espanhóis, o que fez com que, durante os terremotos que se seguiram, os edifícios acabassem de ruir. Blocos de pedra pesando cem toneladas serviam como fundação para as paredes dessas construções, e batentes de porta de dez pés de altura e dois de espessura foram feitos a partir de um único bloco de pedra. De acordo com as lendas locais, a cidade teria sido construída pelos deuses. É de se acreditar que os construtores fossem super-homens, pois essas enormes ruínas se localizam a uma altitude de mil e trezentos pés, em lugares áridos, sem condições de sustentar a grande população necessária à construção de edifícios tão maciços.

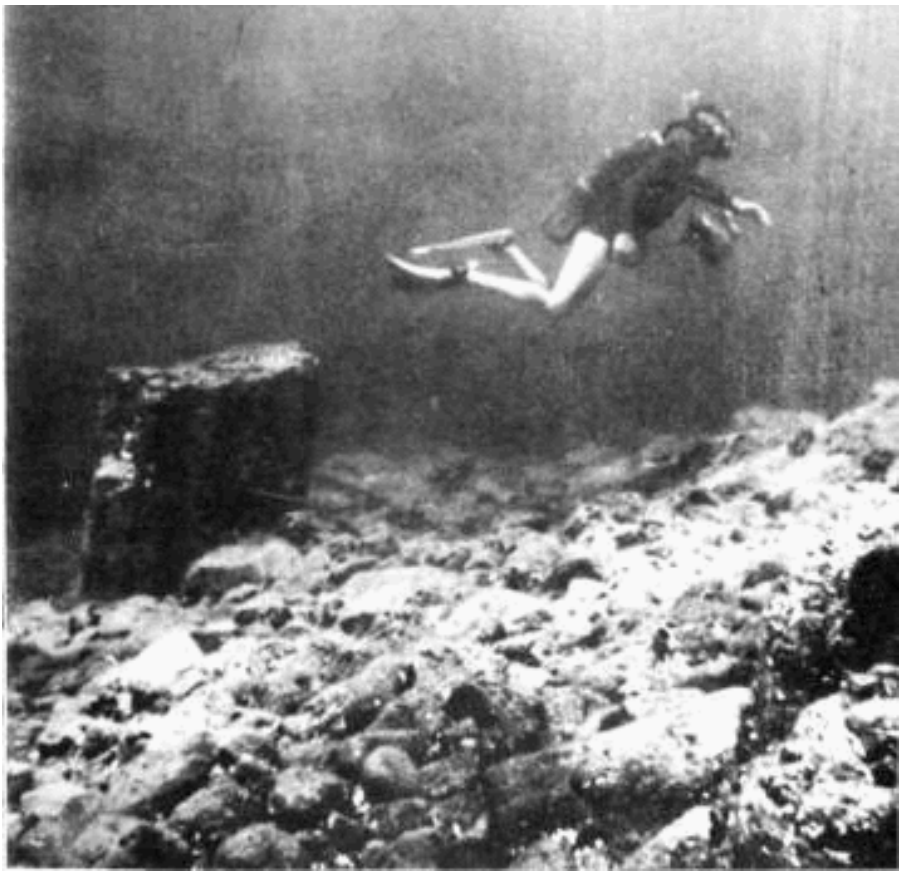
Alguns arqueólogos sul-americanos consideram que Tihauanaco (ninguém conhece o nome primitivo, já que não há documentos da época da construção) foi construída quando a terra era quase duas milhas mais baixa do que é atualmente. De fato, há um antigo porto, agora seco, nas proximidades da cidade. Essa teoria se baseia em mudanças na Cordilheira dos Andes, em depósitos calcários e em "marcas d'água" em rochas e montanhas; e ao se supor que a parte dos Andes onde se localiza o lago Titicaca foi empurrada para cima, conclui-se que isso causou a destruição da cidade e de outros centros dessa cultura pré-histórica. Fósseis de mastodontes, toxodontes e preguiças-gigantes, encontrados em escavações, indicam a mudança de altitude. Esses animais não viveriam na altitude atual, e a população que construiu a cidade não teria condições de sobreviver numa área tão árida e elevada. Pinturas desses animais foram encontradas em cerâmicas feitas pelos habitantes desaparecidos da região.

Os arqueólogos que estudam o local situaram o abandono de Tihauanaco há dez ou doze mil anos; mas no que tange a datas, muito se tem ainda a descobrir. Porém devemos admitir que essa data, coincidindo exatamente com a dada a Platão pelos sacerdotes egípcios para a submersão da Atlântida, é bastante conveniente: uma parte da Terra afunda e outra se eleva, como para manter o equilíbrio da superfície terrestre. Nessa ocorrência, há indícios de que a costa oeste da América do Sul também tenha sido afetada. Em 1966 as câmaras fotográficas do Programa Oceanográfico de Duke fotografaram colunas de pedra numa planície, e alguns detectores de profundidade registraram outras variações pouco comuns num fundo que, a não ser por isso, é plano.

O Dr. Maurice Ewing, do Observatório Geológico de Lamont, observou a respeito da cadeia de montanhas e dos cinturões de terremotos oceânicos: "...o efeito oposto da tensão é a compressão, que resulta numa dobra da superfície da Terra. As cadeias de montanhas dos continentes, tais como as Rochosas e os Andes, foram provavelmente causadas por uma dessas dobras".

Outros indícios de uma civilização pré-histórica na América do Sul são desconcertantes, como os brinquedos de rodas do antigo México. Existe uma tradição de que os antigos peruanos haviam desenvolvido um sistema de escrita hieroglífica do mesmo tipo da que foi desenvolvida pelas civilizações

centro-americanas, mas que os incas a proibiram (por ser pouco prática?) e instituíram seu próprio sistema de cordas coloridas com nós. Essas cordas, usadas para registrar impostos, taxas e recenseamentos, talvez tenham sido uma forma de escrita ou uma espécie de computador antigo.



(Fotografia de Jim Thorne.)

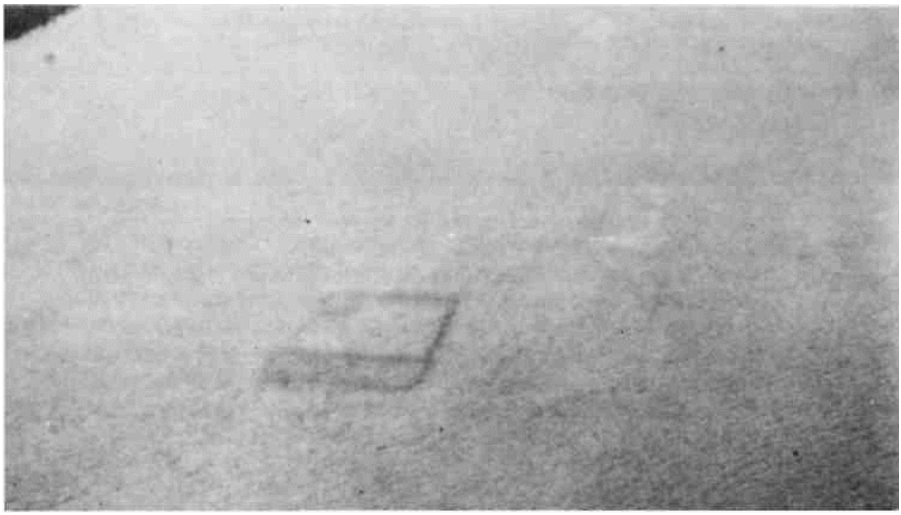
Fotografia tirada a uma profundidade de mais de cem pés, mostrando as ruínas de uma antiga cidade distante mil pés da ilha de Meios, no Mar Egeu, a ilha da "Vênus de Milo". A coluna à esquerda está quebrada, mas permanece no mesmo lugar, assim como o muro à direita, exatamente como estavam quando a cidade afundou no mar, provavelmente em conseqüência de uma erupção vulcânica.

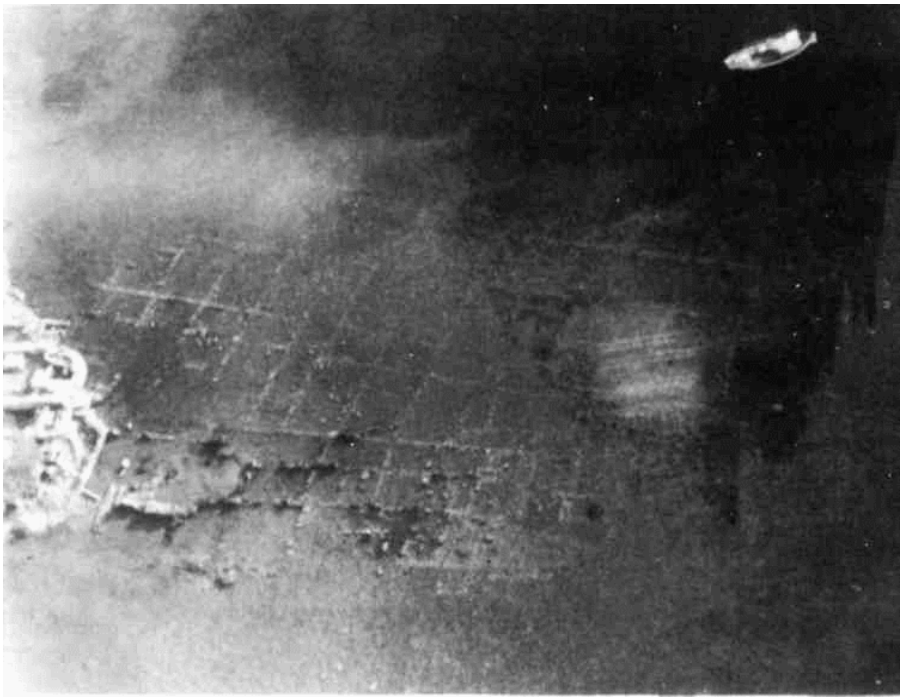
(Fotografia de Trig Adams).

Vista aérea da "ruína" submarina junto à ilha de Andros, no Caribe. A descoberta dessa e de outras construções similares deram grande crédito à previsão de Edgar Cayce, feita em 1924, de que as ruínas da Atlântida emergeriam em 1968 ou 1969.

Vista mais próxima de uma construção submersa, considerada semelhante às da arquitetura maia.

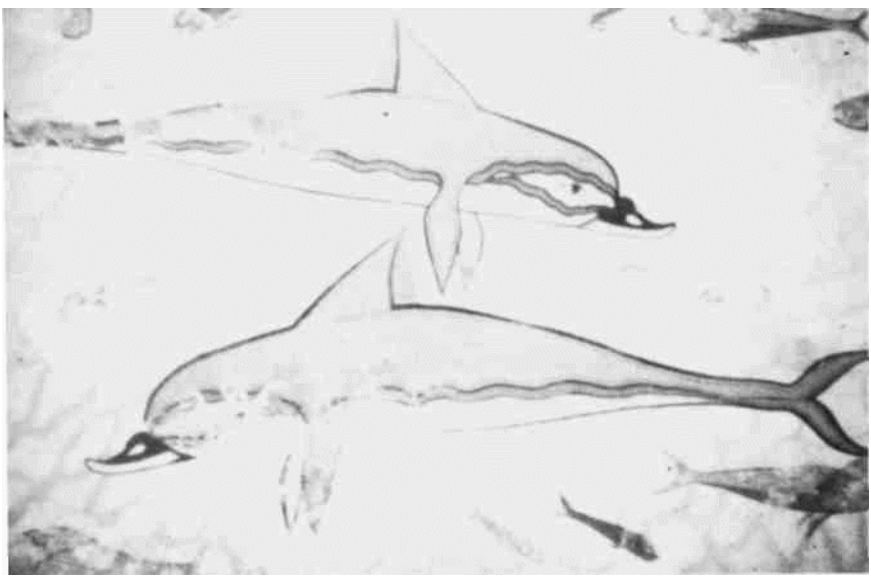
(Fotografia de Trig Adams).





(Fotografia de Adelaide de Mesnil.)

Vista aérea de uma parte de um porto submerso em Cenchreai, no Mar Egeu, mostrando a permanência de terras costeiras no Mediterrâneo. A antiga linha d'água pode ser vista na área de docas junto ao barco, e no canto direito inferior. As ruínas da extrema esquerda estão acima do nível da água.



(Fotografias de Nathalie Derujinski.)

Jarra e piso (acima) provenientes de Creta, indicando a preocupação artística cretense com o mar e suas criaturas, o domínio de Poseidon.

Fontes de água quente em São Miguel, nos Açores, que lembram a descrição de Platão das fontes de água quente e fria da Atlântida.

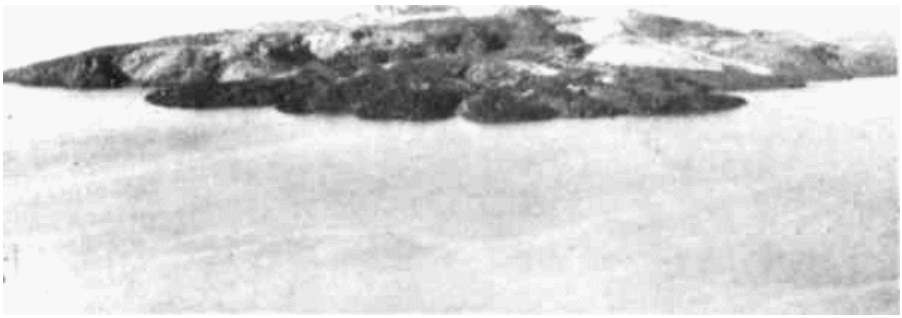
(Fotografia cedida por cortesia da Comissão Regional de Turismo dos Açores.)

(Fotografia cedida por cortesia da Comissão Regional de Turismo dos Açores.)

Vista dos Lagos das Sete Cidades, nos Açores. Ambos estão ligados, nas lendas

locais, à Atlântida e a cidades afundadas que existiriam no fundo dos lagos. Uma lenda explica a cor dos lagos como resultado de ter a última princesa da Atlântida perdido seus chinelos de esmeralda em um dos lagos e seu ornamento de cabeça, azul, no outro, por ocasião do desaparecimento das sete cidades da Atlântida.

Vista de uma ilha, tirada da baía de Thera. A extensão de água foi terra em outra época, ligando-a à ilha principal, antes da explosão ocorrida há cerca de 2.500 anos atrás.
(Fotografia de Nathalie Derujinski.)



Outra vista dos Lagos das Sete Cidades, azuis e verdes, tendo ao fundo o Oceano Atlântico e mostrando a formação vulcânica da ilha, que parece o alto de uma montanha de uma enorme cadeia submarina.
(Fotografia cedida por cortesia de Comissão Regional de Turismo dos Açores.)

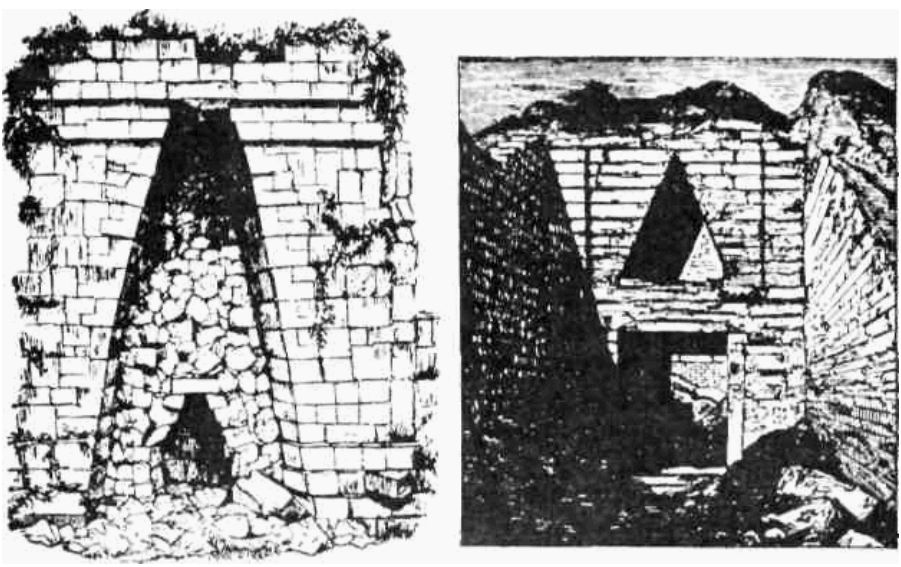
Vista de montanhas da Madeira, mostrando picos íngremes que têm continuação sob o Oceano Atlântico.

(Fotografia cedida por cortesia da Sociedade Hispânica da América.)

La Dama de Elche, uma escultura pré-história encontrada perto de Elche, no sul da Espanha, indica uma cultura hispânica pré-histórica adiantada. Supôs-se que essa estátua representasse uma sacerdotisa da Atlântida, e é considerada por muitos como uma ligação com a pré-história da Atlântida.

Além disso existem algumas construções incrivelmente grandes. Uma imensa colina em Cholula, México, em cujo topo existe hoje em dia uma igreja, era originariamente uma pirâmide. Diz-se que foi construída como refúgio para inundações futuras, porém uma confusão de linguagens dispersou os construtores (uma lenda bastante familiar). Uma montanha próxima a Quito, no Equador, tem uma forma tão regular que alguns observadores consideram-na artificial ou, em outras palavras, uma pirâmide gigantesca; porém a impressão geral é de que é grande demais para ter sido feita por homens. As imensas pirâmides toltecas e astecas eram *bases* para templos — fazendo com que os espanhóis ficassem maravilhados com essas "mansões no céu".

Encontramos também, através do mundo atlântico e do Mediterrâneo antigo, monumentos imensos e obras de pedras ciclópicas. Os misteriosos círculos monolíticos de Stonehenge, os dolmens da Bretanha e da Cornuália, os fortes neolíticos da Irlanda, de Aran e das Ilhas Canárias, muros ciclópicos no sul da Espanha, a continuação do "cinturão de pirâmides" da América através da Etrúria e da África do norte até a Mesopotâmia, palácios de pedra, túmulos, templos, ou conjuntos de grutas na Sardenha, em Malta, nas Ilhas Baleares, e na Grécia arcaica, e Micenas, uma arquitetura ciclópica similar, assim como o mesmo arco de mísula usado em Yucatán.



Comparação entre "falsos arcos" em ruínas, vim em Palenque, no México, e o outro em Micenas, na Grécia.

Algumas dessas estruturas megalíticas podem ter tido finalidades conhecidas pelos construtores, porém não tão evidentes para nós. Imensos círculos de pedra em Stonehenge, Inglaterra, cujo interesse reside não só no

tamanho das pedras e na questão de como foram transportadas e colocadas no lugar, porém mais ainda no padrão racional de sua construção. O eixo central de Stonehenge foi construído para ter uma correlação exata com o nascer do sol no meio do verão. Outras descobertas parecem confirmar a finalidade de Stonehenge como sendo um enorme relógio astronômico, e suas correlações exatas demonstram o conhecimento não só de astronomia mas também de trigonometria dos construtores.

Outra série de calendários construídos em pedra e imensos desenhos riscados no chão, porém só totalmente visíveis *do alto,* está localizada nas vizinhanças, em Avebury. São tão enormes que a disposição de suas pedras só pode ser percebida e apreciada através de fotografias aéreas. A Cornuália, onde ficam Stonehenge e Avebury, é uma península, a região da Inglaterra que mais avança para o Atlântico, talvez em direção ao lugar de onde vieram os primeiros construtores, para construir o que parecem ser imensos "relógios planetários" de pedra.

Do outro lado do Atlântico, na região desértica a cerca de 160 milhas a sul de Lima, Peru, existe uma espantosa série de padrões geométricos e de imensos desenhos no chão, de pássaros, animais, pessoas, cobrindo uma área de duzentas milhas quadradas. Os desenhos no chão são tão grandes que só podem ser vistos do ar, e é difícil imaginar como os artistas podiam ter certeza do que estavam fazendo, sem algum meio de verificar ou observar do alto.

Mais fora do comum ainda são as intrincadas séries de linhas e faixas trapezoidais que, assim como os desenhos, não haviam sido observados até serem vistos, em 1939, por um professor de História que viajava de avião para estudar técnicas de irrigação antigas.

Supõe-se que esses desenhos tenham sido feitos pelos índios Nazca, anteriores aos incas, um povo que desapareceu. Uma das teorias é de que eles tinham conexão com a relação entre as estrelas e as linhas do solstício e do equinócio, durante a era Nazca ou, em outras palavras, um enorme calendário astronômico que lembra Stonehenge e Avebury. A lenda local atribui-os à deusa Orixana, que desceu à Terra num "navio do céu tão brilhante quanto o Sol". (Poder-se-ia supor que ela precisava de uma aeronave para apreciar os desenhos, ou que possivelmente esses desenhos e faixas tinham alguma relação com facilidade de aterrissagem.)

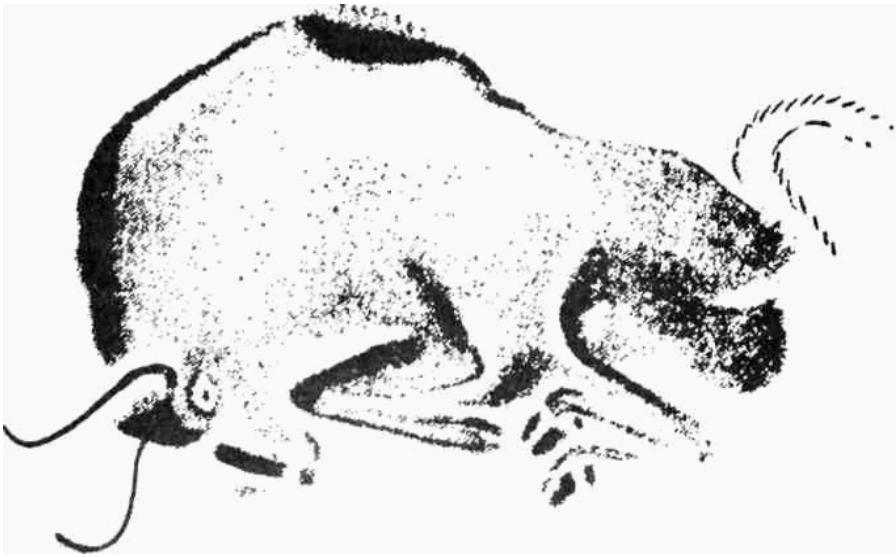
De qualquer maneira, os descendentes ou os habitantes indígenas atuais de certas áreas onde se encontram esses monumentos fora do comum e talvez "funcionais", evidentemente esqueceram a finalidade para a qual eles foram construídos.

Na Bretanha, longas fileiras de menires (enormes pedras em pé) e os dolmens intrincadamente equilibrados (blocos apoiados no alto de um grupo de blocos em pé) podem também estar ligadas a observações do tempo ou das estações. Porém um dos dolmens, chamado "A Pedra Falante", tem sido usado mais recentemente para finalidades quiromânticas, aparentemente indicando, por uma inclinação de sua enorme massa, se a resposta à pergunta feita é sim

ou não.

Existe também o enigma cultural das antiqüíssimas pinturas das cavernas, na Europa, em Lascaux, Altamira e outros lugares, assim como pinturas em cavernas no Saara, na África, que datam da época em que o Saara ainda não era um deserto. Essas pinturas mágicas ou de caçadas animais estão localizadas em várias cavernas da Espanha, França e África. Geralmente são consideradas obra do homem de Cro-Magnon, uma cultura pré-glacial de cerca de trinta mil anos atrás. Algumas dessas pinturas são rudimentares, mas outras são tão sofisticadas em estilo, composição e tratamento, que parece que grupos pré-históricos diferentes usaram essas cavernas. Entre eles havia alguns que possuíam uma arte altamente desenvolvida e estilizada, que deve ter levado séculos para evoluir. Ao ser examinada, depois de mais de trinta mil anos, ela parece estranhamente moderna, diferente dos muitos períodos artísticos dos séculos intermediários. De onde veio essa raça de artistas desenvolvidos, que apareceram subitamente na Europa Ocidental e na África do norte? Seriam refugiados de uma área afundada no Oceano Atlântico?

Nenhuma das similaridades acima ou formas arquitetônicas aparentemente relacionadas fornecem, no entanto, provas da existência da Atlântida. Trata-se apenas de um fato presumível ou de um "palpite fundamentado" o qual, se verdadeiro, faria com que muitos fragmentos desconexos de informação se encaixassem. Baseados na suposta existência de um antigo continente atlântico ou de uma ponte de terra entre as Américas e a Europa, podemos dar a isso a denominação de "A Explicação da Atlântida" da pré-história. Essa ligação de terra também explicaria o fato de se ter encontrado ossos de mamutes, elefantes, leões, tigres, camelos e cavalos primitivos na América. Apesar de nenhum desses animais existir no continente quando os espanhóis chegaram, seus restos foram definitivamente identificados. Bochica, o professor que trouxe a civilização para o povo Chicha, na Colômbia, chegou, segundo a lenda, num camelo.



Pintura pré-histórica numa gruta de Altamira, na Espanha, mostrando um tratamento sofisticado numa rocha ligeiramente saliente, seguindo a forma do animal.

Cabeça de cavalo do período aurignáceo, encontrada numa gruta em Mas d'Azil. na França.

Esboço de um grande túmulo pré-colombiano em forma de elefante, existente em Wisconsin, (visto de cima), e flauta encontrada num túmulo em Iowa.

O elefante, ou talvez o mamute, é uma figura freqüente na arte e na arquitetura ameríndia. Os índios pré-colombianos teriam visto esses animais ou apenas reconstituído os mesmos a partir de seus ossos? De qualquer maneira, pareciam conhecer a tromba dos elefantes. Decorações baseadas em cabeças de elefantes e máscaras de elefantes em baixo-relevo foram encontradas em Palenque, no Yucatán, e um grande túmulo com a forma evidente de um elefante ainda existe em Wisconsin. Esse túmulo é chamado, bastante apropriadamente, de Túmulo do Elefante. Outras representações de elefantes ocorrem em flautas, encontradas em outro túmulo indígena em Iowa. Na América Central pré-colombiana foram encontrados elefantes alados de ouro, presos a uma corrente e usados como adornos de pescoço. (A respeito desse último caso, um crítico italiano declarou que os elefantes não têm asas hoje em dia e provavelmente não tinham naquela época. Mas o que dizer a respeito de cavalos alados em nossas próprias artes e lendas, como Pégaso?)

A. Braghini, em seu livro *A Sombra da Atlântida,* sugere uma outra ligação entre elefantes e mamutes e as mudanças que ocorreram na Terra na época da suposta submersão da Atlântida. Esse autor faz um paralelo entre os numerosos mamutes encontrados congelados na Sibéria, cuja idade é de aproximadamente doze mil anos, e um enorme campo de ossos de mastodontes encontrado na Colômbia, perto de Bogotá. Em ambos os casos ele atribui a morte dos animais a uma súbita mudança de clima. Alguns dos mamutes siberianos foram encontrados congelados em pé, ainda com alimentos não digeridos em seus estômagos. Mas aquilo que eles estavam comendo não é mais encontrado nessa área. Supõe-se que esses mamutes tenham se afogado num mar de lama que se congelou. Na Colômbia, a súbita morte dos mastodontes, evidenciada pela quantidade de ossos encontrada numa região perto de Bogotá, é atribuída por Braghini a uma súbita elevação do chão onde eles pastavam. Esses dois fenômenos provavelmente ocorreram ao mesmo tempo — a elevação da América do Sul e a enchente dos pântanos siberianos — aproximadamente no mesmo período da história do mundo indicado por Platão para a submersão da Atlântida.

Animais mais inferiores também são citados como prova da teoria das ligações de terra. O mesmo tipo de minhocas está presente na Europa, no norte da África e nas ilhas do Atlântico. Existe um crustáceo da água doce que é comum à Europa e à América. Há espécies de besouros que são comuns apenas à América, África e Mediterrâneo. Das borboletas encontradas nos Açores ou nas Ilhas Canárias, dois terços são comuns à Europa e cerca de um quinto à América. Certo molusco, o oleacinida, é encontrado apenas na América Central, nas Antilhas, em Portugal *e* nos Açores e Canárias. Como os moluscos se prendem a rochas no litoral e a plataformas junto ao litoral, e só se reproduzem a uma certa temperatura, deve ter existido alguma ligação de terra que justifique sua presença em pontos tão largamente separados.

Numa caverna em Lanzarote, perto de Cueva de los Verdes, nas Ilhas Canárias, existe um pequeno lago preto, de água salgada, que se enche com a

maré. Nesse lago há pequenos crustáceos denominados *Munidopsis polymorpha,* que são cegos e não existem em nenhum outro lugar. Uma espécie não cega, o *Munidopsis tridentata,* vive no que poderia ser a parte submarina desse lago atlântico, a quase meia milha de profundidade. Os cientistas que estudaram esse assunto acreditam que os *Munidopsis* cegos ficaram presos no lago subterrâneo há milhares de anos atrás, e gradualmente perderam a visão.

Quando os Açores foram descobertos encontraram-se coelhos, implicando na existência de algum tipo de ligação de terra, a menos que os cartagineses tenham transportado esses animais para os Açores, o que é muito pouco provável.

Representação de um elefante, ou de uma figura usando uma máscara de elefante, proveniente do México antigo.

Voltando aos animais maiores, a presença de homens, gado, carneiros e cachorros nas Ilhas Canárias, na época de sua descoberta, no século XIV, seria mais fácil de explicar, pois essas ilhas são relativamente próximas à África, a não ser por um detalhe: os habitantes das Ilhas Canárias, na época do descobrimento, *não tinham barcos,* uma falha seguramente pouco comum entre habitantes de ilhas.

Além disso encontra-se um determinado tipo de focas próximo aos Açores, embora normalmente as focas não costumem ir até o meio do oceano. A hipótese da Atlântida explicaria que as focas, provavelmente, seguiram a linha de um litoral que quase unia o Velho e o Novo Mundo, mas foram biologicamente isoladas, como outros animais, pela catástrofe. Essa ligação nos faz lembrar o relato de Aélio sobre os "carneiros do mar", de cujo couro os "Governantes da Atlântida" fabricavam as faixas que usavam na cabeça.

Será que toda a fauna das ilhas do Atlântico, moluscos, crustáceos, borboletas, coelhos, bodes, focas e pessoas são sobreviventes biológicos,

isolados na mesmas ilhotas, os picos das montanhas de um continente submerso?

Finalmente, há o caso da própria Idade do Bronze. O homem começou a usar o bronze, uma liga de cobre e estanho, muitos séculos antes de usar o ferro. Além do mais, o uso do bronze era comum ao oeste e norte da Europa, assim como ao Mediterrâneo; era conhecido também pelos incas do Peru, e os astecas do México. As culturas da Idade do Bronze, tanto na Espanha, como na França, Itália, norte da África e mesmo na Europa do norte, demonstram uma civilização bem mais adiantada do que se supunha anteriormente.

Apesar de, até onde sabemos, os índios americanos não terem desenvolvido o bronze, eles produziram algumas amálgamas de cobre. Minas de cobre junto ao Lago Superior indicam operações mineiras pré-históricas desde 6.000 a.C. Outros povos índios eram hábeis metalurgistas. Os índios do México e da América Central deixaram-nos artefatos e jóias intrincados e de grande beleza, feitos de metais preciosos. Os incas do Peru exploravam enormes quantidades de ouro e prata, que não eram usados como dinheiro, mas como matéria-prima para a fabricação de artigos de ornamento, dando ênfase a objetivos religiosos e à família imperial. O ouro era chamado "Lágrimas do Sol" e a prata, "Lágrimas da Lua"; os jardins incas. segundo relatos dos primeiros conquistadores espanhóis, continham árvores de prata habilmente forjadas, nas quais estavam pousados pássaros de ouro.

O uso do ferro forjado aparentemente veio da Ásia Central, espalhando-se para leste e oeste, enquanto seu predecessor, o bronze, existia em uma área que pode ser descrita como um grande círculo ao redor do Atlântico, das Américas até o norte da Europa, incluindo, além disso, o Mediterrâneo.

Um exemplo especialmente interessante da Idade do Bronze no Mediterrâneo é a cultura etrusca, cujos carros e armas de bronze não foram capazes de resistir aos romanos, e que desapareceu da História, deixando documentos escritos em um alfabeto que ainda não foi decifrado. É uma coincidência extraordinária que Platão tenha mencionado especificamente o país dos etruscos, a Ligúria, como sendo uma colônia da Atlântida.

A Idade do bronze se estendeu ao norte da África até a Nigéria, onde o antigo povo ioruba desenvolveu uma civilização avançada e sofisticada. Entre outras estátuas de bronze encontradas em Ife, na Nigéria, um exemplo especialmente interessante é o da cabeça de Olokun, deus do mar, como Poseidon, também senhor do mar — e dos terremotos.

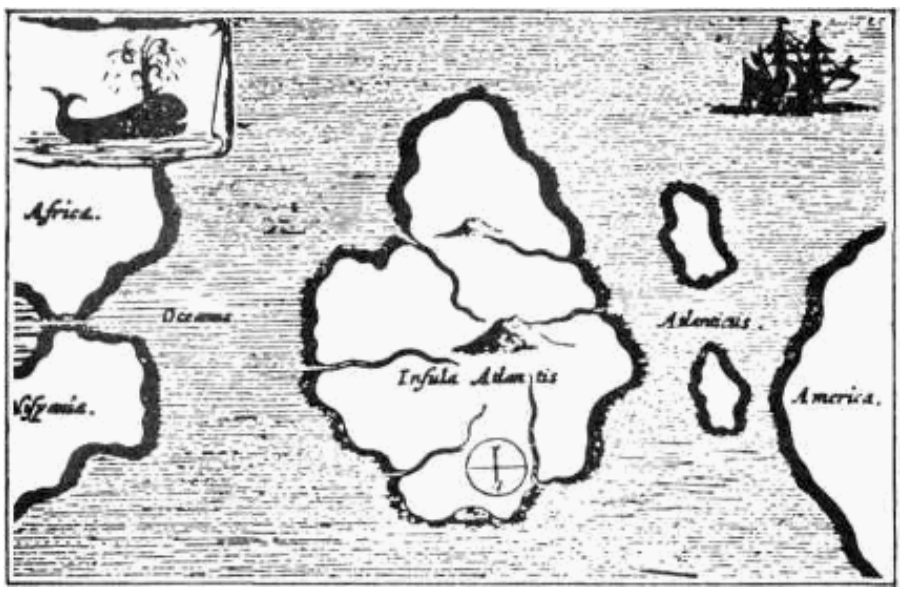
Ao considerarmos as semelhanças das culturas pré-históricas da Idade do Bronze em termos de um arco ao redor do Atlântico leste e sua "enseada", o Mediterrâneo, poderíamos nos lembrar da semelhança entre os nomes que descrevem o mesmo arco — Atlas, Antilla. Avalon, Arallu, Ys, Lyonesse, Az, Ad, Atlantic. Atalaya, como os nomes "americanos" de Aztlán, Atlán, Tlapllan, etc.; todos esses nomes se referem a uma terra ou paraíso perdido de onde vieram os mestres, e que se localizava a leste ou oeste do Oceano, dependendo do lado em que as lendas corriam.

Se estivéssemos tentando desvendar alguns dos mistérios da pré-história, quantos fatos a Atlântida poderia explicar! Através da hipótese de que existiu um ponto, no centro do Atlântico, que desenvolveu e espalhou uma importante civilização pré-histórica que desapareceu numa catástrofe, poderíamos explicar desconcertantes coincidências culturais e lendas comuns sobre o dilúvio no Velho e no Novo Mundo; a distribuição de certos povos e animais; a elevação e a submersão de massas de terra; indícios de regressão de certas civilizações; a perda de conhecimentos e técnicas preservadas apenas através de lendas; evidências de uma arte sofisticada em períodos pré-históricos; em resumo, a origem e a difusão da própria civilização. Mas, por mais conveniente que essa hipótese possa ser, ela é, por falta de provas mais conclusivas, apenas uma teoria — e as teorias precisam ser provadas.

Tivemos grandes progressos no curso das investigações científicas e estamos, hoje em dia, muito melhor equipados para reexaminar o passado. A origem da civilização está atualmente localizada em uma época tão remota que está encoberta por lendas — em um passado tão distante que equivale ao tempo que Platão calculou para a submersão da Atlântida. Em outras palavras, através da moderna tecnologia, das pesquisas arqueológicas, das técnicas de cálculo de datas, do fim dos documentos indecifráveis graças ao advento dos computadores e das facilidades de exploração submarina, estamos agora numa posição melhor do que nunca para descobrir quando começou a civilização e, ao mesmo tempo, para provar ou não a teoria da Atlântida. Isso porque, apesar de algumas teorias sobre a Atlântida terem sido desacreditadas sob a luz dos exames posteriores, algumas descobertas reafirmaram alguns elementos dessa teoria e até mesmo sugeriram outros.

8 - Algumas Teorias Sobre a Atlântida

Filósofos e escritores, desde o tempo da descoberta das Américas até hoje, deram-nos suas teorias sobre a Atlântida. Francis Bacon, por exemplo, em *A Nova Atlântida,* escrita em 1638, opinou que a Atlântida de Platão era simplesmente a América. O ambiente criado por Shakespeare para *A Tempestade,* por se localizar numa ilha do Atlântico, é algumas vezes atribuído ao interesse sempre renovado pela Atlântida e pelas ilhas perdidas do Atlântico. Mais tarde, em 1665, o Padre Kirsher, um jesuíta estudioso do assunto, reafirmou a opinião de que a Atlântida era uma ilha do Atlântico, e deixou um mapa da Atlântida e de sua relação com a Europa e a América; esse mapa parece estar de cabeça para baixo, já que o sul está no alto.



Mapa da Atlântida feito no século XVII pelo Padre Kirsher (o norte está embaixo), com uma inscrição que diz: "O lugar onde ficava a Atlântida, agora coberta pelo mar, segundo a crença dos egípcios e a descrição de Platão."

Até Voltaire parece ter entrado em cena, através de uma dedicatória feita a ele por Jean Bailly, um astrônomo francês anterior à Revolução Francesa, num estudo da Atlântida, que ele localizou no extremo norte, quando o Ártico era tropical. Supõe-se que Voltaire era da mesma opinião que Bailly, apesar de isso ser difícil de provar, principalmente diante da falta de fé de Voltaire na maioria das instituições de sua época.

É sabido que parte do Ártico e da Antártida *eram* tropicais. Escavações atuais no Alasca, no norte do Canadá e na Groenlândia descobriram tigres e

outros animais cujo *habitat* sugere um clima mais quente. Porém isto, em si, não tem ligação imediata com o assunto Atlântida, sendo apenas outra demonstração das grandes mudanças climáticas pelas quais o mundo passou.

Entre outras teorias mais modernas sobre a Atlântida surgiram, no século XIX, duas importantes escolas: uma baseada na Atlântida como sendo uma ilha atlântica, uma ponte entre a América e a Europa, e a outra supondo que a Atlântida ficasse localizada no norte ou noroeste da África, numa época em que o Saara ainda não era deserto.

A primeira teoria foi grandemente impulsionada em 1882 por Ignatius Donnelly, cujo livro *Atlântida — Mitos do Mundo Antediluviano,* que teve cinqüenta edições e continua sendo publicado, teve tanta influência sobre os estudos da Atlântida que merece, apesar de seus erros freqüentes e exageros entusiásticos, um exame detalhado e bastante tolerante considerando-se a época em que foi escrito. Seu entusiasmo e convicção nunca foram igualados desde então.

Talvez Donnely tenha sido influenciado, em sua teoria sobre a Atlântida, por Bory de Saint-Vincent que, em 1803, escreveu um artigo no qual afirmava que os Açores e as Ilhas Canárias eram remanescentes da Atlântida, e que desenhou um mapa da Atlântida baseado em informações de escritores clássicos. Donnelly foi também provavelmente influenciado por Brasseur de Bourbourg e Le Plongeon, dois estudiosos franceses que moraram no México e na Guatemala, aprenderam a língua maia e mais tarde fizeram traduções interpretativas não averiguadas de trechos dos poucos registros maias que ainda existem, e através das quais tentaram provar que os maias eram descendentes de fugitivos da Atlântida. Donnelly também pode ter sido influenciado por Hosea (1875), um estudioso americano que equiparou as culturas indígenas americanas às do Egito.

A teoria de Donnelly é de que a Atlântida foi a primeira civilização do mundo, o poder colonizador e civilizador do litoral atlântico, da costa do Atlântico, do Mediterrâneo, do Cáucaso, da América Central e do Sul, do vale do Mississipi, do Báltico e até mesmo da índia e partes da Ásia Central, assim como o local onde o alfabeto foi inventado. Supôs que a submersão catastrófica da Atlântida foi um fato histórico, imortalizado em lendas de dilúvio, e achava que os mitos e lendas da antigüidade eram apenas uma versão confusa da verdadeira história da Atlântida.

Donnelly tentou abordar o assunto sob um ponto de vista científico, examinando a plausibilidade da narrativa de Platão e levando em conta os terremotos historicamente comprovados, assim como submersões de proporções cataclísmicas e o surgimento e desaparecimento de ilhas no mar.

Como prova de que uma submersão tão colossal pode ocorrer ele analisa terremotos que causaram submersão de terras no passado, em Java e Sumatra, na Sicília e numa área de duas mil milhas quadradas próximo ao Indo.

Porém para Donnelly o Oceano Atlântico parece ser a zona mais instável e mutável de todas. Ele menciona os terremotos ocorridos na Islândia no século

XVIII e o aparecimento de uma ilha cujo domínio foi exigido pelo rei da Dinamarca, mas que tornou a afundar. Ainda no século XVIII as Ilhas Canárias, "provavelmente uma parte do antigo império da Atlântida", foram abaladas por terremotos que continuaram por um período de cinco anos. Ao descrever o grande terremoto de Lisboa, também no século XVIII, "o lugar da costa européia mais próximo do local da Atlântida", ele diz: "... Sessenta mil pessoas morreram em seis minutos. Uma grande quantidade de pessoas buscaram refúgio num novo cais, construído em mármore, mas subitamente ele afundou, com todas as pessoas que lá estavam, e nenhum dos corpos jamais voltou à superfície. Um grande número de barcos e navios ancoraram por perto e, cheios de gente, foram tragados como num redemoinho. Nenhum destroço jamais veio à tona; a água na qual o cais afundou tem agora seiscentos pés de profundidade. A área atingida por esse terremoto foi muito extensa. Humboldt diz que uma parte da *superfície do mundo, quatro vezes maior que a Europa, foi abalada.* O terremoto atingiu uma área que se estendia do Báltico até a índia ocidental, e do Canadá à Argélia. A oito léguas de Marrocos o chão se abriu e engoliu uma aldeia de dez mil habitantes, tornando a se fechar depois.

"É muito possível que o centro da convulsão tenha sido o leito do Atlântico, e que tenha sido o sucessor do grande abalo terrestre que, milhares de anos antes, provocou a destruição daquela terra." Donnelly prossegue na descrição do cinturão de terremotos no Atlântico: "... Ao mesmo tempo em que Lisboa e a Irlanda, a leste da Atlântida, foram sujeitas a esses grandes terremotos, as ilhas da índia ocidental, a oeste do mesmo centro, foram seguidamente abaladas da mesma maneira. Em 1692 a Jamaica foi atingida por um violento terremoto... Uma extensão de terra próximo à cidade de Port Royal, com uma área de cerca de mil acres, afundou em menos de um minuto e o mar cobriu-a imediatamente."

Apesar de Donnelly, que escreveu antes de 1882, não ter podido prever a destruição da Martinica causada pelo Monte Pelée em 1901, podemos estar certos de que sua tristeza devido às fatalidades teria sido diminuída pelo apoio que a catástrofe deu a suas teorias.

Quando Donnelly se refere aos Açores, "indubitavelmente os picos das montanhas da Atlântida", ele supõe que os vulcões que afundaram a Atlântida podem reservar uma surpresa para o futuro: "... Em 1808 um vulcão se ergueu subitamente em São Jorge, a uma altura de três mil e quinhentos pés, e permaneceu em erupção durante seis dias, devastando toda a ilha. Em 1811 um vulcão surgiu no mar, perto de São Miguel, formando uma ilha de trezentos pés de altura, que foi denominada Sambrina, mas que logo afundou no mar." Erupções vulcânicas similares ocorreram nos Açores em 1691 e em 1720:

Ao longo de uma extensa faixa, uma enorme fratura na superfície do globo, estendendo-se para o norte e para o sul através do Atlântico, encontramos uma série

contínua de vulcões ativos ou extintos. Na Islândia temos o Oerafa, o Hecla e o Rauda Kamba; outro em Pico, nos Açores; o pico de Tenerife; Fogo, em uma das ilhas de Cabo Verde; quanto aos vulcões extintos temos diversos na Islândia e dois na Madeira; e ao mesmo tempo, Fernando de Noronha, a Ilha da Ascensão, Santa Helena e Tristão da Cunha são todas de origem vulcânica...

Esses fatos parecem demonstrar que os grandes fogos que destruíram a Atlântida permanecem latentes no fundo do oceano; que as vastas oscilações que levaram o continente de Platão para o fundo do mar podem tornar a trazê-lo à luz, com todos os seus tesouros enterrados...

Além de sugerir que a difusão de certos animais prova a existência de "pontes de terra" através do Atlântico, Donnelly sugere que a banana e outras plantas sem semente foram levadas para a América pelo homem civilizado, e cita o Professor Kuntze:

"Uma planta cultivada que não tem sementes precisa ter sido cultivada durante *um período muito longo* — na Europa não existe nenhuma planta cultivada sem semente e que dê fruto — e portanto parece justo concluir que essas plantas *foram cultivadas numa época muito primitiva, como o começo dos meados do Período Diluviano*."

A isso Donnelly acrescenta, com certeza categórica: "... Essa civilização, tal como era necessária, segundo Platão, e com exatamente esse clima, é encontrada na Atlântida e em nenhum outro lugar. Ela alcançava, através de suas ilhas contíguas, uma distância de cerca de cento e cinqüenta milhas da costa da Europa, para um lado, e quase encostava, pelo outro lado, nas ilhas da índia ocidental, ao mesmo tempo em que, através de suas cadeias interligadas, unia o Brasil à África."

Donnelly examinou detalhadamente as lendas mundiais comuns sobre dilúvios como sendo mais uma prova do afundamento da Atlântida. Detém-se especialmente num detalhe — a menção à lama após o dilúvio que, segundo Platão (e os fenícios), tornou o Atlântico impraticável para a navegação após o desaparecimento da Atlântida. Diz ele: "... Esse é um dos pontos da narrativa de Platão que provocou a incredulidade e foi considerada ridícula pelo mundo antigo e até mesmo pelo mundo moderno. Encontramos numa lenda da Caldéia algo parecido: Khasisatra diz, "Olhei atentamente para o mar, observei, e toda a humanidade tinha voltado à lama". As lendas do *Popol Vuh* dizem que "uma espessidão resinosa desceu do céu".

"As explorações do navio Challenger *mostraram que toda a cadeia submersa da qual a Atlântida faz parte está até hoje densamente coberta por detritos vulcânicos.*

"Basta lembrar as cidades de Pompéia e Herculano, que ficaram cobertas por uma massa de cinza vulcânica devido às erupções ocorridas no ano 79, e que durante dezessete séculos permaneceram enterradas numa profundidade de quinze a trinta pés...

"... Em 1783 a erupção vulcânica na Islândia cobriu o mar de pômice numa extensão de cento e cinqüenta milhas, impedindo o curso dos navios.

"... A erupção na ilha de Sumbawa, em abril de 1815, lançou... uma massa de dois pés de espessura, numa área de diversas milhas, através da qual os navios tinham dificuldade em forçar passagem.

"Parece, portanto, que a afirmativa de Platão, que foi ridicularizada pelos estudiosos, é por si mesma um dos traços mais prováveis em sua história. É provável que os navios da Atlântida, ao voltarem após a tempestade para procurar seu país, tenham encontrado um mar impraticável para a navegação devido às massas de cinzas vulcânicas e de pômice. Voltaram aterrorizados para as costas da Europa; e o choque sobre a civilização do mundo, causado pela destruição da Atlântida, provavelmente ocasionou um desses períodos retrógrados na história de nossa raça, durante o qual

perderam todo o contato com o continente ocidental. "

Em seu entusiasmo pela teoria da Atlântida Donnelly afirmou que até tempos mais ou menos recentes "... quase todas as artes essenciais à civilização que possuímos datam da época da Atlântida — certamente da antiga civilização egípcia que era coeva da Atlântida e uma extensão da mesma.

"Em seis mil anos o mundo não fez nenhum progresso sobre a civilização que recebeu da Atlântida. "

Ao mostrar a antigüidade das importantes invenções da civilização primitiva, ele sugere que elas vieram de um ponto central. Afirma, para reforçar sua teoria: "... Não posso acreditar que as grandes invenções tenham sido duplicadas espontaneamente, como querem fazer crer algumas pessoas, em diversos países; não é verdadeira a teoria de que os homens, premidos pela necessidade, inventarão sempre as mesmas coisas para resolver os problemas. Se fosse assim todos os selvagens teriam inventado o bumerangue; todos os selvagens possuiriam cerâmica, arcos e flechas, tendas e canoas; em resumo, todas as raças teriam atingido a civilização, pois não há dúvida de que os confortos da vida são igualmente agradáveis para todos os povos.

"... Todas as raças civilizadas do mundo herdaram alguma coisa da civilização de épocas mais antigas; e assim como "todos os caminhos levam a Roma", todas as linhas convergentes da civilização levam à Atlântida..."

Para reforçar a teoria de que a cultura da Atlântida se espalhou para ambos os lados do Atlântico, ele argumenta: "... Se encontramos em ambos os lados do Atlântico exatamente as mesmas artes, ciências, crenças religiosas, hábitos, costumes e tradições, é um absurdo dizer que os povos dos dois continentes atingiram separadamente, através dos mesmos passos, os mesmos fins..." Em seguida passa a mostrar várias e convincentes similitudes entre a América indígena e o Velho Mundo em lendas, religião (principalmente a adoração do sol), mágica, crença em espíritos e demônios, a tradição do Jardim do Éden, a presença constante de certos símbolos, tais como a cruz e a suástica, ritos funerários e mumificação, até ritos pseudomédicos, tais como a circuncisão e a tradição do pai simular estar em trabalho de parto enquanto a mãe dá a luz, e enfaixar a cabeça dos bebês para dar ao crânio um formato alongado, hábito comum a povos tão afastados como os maias, os incas, os antigos celtas e os egípcios.

Quanto a isso talvez tenha sido diretamente influenciado por Platão que, ao discutir a lenda de Phaeton, que dirigiu o carro de sol de seu pai pelo céu e, ao não conseguir mais controlar os cavalos, foi destruído, diz que "apesar de ter a forma de um mito essa história na realidade se refere às ações dos corpos celestes e às contínuas catástrofes ou conflagrações". Donnelly considera todos os mitos gregos como História. Diz que a História da Atlântida é a "chave" para a mitologia grega, e afirma que os deuses e as deusas gregos, "que nascem e comem e bebem e fazem amor e roubam e morrem", eram uma

lembrança confusa do que faziam os governantes da Atlântida. "... A mitologia grega é uma história de reis, rainhas e príncipes; de amor, adultério, revoltas, guerras, assassinatos, viagens marítimas e colonizações; palácios, templos, oficinas e forjas; feitura de espadas, gravação e metalurgia; vinho, trigo, centeio, gado, carneiros, cavalos e agricultura de modo geral. Quem pode duvidar de que represente a história de um povo verdadeiro?..." E conclui: "... Toda a mitologia grega é a lembrança, por uma raça degenerada, de um império vasto, poderoso e altamente civilizado, que num passado remoto ocupou grande parte da Europa, da Ásia, da África e da América..."

Donnelly sugere uma atraente explicação para o fato de as figuras históricas da Atlântida terem se transformado em deuses de outras nações. (É preciso não esquecer que ele escreveu numa época em que o Império Britânico estava no auge do poder.)

"... Suponhamos que aconteça à Grã-Bretanha uma fatalidade similar. Que terrível consternação haveria em suas colônias e em toda a família humana!... Guilherme o Conquistador, Ricardo Coração de Leão, Alfredo o Grande, Cromwell e Victoria poderiam sobreviver apenas como os deuses ou demônios de raças futuras; porém a lembrança do cataclismo durante o qual o centro de um império universal foi arrasado instantaneamente jamais seria esquecida; sobreviveria em fragmentos mais ou menos completos em todos os países do mundo..."

Edgar Daqué, um escritor francês que viveu cinqüenta anos mais tarde, reflete a mesma suposição de Donnelly de que as histórias dos deuses gregos eram História verdadeira. Entre outras teorias geográficas Daqué achava que a lenda das Plêiades — as filhas de Atlas que foram transformadas em estrelas — eram uma alegoria para explicar o desaparecimento de parte da cadeia dos Montes Atlas sob o mar. Em outras palavras, partes do corpo de Atlas, suas filhas, desapareceram e viraram estrelas — as Plêiades — enquanto que suas formas antigas, quando eram montanhas, permaneceram no fundo do Atlântico. Daqué também explica a ida de Hércules às Hespérides, em busca de maçãs de ouro, como uma alegoria simbolizando o comércio grego com uma cultura mais civilizada no Atlântico. As maçãs de ouro eram, em sua opinião, laranjas ou limões, e ele achava que a cultura ocidental (a Atlântida) provavelmente possuía cereais diferentes e "tipos de frutas mais bem desenvolvidos e produtos que causariam a cobiça das raças mediterrâneas mais pobres..." Isso faz lembrar a teoria de que a Atlântida desenvolveu a banana e o abacaxi. (Note-se que em italiano a palavra tomate, fruto desconhecido na Europa antes da descoberta da América, é *pomodoro* — maçã de ouro.)

Donnelly insiste também em que os deuses fenícios eram lembranças dos governantes da Atlântida e, na realidade, considera os fenícios como sendo mais próximos à Atlântida do que os gregos; através dos fenícios teriam sido passados elementos da cultura antiga para os gregos, os egípcios, os hebreus e outros. "... A extensão de país coberta pelo comércio dos fenícios representa,

até certo ponto, a área do antigo Império da Atlântida. Suas colônias e pontos de mercado se estendiam para leste e para oeste das costas do Mar Negro, através do Mediterrâneo até a costa oeste da África e da Espanha, para a Irlanda e a Inglaterra; na direção norte-sul iam do Báltico ao Golfo Pérsico... Strabo calculou que eles tivessem trezentas cidades ao longo da costa oeste da África..."

Faz também uma nítida ligação de Colombo, que, segundo uma teoria existente nos países de língua espanhola, era de origem judaica, com os fenícios semitas: "... Quando Colombo partiu para descobrir um novo mundo, ou redescobrir um mundo antigo, partiu de um porto fenício, fundado por essa grande raça dois mil e quinhentos anos antes. Esse marinheiro da Atlântida, com traços fisionômicos fenícios, partindo de um porto da Atlântida, simplesmente reabriu a rota do comércio e de colonização que havia sido fechada quando a ilha de Platão submergiu..."

Donnelly considera o Império da Atlântida como um império pré-histórico que se estendia pela maior parte do mundo. A maior parte de seu trabalho consistiu em descobrir lendas da Atlântida, influências e até mesmo relíquias, principalmente no Peru, na Colômbia, Bolívia, América Central, México, Vale do Mississipi, Irlanda, Espanha, África do norte, Egito e especialmente na Itália pré-romana, Grã-Bretanha, as regiões bálticas, Arábia, Mesopotâmia e até mesmo a índia. É eloqüente ao escrever sobre o assunto:

"... Um império que ia dos Andes ao Industão... em seu comércio há de ter encontrado o milho do vale do Mississipi, o cobre do Lago Superior, o ouro e a prata do Peru e do México, as especiarias da índia, o estanho de Gales e da Cornualha, o bronze da Ibéria, o âmbar do Báltico, o trigo e a cevada da Grécia, da Itália e da Suíça..."

Sua fé entusiástica é quase contagiante ao se referir aos habitantes da Atlântida como: "... os fundadores de quase todas as nossas artes e ciências; eles foram os pais de nossas crenças fundamentais; foram os primeiros civilizadores, os primeiros navegadores, os primeiros mercadores, os primeiros colonizadores do mundo; sua civilização era antiga quando o Egito era jovem, e milhares de anos se passaram antes de se sonhar com a Babilônia, Roma ou Londres. Esse povo perdido foi nosso ancestral, seu sangue corre em nossas veias; as palavras que usamos diariamente foram ouvidas, em sua forma primitiva, em suas cidades, praças e templos. Todas as linhas de raça e de pensamento, de sangue e de crenças levam-nos a eles..."

Em seu desejo de provar a teoria na qual acreditava tão entusiasticamente, Donnelly, assim como muitos outros que aceitavam a mesma teoria, encamparam freqüentemente similitudes culturais e raciais que mais tarde foram desmentidas, principalmente conexões lingüísticas que muitas vezes eram falsas. Talvez um bom exemplo de até onde uma idéia preconcebida pode levar um pesquisador seja a tradução do Códice Maia Troano (parte de

um dos três registros maias escritos que escaparam à conflagração geral iniciada pelo Bispo Landa, que era Bispo de Yucatán no século XVI): Brasseur de Bourbourg foi o primeiro a tentar fazer essa tradução, seguido por Le Plongeon, ambos do século XIX, no decorrer de suas pesquisas sobre a Atlântida e sua tentativa de ligar a civilização maia do Yucatán à da Atlântida.

Em 1864 Brasseur de Bourbourg encontrou, nos arquivos de Madri, um alfabeto maia compilado pelo Bispo de Landa (que foi, por ironia, quem mais contribuiu para a destruição de toda a literatura maia). Esse alfabeto baseava-se numa concepção totalmente errada, pois Landa, ao tentar o trabalho, não percebeu que os maias provavelmente não possuíam um alfabeto, mas sim uma provável mistura de hieróglifos e símbolos fonéticos. Portanto, ao perguntar aos índios qual a letra correspondente a "a", "b", "c", e assim por diante, Landa obteve apenas a *palavra* que mais se aproximava do som da palavra espanhola para "a", "b", "c", etc. Dessa maneira conseguiu apenas uma coleção de palavras curtas sem nenhuma relação com um alfabeto ou um sistema fonético. (Isso mostra o perigo de trabalhar com "informantes nativos", que não entendem a finalidade da pergunta feita.) Brasseur de Bourbourg, trabalhando com esse alfabeto errôneo da língua maia, que ele falava, fez uma tradução de parte do Códice Troano que muito influenciou Donnelly e outros. Segue-se a tradução: "No sexto ano de Can, no décimo primeiro Muluc do mês de Zac, ocorreram terríveis terremotos que continuaram até o décimo terceiro Chuen. A Terra de Clay Hills Mu e a Terra de Moud foram vítimas. Foram abaladas duas vezes e desapareceram subitamente durante a noite. A crosta da Terra foi continuamente elevada e baixada em muitos lugares pelas forças subterrâneas até não conseguir resistir a tais tensões, e muitos países ficaram separados entre si por profundas fissuras. Finalmente ambas as províncias não conseguiram resistir a tão imensas tensões e afundaram no oceano com sessenta e quatro milhões de habitantes. Isso aconteceu há oito mil e sessenta anos atrás."

August Le Plongeon, outro arqueologista francês que falava maia, explorador e escavador de cidades maias, também tentou, depois de Bourbourg, uma tradução do mesmo trecho. A tradução é a seguinte: "No ano 6 Kan, no décimo primeiro Muluc no mês Zac, ocorreram terríveis terremotos, que continuaram sem interrupção até o décimo terceiro Chuen. O país das colinas de lama, a terra de Mu, foi sacrificada: tendo sido abalada duas vezes desapareceu subitamente durante a noite, sendo a bacia continuamente abalada pelas forças vulcânicas. Por estarem confinadas, fizeram a terra afundar e levantar diversas vezes em vários lugares. Finalmente a superfície cedeu e dez países foram destruídos e dispersados. Incapazes de resistir à força da convulsão, afundaram com seus sessenta e quatro milhões de habitantes, oito mil e sessenta anos antes de se escrever este livro."

Além disso tentou uma tradução interpretativa baseada no antigo sistema hierático egípcio de hieróglifos na pirâmide de Xochicalco, próximo à Cidade do México. A tradução resultante foi: "Uma terra no oceano é destruída e seus

habitantes são mortos para serem transformados em pó..."

Essas "traduções" de Brasseur e Le Plongeon eram freqüentemente citadas e Donnelly certamente as conhecia. É espantoso como estudiosos tão dedicados, que tiveram o trabalho de aprender línguas indígenas da América e exploraram ativamente as ruínas do Império Maia podem ter feito propositadamente traduções errôneas de inscrições por ambição ou desejo de fama. Talvez não tenham feito uma tradução errada *conscientemente,* tendo simplesmente interpretado as inscrições de acordo com a tese que estavam tentando provar. Em outras palavras, viram nas inscrições aquilo que desejavam ver — um fenômeno que não existe apenas entre os atlantologistas.

Até hoje, no entanto, nenhum dos manuscritos ou inscrições maias foi traduzido com sucesso, apesar de se dizer que os arqueologistas russos estão tentando decifrar o sistema de escrita maia através do uso de computadores.

Lewis Spence, um estudioso escocês de mitologia, que escreveu, de 1924 a 1942, cinco livros sobre a Atlântida, sugere a existência de duas Atlântidas, em vez de uma só; uma delas no local indicado por Platão e a outra parte próximo às Antilhas (chamadas Antillia), nas vizinhanças do atual Mar dos Sargaços. Sua teoria de diversas massas de terra no Atlântico é apoiada por vários outros teóricos do assunto, que supõem que a Atlântida não afundou toda de repente, porém submergiu numa série de cataclismos separados, na mudança geral da forma da superfície da Terra que prossegue ainda hoje.

Spence dedicou muita pesquisa à mitologia comparativa, principalmente em fazer uma conexão entre as lendas pré-colombianas das tribos e nações americanas com lendas da antigüidade, não apenas das culturas mediterrâneas mas também dos celtas do norte, os quais, sendo ele um mitologista escocês, tinha as qualificações necessárias para representar.

Spence mostra tantas coincidências entre essas lendas que se fica convencido de que ou bem houve uma considerável comunicação entre o Velho e o Novo Mundo antes de Colombo, ou então cada hemisfério obteve suas lendas de um ponto central, hoje em dia desaparecido. Para dar apenas um exemplo, citemos as semelhanças que ele mostra entre Quetzalcoatl, o deus tolteca que levou a civilização para o México e que voltou para Tlapallan, sua terra de origem no mar a leste — e Atlas, tão importante nas lendas memoriais da Atlântida. O pai de Atlas era Poseidon, Senhor do Mar, enquanto que o pai de Quetzalcoatl era Gucumatz, uma divindade do oceano e do terremoto — "a velha serpente... que habita o fundo do oceano". Quetzalcoatl e Atlas tinham ambos irmãos gêmeos, ambos eram representados com barbas e *ambos sustentam o céu.*

Um aspecto especialmente interessante das teorias de Spence sobre a Atlântida é o que diz respeito, às ondas de imigração cultural que aparentemente aconteceram na Europa, *vindas do oeste,* em certos períodos, principalmente por volta de 25000 a.C, 14000 a.C. e 10000 a.C, sendo que a última data corresponde aproximadamente com o suposto afundamento da Atlântida.

Essas culturas européias pré-históricas receberam os nomes das localidades nas quais tais indícios foram encontrados: Cro-Magnon, ou Aurignácea, o nome da mais antiga de todas, foi descoberta em Cro-Magnon e também numa gruta de Aurignacin, ambos no sudoeste da França. Essa cultura surpreendentemente adiantada, de mais de vinte e cinco mil anos atrás, espalhou-se da região dos Pirineus e do Golfo de Biscaia para o sudoeste da Europa, do norte da África e do Mediterrâneo oriental. Deixaram pinturas e gravuras em cavernas que demonstram uma cultura desenvolvida e sofisticada, com grandes conhecimentos de anatomia. Essas pinturas ou baixos-relevos em cavernas mostram uma constante preocupação com o touro, que, segundo Platão, tinha um papel importante na religião da Atlântida, assim como na civilização de Creta, e do Egito, que tinha Apis, seu touro sagrado. Ainda hoje, apesar de não ser mais um símbolo religioso, o touro continua a ser, passados mais de vinte e cinco mil anos, um importante elemento na cultura espanhola.

Os crânios de Cro-Magnon indicam uma capacidade cerebral muito mais elevada do que a que possuíam os habitantes da Europa naquela época — quase como se fossem uma raça de super-homens.

A cultura magdaleniana de cerca de dezesseis mil anos atrás é interpretada por Spence como sendo uma segunda leva de imigração da Atlântida, que contribuiu com extraordinários exemplares de pintura, escultura e entalhe, assim como indícios de uma organização tribal e religiosa bem estruturada. Essa segunda leva também foi para a Europa vinda do oeste ou sudoeste.

A terceira leva, descoberta através de buscas em Mas d'Azil, na França, e em Tardenos, na Espanha, data de cerca de onze mil e quinhentos anos atrás e foram, segundo Spence, os ancestrais dos ibéricos, que se espalharam pela Espanha e por outras partes do Mediterrâneo, tais como os Montes Atlas. Essa leva de imigrantes enterrava os mortos com o rosto voltado para o oeste, aparentemente o ponto de onde vinham.

Nos tempos romanos os habitantes da Itália se referiam aos antigos ibéricos como "atlanteanos". Spence cita Bodichon, que observou: "Os antigos achavam que os atlanteanos eram os filhos preferidos de Netuno (Poseidon). Fizeram (sua) veneração conhecida de outras nações — os egípcios, por exemplo. Em outras palavras, os atlanteanos foram os primeiros navegadores conhecidos..."

As culturas de Cro-Magnon, magdaleniana e de Mas d'Azil são fatos e não teorias. Spence deu uma interessante contribuição ao estudo da Atlântida ao ligar as datas aproximadas atribuídas ao aparecimento dessas culturas e levas de imigrantes da Atlântida como resultado de submersões periódicas causadas por atividade vulcânica, inundações ocasionadas pelo derretimento de lençóis de gelo no período glacial ou ainda uma combinação de ambos os fatores.

Como essas culturas diferentes apareceram subitamente cm diferentes épocas no sudoeste da Europa, devem ter vindo de algum outro lugar e se espalharam para leste a partir da região de Biscaia-Pirineus. indicando que

vinham do oeste, evidentemente de uma terra no oceano.

A última cultura parece ter tido. além de uma forma de arte "geométrica" fora do comum, uma espécie de escrita ou símbolos gravados em pedras e ossos. No século XIV foi encontrado, nas Ilhas Canárias, o que pode ter sido uma relíquia viva dessas culturas. Os guanches eram brancos, tinham a mesma estatura dos homens de Cro-Magnon. adoravam o sol, possuíam uma cultura da Idade da Pedra altamente desenvolvida, um sistema de escrita, e preservavam uma lenda de uma catástrofe universal, da qual eram sobreviventes.

Sua descoberta pelos europeus veio a ser, infelizmente para os guanches. uma catástrofe mais definitiva, à qual não sobreviveram por muito tempo. Ao escrever sobre a concordância entre a época do afundamento da Atlântida e o ultimo aparecimento de uma cultura pré-histórica na Europa, diz Spence: "... O fato de a data da chegada dos imigrantes a Mas d'Azil e Tardenos, indicada pelas maiores autoridades, coincidir geralmente com a data dada por Platão para a destruição da Atlântida pode ser mera coincidência." No entanto prossegue explicando que "algumas coincidências são mais extraordinárias do que fatos comprovados".

De modo geral Spence desenvolveu as teorias de Donnelly, porem de certo modo reduziu a Atlântida a uma civilização da "Idade da Pedra", similar à do antigo México e Peru, porém responsável pelo "complexo cultural" atlanteano, do qual algumas reminiscências ainda são evidentes na área do Atlântico.

Em seus últimos anos de vida Spence tornou-se obcecado pela tradição constante em tantas lendas, assim como na Bíblia, sobre o mundo antes do dilúvio, achando que a Atlântida havia sido destruída pela ira divina devido â maldade de seus habitantes. Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, ele publicou seu último livro sobre a Atlântida intitulado, muito apropriadamente diante das circunstâncias — *Será que a Europa Seguirá a Atlântida?*

Também sugeriu que uma razão para a durabilidade da teoria da Atlântida era que uma "memória racial" da existência da Atlântida podia ser herdada de maneira similar, talvez, à que é atribuída aos.bandos de pássaros que parecem continuar em busca da Atlântida perdida como ponto de parada quando atravessam o oceano em sua migração anual.

Outra teorias sobre a Atlântida dizem que certas culturas antigas que comprovadamente existiram, tais como as da costa oeste da Espanha, do norte da África, oeste da África ou das ilhas mediterrâneas, como Creta (e. recentemente, Thera), eram. cada uma por sua vez. dependendo do pesquisador, a verdadeira Atlântida e o motivo da tradição atlanteana.

Algumas dessas teorias não negam necessariamente a da Atlântida — pois a própria existência desses centros culturais extremamente antigos e pouco conhecidos pode ser explicada como tendo eles se originado de colônias da Atlântida ou locais de refúgio.

Tartessos é um dos principais "substitutos" da Atlântida. Supõe-se que

ficava localizada na costa atlântica da Espanha, na foz cio rio Guadalquivir ou próximo a ela, ou então no local em que a foz. do rio existia. Era o centro de uma cultura próspera e altamente desenvolvida, especialmente rica em minerais. Tartessos foi capturada pelos cartagineses em 533 a.C, e subseqüentemente desligada do resto do mundo.

Arqueologislas alemães, principalmente os Professores Schulten, Jessen, Herman e Hennig, iniciaram pesquisas sobre Tartessos em 1905. Com um senso de organização verdadeiramente germânico Jessen estabeleceu "provas" de que Tartessos, a "Veneza do Oeste", era o modelo da Atlântida de Platão.

Para provar sua tese Jessen fez uma lista de onze pontos, comparando o que dissera Platão e o que Schulten, ele próprio e os outros haviam descoberto ou concluído sobre Tartessos. De forma abreviada, os pontos principais são os seguintes:

O que disse Platão
Fatos (e suposições) sobre Tartessos

1. A Atlântida ficava em frente às Colunas de Hércules.
1. Tartessos era uma ilha na foz do rio Guadalquivir (depois das Colunas de Hércules-Gibraltar).

2. Era maior que a Líbia e a Ásia Menor.
2. Não era uma ilha. mas sim um enorme monopólio comercial.

3. Era uma ponte para outras ilhas e para o continente situado do lado oposto, circundado pelo grande oceano.
3. Os participantes do comércio de estanho com a Bretanha e outras ilhas deram origem à idéia de que Tartessos era um continente.

4. Seu império se estendia pela África, no Egito, à Etrúria, na Itália.
4. Tartessos fornecia metais para todo o Mediterrâneo.

5. Desapareceu num único dia, submersa no oceano.
5. Desapareceu através de uma conquista sem deixar pistas evidentes para os navegantes gregos.

6. O mar (acima) é inacessível e não pode ser explorado.
6. Inacessível por razões políticas.

7. Uma lama espessa impede a navegação.
7. Propaganda dos cartagineses.

8. A terra possuía ricos depósitos minerais.
8. Sierra Morena era um dos mais ricos depósitos minerais da antigüidade.

9. Existia na Atlântida uma rede de canais extensa, nunca imaginada na Europa.
9. Do Guadalquivir saía uma considerável rede de canais, segundo a menção de Strabo.*

10. O Rei da Atlântida era a pessoa mais velha de todo o povo.
10. Arganthonios, o último rei de Tartessos, reinou durante oitenta anos.

11. Havia na Atlântida muitas leis escritas, e dizem que o país se formou há oito mil anos.
11. Strabo diz sobre os tartessianos: "São os mais civilizados entre os ibéricos. Conhecem a escrita e possuem livros antigos, e também poemas e leis em versos que dizem ter sete mil anos de idade."

*Strabo, geógrafo e historiador grego (63 a.C. — 21 a.D.)

Hennig, Schulten e outros estudiosos alemães achavam que Tartessos não era uma colônia atlanteana mas sim alemã, baseando sua suposição em parte no âmbar báltico encontrados nas vizinhanças de Tartessos e em parte nas teorias de outro estudioso alemão, chamado Redslob, que afirmava terem as tribos germânicas pré-históricas navegado através de todo o oceano.

A própria Tartessos não foi definitivamente localizada, apesar de grandes blocos de construção terem sido encontrados abaixo de um solo sedimentado, excessivamente próximo ao nível da água para poder ser escavado. (Isso não lembra o relato de Platão sobre a lama que impedia a navegação?) O que resta de Tartessos pode estar ou sob o mar ou então coberto de sedimentos, sob a própria terra.

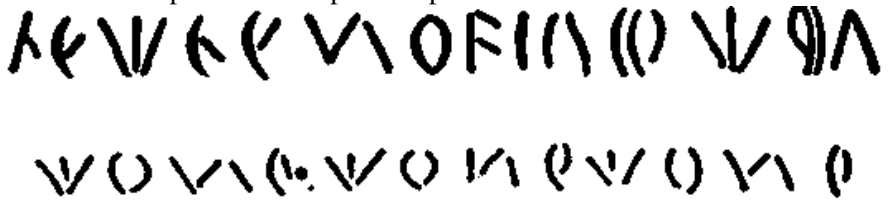
E.M. Wishaw, diretora da Escola de Arqueologia Anglo-Hispânico-Americana e autora do livro *A Atlântida na Andaluzia,* estudou a região durante vinte e cinco anos. Ela acredita, devido a sua descoberta de "um templo do sol" a vinte e sete pés de profundidade abaixo das ruas de Sevilha, que Tartessos pode estar enterrada sob a cidade atual. Na realidade a maior parte da Roma antiga está enterrada sob a Roma moderna; Tenochtitlán está sob Resina, isso para mencionar apenas alguns casos nos quais os arqueologistas gostariam de derrubar o presente para encontrar o passado.

Alguns outros remanescentes ligados à cultura de Tartessos podem ser observados nas minas de cobre do Rio Tinto, estimadas em oito a dez mil anos de idade, assim como os trabalhos de engenharia hidráulica próximo a Ronda e um porto em Niebla (que lembra novamente a descrição feita por Platão sobre as obras hidráulicas da Atlântida).

Longe de concordar com os pesquisadores alemães que diziam que a própria Tartessos fizera aparecer a lenda da Atlântida, Mrs. Wishaw acreditava que essa cidade era apenas uma colônia da Atlântida, e escreveu: "Minha teoria, em resumo, é de que a narrativa de Platão é confirmada do

princípio ao fim pelo que encontramos aqui, até no nome do filho de Poseidon, Gadir, que herdou a parte do reino de seu pai além das Colunas de Hércules e se estabeleceu em Gades (Cádiz)..." E mais adiante: "... Os povos pré-históricos maravilhosamente civilizados, cuja civilização analisei, derivaram-se da fusão dos líbios pré-históricos que, num estágio mais antigo da história da humanidade, vieram da Atlântida para a Andaluzia para comprar o ouro, a prata e o cobre dos mineiros neolíticos de Rio Tinto, e no decurso das gerações... uniram tanto as culturas ibérica e africana que no fim Tartessos e África tinham uma raça em comum, que era a líbio-tartessana."

Tartessos possuía registros escritos de seis mil anos de idade. Um ótimo exemplo da linguagem escrita é a inscrição num anel encontrado por Schulten numa aldeia de pescadores espanhóis próximo a Tartessos.



"Letras" ainda não decifradas, encontradas num anel próximo a Tartessos.

Mrs. Wishaw compilou outras inscrições ibéricas pré-romanas (que ninguém ainda conseguiu traduzir) e descobriu que cerca de cento e cinqüenta desses sinais alfabéticos existem também em paredes de cavernas da Líbia.

Quer isso prove ou não a existência da Atlântida, parece estabelecer a existência de uma civilização pouco conhecida no oeste do Mediterrâneo, num período muito primitivo.

Muitos aspectos dessa cultura são parecidos com os da antiga Creta, que pode ter sido ligada a ela ou ter tido contatos com a mesma. Uma das mais notáveis descobertas da cultura ibérica é o busto chamado *La Dama de Elche,* encontrado em Elche, no sul da Espanha. Essa estátua, que algumas vezes se imaginou retratasse uma sacerdotisa da Atlântida, constitui em si uma prova da alta civilização atingida pelos antigos habitantes da Espanha.

Houve freqüentes sugestões de que Scheria, a terra "no fim do mundo" para os fenícios, descrita por Homero na *Odisséia,* serviu de modelo para a Atlântida de Platão. Diversos fatos descritivos de Scheria lembram um dos relatos de Platão sobre a Atlântida: o maravilhoso e resplandecente palácio de Alcino, "construído em bronze", "os gigantescos muros que causam surpresa", o poder marítimo dos fenícios, a cidade construída numa planície com grandes montanhas ao norte, e até mesmo a menção a duas fontes no jardim real.

A localização de Scheria permanece duvidosa. Homero, ao descrever a terra ou ilha visitada por Ulisses em sua viagem com freqüentes paradas durante a volta para casa, após a Guerra de Tróia, pode ter apenas repetido descrições ouvidas de qualquer dos diversos centros que possuíam uma civilização altamente desenvolvida, tais como Creta, Corfu, Tartessos, Gades ou, como sugeriu Donnelly, a própria Atlântida.

No entanto, como o nome Scheria aparece apenas na *Odisséia,* a resposta talvez esteja no significado do nome, se é' que tem algum significado. Como *schera* queria dizer "mercado" ou "comércio", na língua fenícia, a palavra podia ter sido usada apenas como um termo geral para qualquer centro de comércio menos conhecido da época; podia portanto se referir a centros ocidentais distantes, tais como Tartessos ou Gades, ou ilhas ou uma ilha continental no Oceano Atlântico.

Outras teorias sugerem que a Atlântida jamais afundou — que permanece em terra firme e que basta escavar para encontrá-la. Uma das mais importantes dessas teorias baseia-se nas mudanças climáticas na África do norte. Pinturas em cavernas nas Montanhas Tassili, na Argélia, que datam de dez mil anos atrás, e na cadeia Accasus, na Líbia, retratam uma terra agradável, populosa, fértil, cheia de rios e florestas, com todos os tipos de animais africanos que existiam na época, mas que depois desapareceram desta área que é tão desolada, hoje em dia, quanto a superfície da lua. Além das indicações de uma total mudança climática, essas pinturas são executadas de maneira parecida com as da Europa pré-histórica, testemunhando uma cultura desenvolvida e um longo período preparatório de desenvolvimento artístico, como evidenciam o uso da perspectiva e a liberdade de formas. A presença de animais hoje desaparecidos e de uma antiga grande população encaixa na teoria geralmente aceita de que no local que é agora desértico existiram, em certa época, grandes rios e florestas. Remanescentes desses cursos d'água ainda correm sob o deserto, e as tribos do deserto preservam a lembrança de terras mais férteis. O processo gradual de secura do atual norte da África, assim como o abaixamento de nível de uma grande parte da costa são as bases de outras teorias francesas que afirmam que tanto a Tunísia como a Argélia possuíam um mar interior que abria para o Mediterrâneo e era ligado ao mar do Saara. O mar interior da Tunísia é associado com o Lago Tritonis, mencionado por vários escritores clássicos, que perdeu sua água quando os diques arrebentaram durante um terremoto, e posteriormente secou, transformando-se no atual Shott el Djerid, um lago raso e lamacento da Tunísia.

Pintura encontrada numa gruta africana, mostrando uma forma bastante sofisticada de representação artística, feita por algum povo pré-histórico de milhares de anos atrás. É interessante notar que o artista, com um senso de linha e de perspectiva altamente desenvolvidos, pintou os animais como um estudo decorativo, pastando tranqüilamente, enquanto que a tosca figura do caçador, da qual só vemos uma parte, foi acrescentada milhares de anos mais tarde.

O próprio Saara é considerado como tendo sido o berço de um antigo mar, parte do oceano. Na Argélia e na Tunísia pesquisas geodésicas feitas pelo governo francês mostraram que as depressões formada pelos *shotts* (lagos rasos e lamacentos) da Argélia e da Tunísia ficavam abaixo do nível do mar e se encheriam de água caso fosse removida uma série de dunas costeiras protetoras.

Godron, um arqueologista francês, levantou em 1868 a teoria de que a Atlântida foi enterrada no Saara. O geógrafo francês Etienne Berlioux, em 1874, também foi a favor da teoria de que a Atlântida se localizava na África, mas nos Atlas, defronte às Ilhas Canárias.

Em sua opinião, Cerne, a cidade mencionada pelo escritor Diodorus Siculus como a capital de Atlantioi, estava localizada aproximadamente nessa região. (Cerne é mencionada também na viagem do navegador cartaginês Hanno. Essa cidade aparece em alguns mapas da época de Colombo.)

Em seu estudo sobre os tipos raciais, Berlioux enfatiza o fato de que os berberes dos Montes Atlas freqüentemente têm pele clara, olhos azuis e cabelos louros, denotando uma origem céltica (ou da Atlântida). Mais tarde, alguns escritores franceses endossaram essa opinião como uma possível justificativa para que os europeus de origem céltica (ou seja, os franceses) ocupassem a África do norte. Porém, mesmo agora, que já não há essa preocupação, o ponto continua discutível.

P. Borchard, um escritor alemão, em 1926 adotou essa teoria mas localizou a capital nos Montes Ahgger, onde vivem os tuaregues, uma tribo de origem desconhecida (como os berberes), que está em extinção e possui sua

própria linguagem escrita.

Ao considerar os berberes como possíveis remanescentes dos habitantes da Atlântida que viviam no norte da África, Borchard tentou estabelecer uma relação entre os nomes das tribos berberes e os nomes dos dez filhos de Poseidon, ou seja, dos clãs da Atlântida. Nesse estudo encontrou duas coincidências extraordinárias: há uma tribo berbere com o nome de "Uneur", o que se encaixa perfeitamente com "Euneor", mencionado por Platão como o primeiro habitante da Atlântida; além disso, as tribos berberes de Shott el Hameina, na Tunísia, eram chamadas "Filhos da Fonte — *Attala".*

Butavand e Jolleaud, arqueólogos franceses, endossam essa teoria porém localizam grande parte do Império da Atlântida em terras submersas do Golfo de Gabes, perto de Túnis. François Roux acredita que em tempos pré-históricos o norte da África era uma península bastante fértil: "... A verdadeira Atlântida, cortada por muitos rios e densamente povoada por homens e animais..." Em suas pesquisas Roux estabeleceu um paralelo entre a cultura pré-histórica do norte da África e a da França, Espanha e Portugal, através da descoberta de fragmentos de rocha contendo símbolos que foram considerados como uma espécie de linguagem escrita (ver pág. 134). Ao estudarmos teorias modernas sobre a Atlântida e sua localização percebemos o caráter um tanto "nacionalista" de algumas investigações, principalmente no século XX. Muitos exploradores franceses procuram a Atlântida na África francesa, e muitas autoridades indicaram a própria França como uma possível localização. Alguns arqueólogos espanhóis tentaram encontrá-la na Espanha ou na África espanhola, enquanto que um escritor catalão declarou que ela ficava na Catalunha. Um pesquisador português, como se não bastassem os Açores, declarou que a Atlântida era o próprio Portugal. Cientistas russos localizaram a Atlântida no Mar Cáspio ou talvez perto de Kerch, na Criméia, enquanto que arqueólogos e cientistas alemães afirmam que a localização da Atlântida é no Mar do Norte, em Mecklenberg, ou que Tartessos era uma "colônia alemã" na Espanha. (Existe um livro alemão sobre o assunto, intitulado *Atlântida, a Pátria Original dos Arianos).* Escritores irlandeses e ingleses consideram que a "ilha de Platão" é a Irlanda ou a Inglaterra, respectivamente; um especialista venezuelano defende a opinião de que a Atlântida era na Venezuela e um estudioso sueco afirma que era em Upsala, na Suécia.

Atualmente alguns arqueólogos gregos pensam que a lenda da Atlântida se refere à ilha de Thera, que explodiu em 1500 a.C. e teve uma grande quantidade de terra submersa no mar Egeu. Antes da hipótese de Thera como uma possível Atlântida, muitos estudiosos consideravam Creta como a principal razão para a lenda da Atlântida, devido a sua adiantada civilização, súbito desaparecimento e presença de cinzas vulcânicas e marcas de fogo em suas ruínas. É evidente, no entanto, que a mesma erupção vulcânica e o terremoto que destruíram Thera podem ter afetado Creta, e que ambas essas culturas podem ter sido destruídas pelo mesmo cataclismo.

Karst, orientalista. filólogo e teórico alemão, estudioso da Atlântida, abriu novas perspectivas para o problema da localização quando concebeu a teoria de uma dupla Atlântida: uma a oeste, estendendo-se pelo norte da África, Espanha e Oceano Atlântico, e outra a leste, no Oceano Índico, sul da Pérsia e Arábia. Além disso ele indicou pontos secundários dessa civilização, os Montes Altai, na Ásia, e outras regiões ligadas por laços lingüísticos, nomes de lugares, tribos e pessoas. Frente a essa multiplicidade de Atlântidas, Bramwell, um excelente escritor neutralista, resume o problema das teorias sobre a localização real da Atlântida ao sugerir em seu livro *A Atlântida Perdida* que esta, se não for considerada uma ilha do Atlântico, não é a Atlântida. De qualquer modo, os muitos focos culturais pré-históricos ao redor do Mediterrâneo, a oeste e norte da Europa e nas Américas não constituem necessariamente uma substituição da Atlântida. Mas é *possível,* também, que alguns, muitos ou até todos eles sejam vestígios de colonizações da Atlântida, como sugerido por Donnelly.

Um bom exemplo é a misteriosa cultura ioruba ou ife, na Nigéria, de aproximadamente 1600 a.C. O explorador Leo Frobenius. após estudar por muito tempo essa cultura africana, encontrou ali certas semelhanças com a narrativa de Platão, e afirmou: "Acredito ter reencontrado a Atlântida, centro de uma... civilização situada além das Colunas de Hércules; a Atlântida, sobre a qual Solon disse que era coberta por uma vegetação exuberante, onde plantas frutíferas forneciam alimento, bebida e remédios, que produzia bananas e especiarias (pimenta), onde havia elefantes, um país que produzia cobre e cujos habitantes usavam roupas de um azul profundo.:."

Frobenius baseou sua teoria da Atlântida-Nigéria em simbolismos etimológicos, ou seja, no uso de símbolos em comum com outras tribos; entre esses símbolos encontram-se a cruz suástica, a adoração do deus do mar, Olokum, organização tribal, tipos de artefatos, utensílios, ferramentas e armas, tatuagem, ritos sexuais e ritos funerários. Nessas comparações descobriram-se semelhanças inesperadas com outras culturas, incluindo os etruscos, os ibéricos, líbios, gregos e assírios pré-históricos. Apesar de afirmar ter encontrado a Atlântida, Frobenius achava que a cultura ioruba viera originalmente do Pacífico, através do sul da Ásia, atravessando a África. Ao afirmar que tinha encontrado a Atlântida, portanto, o que ele provavelmente queria dizer é que tinha encontrado aquilo a que os escritores antigos se referiam quando falavam da Atlântida — uma civilização misteriosa além das Colunas de Hércules.

Esse último exemplo ilustra uma tendência bastante explicável de exploradores e arqueólogos, que procuram associar uma cultura pouco conhecida, "descoberta" por eles, com a idéia da Atlântida, principalmente se o centro dessa cultura for no mar, perto dele ou sob ele. Como o início da pré-história está sendo levado cada vez mais para trás, não estamos longe de descobrir se a civilização começou em um ou em vários lugares; se houve uma grande ilha atlântica cuja influência se espalhou pelos outros continentes

ou se as estranhas semelhanças entre as civilizações pré-históricas são apenas uma coincidência fortuita.

9 - A Atlântida e as Instituições Oficiais

Aristóteles, antigo discípulo de Platão e depois fundador de uma escola de filosofia que competia com a de seu mestre, considerou que o modo abrupto pelo qual Platão terminou sua narrativa sobre a Atlântida era uma prova conclusiva de que essa civilização só existira na sua mente inventiva. Referindo-se especificamente ao fim abrupto da narrativa, Aristóteles observa sucintamente: "Ele, que a fez (a Atlântida), destruiu-a." Aristóteles estabeleceu-se, portanto, como o primeiro de uma longa série de céticos a respeito da Atlântida, numa polêmica que atravessou os séculos e milênios e sobrevive até hoje.

As comunidades históricas acadêmicas estabelecidas e, em menor grau, o mundo científico, têm olhado o assunto Atlântida com ceticismo, descrença e até mesmo certa ironia. Os historiadores, naturalmente, não possuem o que se pode chamar de entusiasmo pela "História intuitiva", baseada na "memória racial", que é a base de grande parte do que se escreveu sobre a Atlântida. Além disso, se eles se dedicassem a um estudo sério sobre a teoria da Atlântida, baseados no que já foi descoberto, causariam a queda de uma série de dogmas referentes às primeiras civilizações, fazendo com que se tivesse que reescrever grande parte dos primórdios da História. No entanto, graças às novas técnicas arqueológicas de escavação em terra, pântanos ou regiões submersas, de restauração e, principalmente, de determinação de datas, grande parte do mistério da Atlântida poderá ser desvendado num futuro não muito distante.

Não importa se aceitamos ou não a teoria da Atlântida: o estudo desse problema tem um efeito quase hipnótico não apenas sobre interessados em provar a existência da Atlântida, mas também sobre aqueles dedicados em provar que a Atlântida é um sonho ou uma farsa. Por exemplo, um dos livros melhores e mais completos sobre a Atlântida chega à conclusão de que o estudo desse assunto é perda de tempo, não levando em conta os anos de pesquisa do próprio autor. Alguns livros "antiatlântida", ao examinarem detalhadamente as fontes e as teorias, evidenciam, inadvertidamente, fatos que reforçam a teoria da Atlântida.

Permanece, porém, a descrença das instituições oficiais de pesquisa e História, por falta de provas mais concretas. Mas os modernos partidários da Atlântida têm uma resposta para isso, graças ao grande aficionado do século XIX — Donnelly — quando ele diz: "Durante milhares de anos acreditou-se que as lendas das terras soterradas de Pompéia e Herculano eram mitos: falava-se delas como 'cidades de fábula'. Durante milhares de anos o mundo erudito não deu crédito às narrativas de Heródoto sobre as maravilhas das civilizações antigas do Nilo e da Caldéia. Ele era chamado 'o pai dos mentirosos' ". Até Plutarco zombou dele. Agora, "... quanto mais profundas se tornam as pesquisas modernas, maior o reconhecimento e a admiração por

Heródoto..."

Donnelly também ressalta o fato de que não se acreditava que os egípcios tivessem feito a circunavegação da África sob o faraó Necho, porque os exploradores afirmavam que após algum tempo de navegação em direção ao sul o sol estava ao norte, indicando que haviam passado o equador; em outras palavras, a própria prova de sua viagem foi a causa de uma descrença subseqüente. (Porém agora temos provas de que os navegadores egípcios se anteciparam em mais de 2.100 anos à ultrapassagem, por Vasco da Gama, do Cabo da Boa Esperança.)

A esses exemplos de Donnelly podemos acrescentar muitos outros: a descrença na existência do gorila e do ocapi até se obterem alguns exemplares desses animais "míticos" e, num exemplo relativamente recente, os lagartos "dragão" de Komodo. No campo da ciência, uma entre muitas crenças contestadas deve ser lembrada: a possibilidade de transmutar metais, que foi alvo dos esforços dos alquimistas durante séculos, tornou-se possível através da ciência moderna.

Em arqueologia, além da prova pela descoberta de Pompéia e Herculano, podemos apontar também a dúvida largamente difundida que houve sobre a existência das "cidades índias perdidas"

nas florestas da América Central, antes de sua descoberta e do conseqüente furor arqueológico. As inscrições babilônicas e assírias, no Oriente Médio, foram por muito tempo consideradas como meros elementos decorativos, até serem decifradas, fornecendo a história detalhada de uma área que os habitantes nativos ignoravam ou haviam esquecido.

Talvez a prova por descoberta mais importante seja a de Heinrich Schliemann que, em 1871, descobriu Tróia, ou pelo menos uma série de cidades superpostas no lugar em que se supunha estar Tróia, em Hissarlik, na Turquia; durante muito tempo Tróia também foi considerada um mito. Schliemann foi influenciado, quando menino, por uma litografia da guerra de Tróia mostrando as muralhas da cidade as quais, devido a seu tamanho. Schliemann não acreditou que pudessem ter desaparecido. Continuou seus estudos sobre os tempos homéricos ao longo de uma carreira de negócios muito bem-sucedida, que abandonou em 1863 para descobrir Tróia. E o fez baseado principalmente no material clássico escrito de que podia dispor, dando um enorme impulso à arqueologia moderna. Mais tarde fez importantes descobertas em Micenas e em outros locais, embora tenha sido muito criticado por ser excessivamente categórico ao estabelecer imediatamente que suas descobertas eram o que estava procurando. Por exemplo, a belíssima máscara de ouro de Agamemnon de Micenas é certamente a máscara de alguém; mas se é realmente de Agamemnon ainda se discute.

Devido a uma estranha seqüência de acontecimentos, as atividades de um neto desse famoso e intuitivo arqueólogo trouxeram grande descrédito à teoria da Atlântida. Paul Schliemann, num artigo escrito para os jornais de Hearst, em 1912, afirmou que seu avô, que sempre se interessara pela Atlântida,

deixara, em 1880, antes de sua morte, uma carta lacrada para ser aberta por um membro da família que dedicaria sua vida às investigações indicadas na carta.

Paul diz também que, uma hora antes de morrer, seu avô acrescentara um pós-escrito não lacrado com as instruções: "Quebre o vaso com cabeça de coruja. Examine o conteúdo. Ele se refere à Atlântida." Paul não abriu a carta, que ficou guardada num banco francês até 1906. Quando finalmente a abriu, descobriu que seu avô encontrara, em suas escavações de Tróia, um vaso de bronze contendo placas de cerâmica, objetos de metal, moedas e ossos petrificados, e no qual havia uma inscrição em escrita fenícia:

"Do Rei Cronos, da Atlântida".

Segundo Paul Schliemann, seu avô examinara um vaso em Tihauanaco, encontrando fragmentos de cerâmica com a mesma composição química, assim como objetos metálicos do mesmo amálgama de platina, alumínio e cobre, convencendo-se de que esses objetos se ligavam através de um ponto central de origem — a Atlântida. Ainda segundo Paul, seu avô continuou as investigações e encontrou papiros manuscritos em São Petersburgo, referentes à pré-história egípcia; um deles narrava a procura da Atlântida pelos egípcios. Schliemann conduziu essas investigações em segredo até a morte (embora isso não fosse coerente com a sua personalidade).

O jovem Schliemann escreveu que fez suas próprias investigações antes de voltar a Paris. Quebrando o vaso com cabeça de coruja, encontrou um quadrilátero de metal branco, muito mais largo que a boca do vaso, "onde, de um lado, estavam inscritos sinais e figuras que não se pareciam com coisa alguma que já tivesse visto, hieróglifos ou escrita". Do outro lado achava-se uma inscrição fenícia arcaica: "...vinda do templo de paredes transparentes". Entre outras peças da coleção de seu avô, Paul disse ter encontrado um anel feito de amálgama desconhecido, uma estatueta de elefante feita de osso petrificado, assim como um mapa usado por um navegador egípcio para procurar a Atlântida. (Teria ele pedido esse mapa emprestado ao museu de São Petersburgo durante as investigações?) Prosseguindo suas próprias investigações no Egito e na África, Paul Schliemann encontrou outros objetos de um metal misterioso, o que o fez pensar ter cinco elementos ligados entre si, como numa corrente: "As moedas da coleção secreta de meu avô, a moeda do vaso da Atlântida, as moedas do sarcófago egípcio, a moeda do vaso centro-americano e a cabeça de criança (de metal) da costa do Marrocos."

Um observador neutro poderia associar a preocupação de Paul Schliemann em encontrar moedas misteriosas com um desejo bastante compreensível de ganhar um dinheiro mais atual, principalmente porque ele primeiro vendeu sua história para um jornal e depois se verificou que nenhuma de suas descobertas tinha fundamento. As palavras que finalizam a narrativa de suas descobertas são as seguintes: "Porém, se eu quisesse contar tudo o que sei não haveria mais mistério", o que representa uma afirmativa das mais estranhas na história da investigação científica.

Afirmações feitas por um indivíduo, baseadas em relíquias ou objetos que possam ser tocados e examinados, ainda estão dentro de uma estrutura de referência científica, podendo ser aceitas ou negadas pelas instituições históricas ou científicas. Mas grande parte da pesquisa sobre a Atlântida canalizou-se em outras direções, incluindo a da memória racial coletiva, recordações baseadas em reencarnação, lembrança hereditária e até mesmo espiritismo. Esse tipo de enfoque está, evidentemente, fora da esfera de pesquisa acadêmica e além de seu alcance. Essa abordagem do assunto Atlântida, espiritual e não física, vinda de várias fontes, omitiu várias informações, algumas de acordo com as teorias gerais sobre o assunto e outras surpreendentemente diferentes.

Edgar Cayce, um exemplo da última categoria, era um profeta clarividente e pesquisador da mente, que morreu em 1945 e cuja coleção de "entrevistas psíquicas" tornou-se o núcleo da Fundação Edgar Cayce — Associação para Pesquisa e Esclarecimento. Essa associação, com sede em Virgínia Beach e filiais em várias cidades americanas e em Tóquio, tem certas características de um movimento, no qual o estudo da Atlântida ocupa um lugar importante.

As entrevistas de Cayce são resultado de lembranças de outras encarnações, tanto dele próprio como de outras pessoas cuja mente ele "leu".

Cerca de setecentas entrevistas psíquicas dadas por Cayce, durante anos, nas quais respondia a perguntas em estado de transe, tratam especificamente de acontecimentos históricos do tempo da Atlântida, assim como predições — como no caso do templo atlanteano submarino perto de Bimini — de descobertas futuras. Uma futura descoberta do maior interesse será o encontro de uma câmara subterrânea com registros sobre a Atlântida, que precederá o ressurgimento da ilha. A câmara selada será um dia encontrada seguindo-se as linhas das sombras ocasionadas pelo sol da manhã batendo nas patas da esfinge.

Nas leituras de Cayce está retratada toda a história da Atlântida, desde sua origem até a sua Idade de Ouro, com suas grandes cidades de pedra, quando possuía todos os tipos de comodidades modernas, tais como comunicação de massa, transporte por terra, aéreo e submarino, e alguns que ainda não atingimos, tais como a neutralização da gravidade e a utilização da energia solar através de cristais elétricos de "pedras de fogo". O mau uso desses cristais causou dois dos cataclismos que vieram a destruir a Atlântida. Havia uma conexão entre invenções materiais e forças espirituais, assim como uma comunicação e compreensão melhores com os animais, até que o materialismo e a perversão deram fim à Idade de Ouro.

A deterioração da civilização da Atlântida, segundo as leituras de Cayce, foi a causa de sua destruição final. Os fatores incluíam descontentamento do povo, escravidão dos trabalhadores e "misturas" (filhos resultantes das relações entre seres humanos e animais), conflitos entre os "Filhos da Leis Única" e os depravados"Filhos do Demônio", sacrifícios humanos, adultério e fornicação generalizados e mau uso das forças da natureza, principalmente o

emprego das "pedras de fogo", que eram usadas para castigo e tortura.

Outros pesquisadores psíquicos ou de ocultismo, tais como W. Scott Elliot, Madame Blavatsky e Rudolph Steiner, baseiam-se todos em forças ocultas ou memória racial ou herdada como fontes de informação. São de opinião que a Atlântida causou sua própria destruição por ter-se tornado pecaminosa; essa opinião é partilhada não só por Spence e pelo historiador russo Merezhlowski, mas também por Platão e os escritores do Gênesis e outras lendas de dilúvio na descrição da maldade do mundo anterior a ele.

Quanto à referência de Cayce à deterioração ou autodestruição da Atlântida, basta substituir as palavras "perversão" por "materialismo" e "pedras de fogo" e "cristais" por "bomba", para termos uma mensagem que se aplica a nossa época, vinda de um tempo *anterior* ao começo da era atômica.

As profecias de Cayce sobre o ressurgimento da Atlântida serão bem-vindas, se se tornarem realidade, ao contrário das outras, que prevêem que a cidade de Nova York "desaparecerá", a costa oeste "será destruída" e a maior parte do Japão "irá par a dentro do mar". Os habitantes de Nova York, da Califórnia e do Japão têm portanto interesse em que Cayce esteja errado, apesar de ele ter acertado diversas predições passadas sobre conflitos raciais, mortes de presidentes e terremotos no vale do Mississipi.

Como a pesquisa psíquica ainda não é considerada uma fonte de confiança para estabelecer a veracidade da História, o volumoso material psíquico sobre a Atlântida representa uma parte da literatura atlanteana que consegue, no máximo, a resposta: "sem comentários", por parte das comunidades arqueológicas ou científicas.

Indivíduos unidos por uma crença comum e pelo desejo de estabelecer provas da existência da Atlântida têm freqüentemente formado organizações cujas atividades tendem às vezes a enfraquecer, em vez de fortalecer, a aceitação da Atlântida como entidade histórica. Na França, entre as duas guerras mundiais, floresceram as organizações atlanteanas, tais como *Les Amis d'Atlantis* — Os Amigos da Atlântida — fundada por Paul le Cour, que também publicava uma revista chamada *Atlântida.* Outro grupo, chamado *Société d'Études Atlanteennes* — Sociedade para Estudos da Atlântida — sofreu um revés físico e moral quando um de seus encontros, na Sorbonne, foi interrompido por bombas de gás lacrimogêneo atiradas por membros aparentemente favoráveis mais a um enfoque intuitivo do que científico sobre o assunto Atlântida. O Presidente da Sociedade, Roger Dévigne, disse, num relatório posterior, que a Sociedade "está sendo afetada pelo descrédito legitimamente ligado a esses sonhos, aos olhos do mundo científico", e acrescenta, mais adiante, que é preciso tomar uma atitude de "prudente desconfiança" diante dos membros "usando emblemas atlanteanos na lapela e a caminho de piqueniques atlanteanos..."

O material escrito por outros atlanteanos, no entanto, foi submetido a um escrutínio detalhado e de modo geral desaprovador, sob os microscópios das instituições oficiais. Até mesmo o estilo imaginativo e visionário dos livros

sobre a Atlântida parece aborrecer os arqueologistas científicos que preferem teorias palpáveis, sem nenhuma poesia. Pois, como o "Continente Perdido" é um tema muito romântico, os poetas usam-no há muito tempo como fonte de inspiração e, como são citados na maioria dos livros sobre a Atlântida, a impressão é de que o assunto é tratado mais como fantasia do que como um fato real.

Mesmo sendo neutros quanto à poesia sobre a Atlântida, os escritores antiatlântida são às vezes tão veementes em suas negativas sobre a possibilidade de ter a Atlântida existido quanto são veementes os que defendem sua existência. Por exemplo, uma prova da não-existência da Atlântida foi apresentada no relatório do Dr. Ewing, da Universidade de Columbia, que "levou treze anos explorando a Cordilheira do Centro-Atlântico" mas "não encontrou nenhum sinal de cidades submersas". Não é um caso típico de "procurei e não encontrei, portanto obviamente não existe?"

Se os palácios e templos da Atlântida estão destruídos e em ruínas no fundo do Atlântico, devem estar recobertos por sedimentos e lama, e seria um tanto ou quanto difícil reconhecê-los após milhares de anos, através de um sistema de "verificação de localizações". Pode-se sugerir uma analogia com viajantes espaciais que, atirando redes a esmo, à noite, sobre a Terra, sem verem onde as estavam atirando, e recolhendo-as vazias, chegassem à conclusão de que não há vida na Terra.

Até as cidades submersas do mediterrâneo foram descobertas em tempos relativamente recentes, e em águas rasas. Devido a uma elevação geral das águas do Mediterrâneo através dos tempos, grandes partes de cidades bem conhecidas historicamente estão agora submersas, sendo hoje em dia estudadas e escavadas através de novas técnicas especialmente desenvolvidas por arqueologistas submarinos. Essas cidades submersas, ou partes de cidades, incluem Baiae, uma espécie de antiga Las Vegas, assim como diversos outros pontos ao longo da costa oeste da Itália, nas vizinhanças de Nápoles e da costa adriática da Iugoslávia, e também partes de Siracusa, na Itália, Leptis Magna, na Líbia, Cenchreae, o porto de Corinto, na Grécia, e as antigas baías de Tiro e Cesaréia, para mencionar apenas alguns.

Há descobertas arqueológicas surpreendentes esperando para serem encontradas. Os campos que Aníbal usou antes de invadir Roma jazem sob água rasa próximo a Peñiscola, na costa leste da Espanha. Cousteau relata que encontrou uma estrada pavimentada no fundo do oceano, no meio do Mediterrâneo, a qual seguiu, nadando, até ser forçado a voltar à tona, e que não tornou a ver da segunda vez. Helike afundou sob o Golfo de Corinto durante um terremoto, porém permaneceu visível durante centenas de anos. Era uma atração turística para os viajantes romanos que iam à Grécia, que passeavam de barco e admiravam as ruínas visíveis através da água clara, principalmente a estátua de Zeus, que permanecia em pé e claramente visível no fundo da água. Helike, que hoje em dia está sendo novamente procurada, pode ter afundado no golfo ou então, devido a mudanças sísmicas, talvez

esteja sob a terra.

Cidades submersas, reais ou imaginárias, não estão todas localizadas no Mediterrâneo. Na índia, perto de Mahabalipuram, em Madras, existem vestígios, que estão sendo investigados, de uma cidade submersa; no Golfo do México, junto a Cozumel, há construções submarinas, provavelmente de origem maia. Na URSS há uma cidade submersa na baía de Baku, de cujos muros foram retirados blocos de alvenaria com relevos de animais e inscrições.

Uma tradição bretã localiza a cidade submersa de Ys bastante próxima à costa francesa. Diz-se que a submersão de Ys foi causada por Dahut, filha de Gradlon, o rei da cidade; Dahut, durante uma festa, abriu as comportas da cidade com uma chave roubada para ver o que aconteceria. Avisado a tempo, o rei Gradlon pôde escapar das águas em seu cavalo. Além dos comentários sobre a antiga delinqüência juvenil, essa história provavelmente se refere a casos reais de acomodamento da costa francesa, parte da qual foi coberta pelo mar. Há alguns anos ocorreu uma baixa-mar tão pronunciada nas costas da Bretanha que puderam-se ver colunas de pedra, aparentemente construções, no fundo do mar. Porém elas foram cobertas novamente pela maré e as águas voltaram à profundidade natural.

Por mais interessantes que sejam as cidades perdidas do Mediterrâneo e outros mares, o que tem isso a ver com a Atlântida? Podem-se estabelecer muitas conexões. Um escritor que passou muito tempo combatendo a teoria da Atlântida sugeriu que o afundamento de terras no Mediterrâneo foi quase imperceptível nos tempos civilizados. A pesquisa submarina no Mediterrâneo, no entanto, está provando o contrário. Um arqueólogo que estava procurando os braços da Vênus de Milo na região submarina junto a Milos, no Mar Egeu, descobriu inesperadamente ruínas de uma cidade a quatrocentos pés da superfície, com estradas que levavam a lugares ainda mais fundos — ninguém sabe aonde.

As ruínas submarinas da costa do Peru, descobertas pelo Dr. Menzies em 1966, a uma profundidade de seis mil pés, fornecerão, quando forem estudadas, provas mais conclusivas dos afundamentos de terra num período em que o homem já era civilizado o bastante para construir cidades.

Os críticos do conceito da Atlântida consideram os adeptos dessa teoria como visionários ou irresponsáveis; acham que a Atlântida nunca existiu; que a terra não pode ter afundado tanto em tempos históricos e finalmente que, de acordo com a teoria do *afastamento* dos continentes, ela não poderia ter existido por falta de espaço.

Esse último ponto se refere à teoria de Wegener quanto ao afastamento dos continentes. Essa teoria, mesmo que não se possa entender suas implicações ou explicações, pode ser confirmada por qualquer pessoa que disponha de um mapa-múndi e de uma tesoura. Isso porque, se recortarmos os continentes, veremos que alguns deles se encaixam perfeitamente, como num quebra-cabeças. Há lugares em que isso é especialmente evidente: a costa

leste do Brasil com a costa oeste da África, a costa leste da África com a costa oeste da Arábia, a costa leste da Groenlândia com a costa oeste da Noruega. Até os tipos de rocha e as formações de terra parecem se ligar diretamente de um continente a outro, a despeito do oceano que os separa.

Esse fenômeno fora percebido por outros geógrafos, inclusive por Humboldt, muito antes de Alfred Wegener usá-lo como base de sua teoria da separação dos continentes.

Wegener, que morreu durante uma expedição científica à Groenlândia, em 1930, quando testava suas teorias, pensava que todos os continentes haviam um dia formado uma única massa de terra. Essa massa se separou em continentes que, deste então, vêm se afastando como enormes ilhas flutuantes. A Groenlândia, assim como outras massas de terra, continua a se mover em direção a oeste, deslocando-se mais de 50 pés por ano. (Esse fato nos faz lembrar os lemos noruegueses, citados como possuidores de uma lembrança instintiva da Atlântida, em seu suicídio coletivo em direção oeste. Talvez eles procurem alcançar a Groenlândia!)

Uma das maneiras segundo as quais os continentes se encaixariam, segundo a teoria de Wegener.

Se a teoria da separação dos continentes é correta, e todos os continentes podem se encaixar, onde fica a Atlântida? A resposta é: aproximadamente no mesmo lugar de antes, porque apesar de alguns continentes se encaixarem perfeitamente, o encaixe de outros deixaria muitos espaços vazios, principalmente na parte do Atlântico em que a Cordilheira Central é mais larga. Na verdade, toda a cordilheira é como um reflexo da forma do litoral oeste da Europa e África e do litoral leste das Américas. Além disso, na

separação, talvez algumas terras tenham submergido ao longo da rachadura que se formou. Portanto, mesmo numa teoria que, à primeira vista, parece negar a existência da Atlântida, sua presença se faz sentir como a peça que falta para completar o quebra-cabeças ou para desvendar o mistério.

Em sua preocupação de destruir o conceito da Atlântida, os críticos foram ajudados pelo exagero de alguns partidários, assim como por alguns erros cometidos. Donnelly e outros, escrevendo numa época em que a antropologia era relativamente pouco desenvolvida, atribuem a separação dos povos a afinidades raciais, o que é negado pelas pesquisas modernas. No campo das semelhanças lingüísticas suas teorias são ainda mais vulneráveis. Se Le Plongeon, por exemplo (que falava maia), afirmava que essa língua era "um terço do grego puro"... Quem trouxe o dialeto (!) de Homero para a América? Ou quem levou para a Grécia o dialeto maia?" Como o maia e o grego continuam sendo línguas vivas, isso era e é fácil de refutar. (Além disso, como vimos, Le Plongeon relaciona entusiasticamente os sistemas de escrita egípcio e maia que, a não ser pelo fato de serem ambos pictográficos, não possuem nenhuma ligação evidente.)

Do mesmo modo relacionaram-se os chiapance do México com os hebreus (da migração das dez tribos perdidas?); e a língua indígena mandau, quase esquecida, ao galés. Quase todos os estudiosos da Atlântida vêem, na referência de Farrar à língua basca, em *Famílias de Linguagem*, uma prova da existência de uma ponte que levou as línguas pré-colombianas à América, via Atlântida. Farrar escreveu: "Nunca houve dúvida de que essa língua isolada, que preserva sua identidade num canto oeste da Europa, entre dois grandes países, tem uma estrutura bastante semelhante à das línguas aborígines do vasto continente (América)".

Donnelly, ao mostrar relações entre línguas bastante distantes, comparou palavras de várias línguas européias e asiáticas. Hoje em dia conhecemos essas relações, e essas semelhanças entre as línguas européias e o sânscrito não nos surpreendem mais, e não seriam levadas em conta no estudo da Atlântida. No entanto, já que essa conexão não era conhecida em seu tempo, podemos considerar Donnelly como uma espécie de pioneiro da lingüística, apesar de freqüentes incorreções. Na questão da semelhança entre o chinês e o otomi, por exemplo, as palavras que ele retirou do chinês não significam o que ele diz. Talvez as tenha obtido, como ocorreu com o Bispo Landa em relação ao "alfabeto" maia em Yucatán, através de um informante solícito, mas que simplesmente não entendeu suas perguntas; esse é, até hoje, um problema bastante comum para os lingüistas.

Algumas vezes Donnelly se vê encurralado entre suas afirmações lingüísticas, como quando apresenta a palavra "hurricane" (furacão) em diferentes línguas européias e americanas como uma prova de difusão pré-colombiana. A palavra provém do nome do deus das tempestades no Caribe, Hurakán, que causava furacões. Essa palavra existe em inglês *hurricane,* em francês — *ouragan,* em espanhol — *huracán,* em alemão — *orkan,* etc. O que

Donnelly não percebeu é que essa palavra obviamente nunca existiu nessas línguas *antes* da descoberta da América e das terríveis experiências dos navegadores europeus nas tempestades tropicais do Caribe.

De qualquer maneira, com todos os mal-entendidos e conclusões precipitadas sobre a Atlântida, existem aspectos difíceis de serem negados; e, sob toda a polêmica, pode-se sentir a presença de algo mais profundo, uma lembrança comum de tradições, língua e História perdidas, com os nove décimos de *iceberg* que se escondem sob a água comparados a um décimo que vemos à superfície. Essa pode ser uma das razões pelas quais, como a fênix que sempre renasce, a Atlântida continua através do interesse de sucessivas gerações, e provavelmente sobreviverá às críticas.

10 - A Atlântida e o Alfabeto

Que língua falavam os habitantes da Atlântida? Há alguma indicação de uma língua isolada, muito antiga, que tenha ligações com outras línguas antigas e que possa ser um resquício da língua falada na Atlântida?

A resposta é quase fácil demais, já que essa língua existe e que, hoje em dia, os bascos afirmam que são descendentes dos habitantes da Atlântida. Considera-se que os ibéricos antigos falavam basco, antes das conquistas sucessivas dos celtas e romanos. Sprague de Camp, um importante pesquisador moderno da Atlântida e autor de *Continentes Perdidos,* um dos livros mais completos sobre o assunto, é de opinião que a inscrição do "anel de Tartessos" pode estar escrita em basco original, antes de os bascos adotarem o alfabeto romano.

O basco permanece isolado e não classificado entre as línguas européias; num exame mais detalhado não parece muito próximo das línguas ameríndias, embora tenha *mais* afinidade com estas do que com as do grupo indo-germânico, com as quais não tem afinidade alguma. As afinidades são estranhas: o basco tem construções semelhantes às de outras línguas aglutinativas, como o quíchua (a língua dos incas) e o grupo uralo-altaico — finlandês, estônio, húngaro, turco. (Essas línguas formam palavras muito longas, incluindo artigos e outras partes ativas da fala.) Mas também se assemelha às línguas polissintéticas, como as ameríndias, esquimós, etc, cuja peculiaridade lingüística consiste em palavras complexas que, na verdade, são frases.

Algumas palavras bascas parecem retornar ao tempo do homem de Cro-Magnon, das pinturas nas cavernas. A palavra "teto" significa literalmente "alto da caverna", enquanto que "faca" é formada de várias palavras significando "a pedra que corta". A antigüidade dos bascos se encaixaria muito bem na teoria de Spence, que fala de duas levas separadas de imigração da Atlântida para a Espanha e a França, devido ao afundamento parcial da Atlântida.

No entanto o basco não parece influenciar outra língua, nem ser influenciado por nenhuma. É uma interessante relíquia de alguma outra coisa — talvez um fóssil vivo — um representante da língua pré-glacial européia ou, ainda melhor, o único sobrevivente da linguagem da Atlântida.

Como, ao contrário de Donnelly, sabemos agora de muitas ligações entre as línguas indo-germânicas e semitas, não ficamos mais atônitos quanto a palavras que possam ser comparadas e reconhecíveis em línguas diferentes. O que pode nos surpreender, no entanto, é encontrar palavras comuns entre línguas que não. tiveram nenhuma ligação, como há entre línguas européias e as da América pré-colombiana.

Como as línguas dispõem de um número relativamente pequeno de unidades sonoras possíveis (o nome dado para isso em lingüística é fonema),

algumas coincidências podem ocorrer em línguas não relacionadas. Em japonês, por exemplo, a palavra *so* tem o mesmo significado da palavra inglesado (assim), e se trata de uma palavra nativa, e não importada do Ocidente.

Palavras comuns a línguas distantes poderiam indicar uma relação lingüística e/ou cultural. Por isso é especialmente estranho encontrarmos palavras de nível espiritual nas línguas ameríndias que se parecem com palavras de línguas antigas do outro lado do Atlântico.

Em grego, *thalassa* significava "o Mar" e, em maia, *thallac* quer dizer "não sólido", enquanto que o deus asteca das águas, Tlaloc, também estava ligado ao mar. Na mitologia da Caldéia Thalath era a deusa que reinava sobre o caos. *Atl* significa "água" em náuatle (asteca), e também na língua berbere, do norte da África.

Entre outras coincidências temos a consonância entre a palavra ameríndia para "grande espírito" — *Manitu* — com o hindu *Manu;* a palavra náuatle para "deus" — *teo* (théulh) — com o grego *théos.*

Outras coincidências de palavras são menos espirituais mas não menos evocativas em basco: *argi* significa "luz", enquanto *arg,* em sânscrito, significa "brilhante". A palavra basca que significa "orvalho" é *garua,* enquanto que essa mesma palavra quer dizer "chuvisco" em quíchua. *Tepec,* a palavra náuatle para "montanha", também significa montanha nas línguas turcas da Ásia Central *(tepe); e malko,* uma palavra centro-americana que significa "rei" é facilmente reconhecível no árabe *malr* ou no hebreu *melek.* A palavra grega para rio — *potamós* — encontra reflexo não só em *potomac* (dos índios Delaware), mas também *em poti,* usada pelos índios brasileiros de língua tupi-guarani.

O guarani, uma língua indígena do Paraguai e sul do Brasil, tem coincidências lingüísticas com línguas aparentemente não relacionadas. Como alguns exemplos temos *oka* (casa) em guarani, e *oikia* (casa) em grego; *ama* (água) em guarani e *ami* (chuva) em japonês. Em quíchua, a língua dos incas, "pessoa" é *rima,* enquanto que em chinês "pessoa" ou "homem" é *rhen. Anti* era "vale alto" no Egito antigo e, em quíchua, *andi* é "cordilheira". E, apesar de talvez onomatopaico — nesse caso se assemelhando ao ruído do animal que fornece leite — a palavra quíchua para leite é nu-nu, enquanto que a palavra japonesa para leite é g'yu-n'yu. A língua de uma pequena tribo de índios mandan, que habitava o Missouri e foi praticamente exterminada pela varíola em 1838, possui espantosas semelhanças com o galés. Algumas delas são as seguintes:

Gales	**Mandan**
Barco	

Corwig
koorig

Remo
rhyf (ree)
ree

Velho
hen
her

Azul
glas
glas

Pão
barra
bara

Perdiz
chugjar
chuga

Cabeça
pen
pan

Grande
mawr
mah

A semelhança entre essas duas línguas pode, no entanto, ser explicada da maneira mais direta, pela teoria de que os mandans eram descendentes dos seguidores de Madoc, um príncipe galés que navegou para oeste em 1170 para fundar uma colônia e jamais voltou.

Mas enquanto algumas línguas ameríndias possuem coincidências lingüísticas de som e significado com línguas transatlânticas ou transpacíficas, não há provas de uma ligação mais próxima, a não ser, é claro, entre tribos do Alasca e da Sibéria, que são próximas o suficiente para não se levar em conta fronteiras naturais ou políticas. Quanto às outras, é bem possível que algumas palavras tenham sido levadas por exploradores pré-colombianos, como Madoc, ou por viajantes que se perderam, como os "povos de pele vermelha",

que apareceram nas costas da Alemanha no século I e foram escravizados e dados de presente ao próprio cônsul romano da Gália. Esses índios não tiveram tempo de fazer qualquer contribuição lingüística; mas o fato de eles terem chegado à Europa significa que pode ter havido um intercâmbio cultural e lingüístico em épocas pré-colombianas, e esse intercâmbio seria muito mais fácil se houvesse terra no caminho.

Fora dessas coincidências deveríamos procurar algum indício — mesmo uma palavra — que unisse não um ou dois, mas muitos povos, tribos e nações completamente diferentes e separados, implicando numa difusão mais rápida e profunda. Essa ligação deveria ser básica, facilmente reconhecível, e incluir, se possível, uma linguagem "da Atlântida", como o basco, algumas línguas ameríndias, assim como o grupo indo-germânico e outros.

Uma palavra como "mamãe", embora preencha essas especificações, não poderia ser levada em conta, já que é um som pronunciado quase que automaticamente pelas crianças em quase todas as línguas. (Há sempre exceções — em Ewe (África ocidental), "mãe" é *dada,* e em Georgian, no Cáucaso, é *deda,* enquanto que, inexplicavelmente, "pai" é *mama.)*

Existe, no entanto, uma outra palavra muito antiga e usada em muitas línguas localizadas em muitos países e mesmo em ilhas do oceano. Não é um reflexo sonoro automático, mas uma palavra individual. Começando pelo basco, podemos notar a semelhança das vogais e consoantes da palavra "pai".

Basco — aita
Quichua — taita
Turco (e outras línguas turcas) — ata
Dakota (Sioux) — atey(até)
Náuatle — tata (ou) tahtli
Seminole — intáti
Zuni — tachchu (tat'cnu)
Maltês — tata
Tagalogue — tatay
Gales — tàd
Romeno — tata
Singalês — thathà (tata)
Ilhas Fidji (dialeto) — tata
Samoa — tata

Espanta-nos o aspecto primitivo ou antigo de algumas dessas línguas, assim como sua extensa distribuição. Devem haver outras palavras, pálidos traços de uma linguagem antediluviana, que seremos capazes de descobrir e reconhecer — nos galhos mais baixos de árvores de cujas raízes veio a linguagem básica e original da humanidade, e da qual as línguas romanas, germânicas, eslavas e semíticas são apenas os galhos superiores.

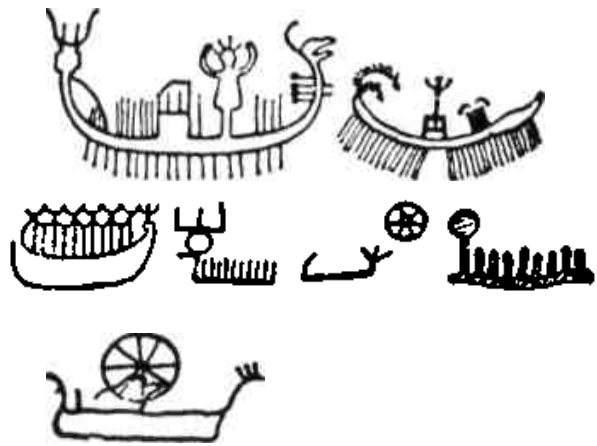
Mas as línguas relacionadas por essa palavra, exceto no caso do turco e do

romeno e possivelmente de um tagalogue ressuscitado, parecem ser ilhas lingüísticas, e a maior parte delas está se retraindo ante a pressão das línguas modernas e da comunicação de massa,

Se palavras faladas, num nível pré-histórico, são difíceis de serem localizadas, talvez algum outro indício, escrito, pudesse dar uma resposta mais concreta à questão da difusão étnico-lingüística através do Atlântico e, possivelmente, referir-se de forma concreta à existência de uma ponte de terra, a Atlântida. Esses documentos escritos, no entanto, já trouxeram bastante descrédito aos estudos sobre a Atlântida, principalmente nos casos de Paul Schliemann e a controvertida inscrição "fenícia" no vaso de cabeça de coruja, Brasseur de Bourbourg e a tradução "interpretativa" e James Churchward, um americano que baseou sua teoria sobre a Atlântida e um outro continente perdido, Mu, no Pacífico, em placas indianas e tibetanas que não estão à disposição de outras pessoas para estudos.

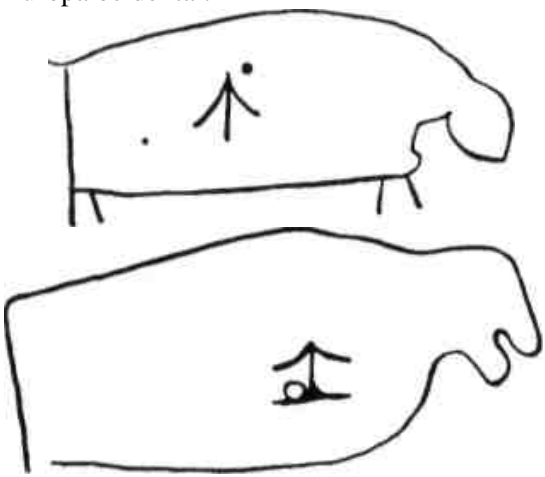
A escrita é o resultado da simplificação ou formalização de uma escrita pictórica, como no caso dos hieróglifos egípcios ou do chinês, ou ainda da associação da escrita pictórica a um alfabeto silábico, como no caso da escrita cuneiforme do antigo Oriente Médio.

Todas as tribos primitivas desenham figuras e ocasionalmente desenham-nas quase da mesma maneira. Wirth, entre outros, fez estudos exaustivos do uso de figuras simples e símbolos como a cruz, a suástica, rosetas, círculos cortados, etc, sugerindo a relação da escrita pictórica com símbolos por ele chamados "a escrita primitiva e sagrada da humanidade". Como prova de sua teoria da difusão cultural da Atlântida ele fornece como exemplos desenhos antigos ou talhas de navios cerimoniais. Algumas dessas representações mostram semelhanças espantosas, como se os artistas, em portos geograficamente muito distantes, tivessem visto e desenhado os mesmos navios:



Representações primitivas e pré-históricas de navios sagrados, ou "barcos do sol", encontradas em locais muito distantes entre si, tais como Egito. Suméria, Califórnia, Espanha e Suécia.

Spence também fornece outro exemplo, mostrando um desenho primitivo de um búfalo americano que contém um signo quase idêntico ao de outro búfalo encontrado numa caverna da Idade da Pedra (período aurignaciano), na Europa ocidental.



Seria esse sinal a forma escrita de "búfalo"? Ou é o nome da pessoa que caçou o animal, ou o nome do clã? Ou significa "eu o matei", ou é uma simpatia para capacitar o caçador a matar o búfalo,- tendo antes capturado o espírito do animal através do desenho? Provavelmente nunca saberemos, mas podemos nos extasiar com essa coincidência notável de símbolo ou de escrita entre as culturas dos ameríndios e a cultura européia das cavernas.

A versão aurignaciana é tão primitiva que não se pode compará-la com outras mais adiantadas, como Cro-Magnon e magdaleniana, com suas implicações de uma cultura artística avançada. Não traz, portanto, nenhuma contribuição importante ao estudo da Atlântida. Do mesmo modo Spence apontou, como parte de sua teoria sobre a difusão da Atlântida, a presença de impressões de mãos em cavernas na América e na Europa. Isso também não pode ser considerado uma prova, já que deixar a impressão de mãos parece ser uma reação quase automática nos tempos pré-históricos, históricos ou — no cimento fresco — até mesmo hoje em dia.

Marcas e desenhos geométricos extremamente antigos, em cavernas pré-glaciais da Espanha e da França, parecem uma espécie de escrita, mas podem ser apenas rudimentos de escrita pictórica, registros ou marcas de propriedade.

Uma coleção de pedras pintadas encontrada nas grutas de Mas d'Azil, na França,

Marcas encontradas numa caverna em Rochebertier, na França, que podem ser uma escrita pictórica, um registro ou até mesmo um alfabeto. Se a última hipótese for verdadeira, existia uma forma de escrita oito ou dez mil anos antes do nosso atual alfabeto ser usado que datam de mais de 12.000 anos atrás, parecem conter letras, uma idéia intrigante e totalmente em desacordo com todas as teorias geralmente aceitas quanto à origem da escrita. (A cultura de Azil era considerada por Spence como resultado da terceira grande migração da Atlântida, na época do afundamento final.) Os hieróglifos egípcios, uma forma de escrita pictográfica que evoluiu numa combinação de figuras e sílabas, é talvez a forma mais antiga de escrita desenvolvida da qual temos notícia. Essa escrita era considerada pelos egípcios como tendo sido a língua dos deuses, uma crença freqüentemente interpretada pelos atlantologistas como se "os deuses" fossem povos vindos do oceano, a oeste, e que levaram a civilização ao Egito.

Marcas em pedregulhos coloridos encontrados em Mas d'Azil, na França. Não se sabe se os sinais são decorações ou anotações.

Sistemas de escrita, primeiramente pictóricos e depois evoluindo para figuras ou sinais convencionais representando sílabas, foram inventados em várias partes do mundo, aparentemente sem ligação entre si. O sistema cuneiforme sumeriano do antigo Oriente Médio, que imprimia na argila caracteres em forma de cunha, também começou com figuras, passando mais tarde a um sistema silábico.

Mas o verdadeiro alfabeto, no qual um número relativamente pequeno de letras compõe as palavras, parece ter-se originado entre os fenícios, por volta de 2000 a.C, tendo se difundido em todas as direções a partir do

Mediterrâneo, formando uma enorme quantidade de alfabetos diferentes, mas todos relacionados, por mais diferentes que pareçam ser. Todos os alfabetos verdadeiros do mundo se relacionam a um primeiro, básico, normalmente denominado de fenício, já que os mercadores fenícios parecem ter sido os primeiros a usá-lo.

Os alfabetos usados pelos fenícios e por outros grupos norte-semíticos evoluíram de uma forma de escrita pictórica, em que o A (aleph, em aramaico) era representado por um boi — (se olharmos essa letra ao contrário podemos ver os chifres de um boi) —; o B (bet) por uma casa; o D (dalet) por uma porta; o G (gimmel ou gamel) por um camelo, etc. (Todas as vezes que dizemos a palavra alfabeto rendemos homenagem a seus criadores, repetindo as duas palavras aramaicas para "boi" e "casa".) Em determinada época, porém, alguém teve a idéia de transformar esses signos em unidades independentes, não como figuras ou sílabas, mas como *letras* que pudessem ser usadas para formar qualquer palavra em qualquer língua.

Mas já que a invenção do alfabeto implica em milhares, de anos de escrita pictórica anteriores a essa ruptura, imagina-se que talvez os fenícios, pressionados pela necessidade de registrarem suas múltiplas transações comerciais de além-mar, inventaram o alfabeto de repente, para resolver o problema; ou talvez o tenham recebido e adaptado vindo de uma fonte mais antiga. Se esse for o caso, os fenícios, tendo sido os principais navegadores dos tempos antigos, seriam o povo que logicamente descobriu essa fonte mais antiga, se é que ela existiu.

Enquanto o fato de que o alfabeto se originou em Bilbos, na Síria, é uma teoria geralmente aceita, pois foi lá que se encontrou a escrita alfabética mais antiga, na Fenícia foram achadas relativamente poucas inscrições fenícias, comparadas com a. grande profusão achada através do Mediterrâneo, em Chipre, Malta, Sicília, Sardenha, Grécia, litoral da França, Espanha e norte da África, mostrando a difusão do alfabeto fenício em todo o Mediterrâneo.

Quanto mais a oeste estivermos, é claro, mais perto estaremos do local da Atlântida ou pelo menos de uma cultura adiantada localizada além de Gibraltar. A civilização pré-histórica do sul da Espanha, adiantada mas pouco conhecida, inclui a cidade perdida de Tartessos, na costa atlântica, a sudoeste. Dos documentos guardados por seis mil anos antes da destruição da cidade restaram-nos apenas algumas "letras", as do anel de Schulten, assim como algumas outras inscrições na Andaluzia e no norte da África, que podem ou não ter ligação entre si. Os indígenas brancos, habitantes das Ilhas Canárias, possuíam, na época do descobrimento, um sistema de escrita que poderia ter mostrado ligações com o alfabeto pré-ibérico espanhol, se os habitantes das ilhas não tivessem sido dizimados e subseqüentemente absorvidos.

Os misteriosos etruscos, um povo culto e artístico que habitava a Itália e foi absorvido pelos romanos, são freqüentemente considerados como remanescentes da Atlântida, principalmente depois que Platão disse que esse povo foi conquistado pelos habitantes da Atlântida: "eles conquistaram a

Europa até o Mar Tirreno..." O alfabeto etrusco, possivelmente derivado do grego ou do fenício, pode ser lido, mas não podemos saber o som que tinha.

Os etruscos são misteriosos porque, a não ser por inscrições tumulares, nada restou de sua literatura ou documentos escritos, que foram destruídos juntamente com suas cidades, pelos romanos. Sabemos, através de pinturas em túmulos (eles, assim como os egípcios, pintavam as paredes dos túmulos, mas sua arte era mais alegre), que levavam uma vida feliz. Há alguns anos descobriram-se numa ruína três placas de ouro. Duas delas têm inscrições em etrusco e a terceira contém a tradução para o fenício. No entanto, como essas inscrições se referem à dedicação de um templo, os etruscos, sob o ponto de vista histórico ou quanto ao seu local de origem, permanecem um mistério. Podemos pensar também que, se as línguas fenícia arcaica e etrusca têm alguma relação, esta pode indicar uma origem comum, mais antiga, do verdadeiro alfabeto. De qualquer maneira, a inscrição no anel de Tartessos, assim como outras inscrições ibéricas pré-romanas, parece ser escrita no mesmo alfabeto, senão na mesma língua.

Caso sejam encontrados documentos escritos etruscos eles provavelmente lançarão alguma luz sobre a origem etrusca e possível ligação com outras culturas, sejam elas da Atlântida ou do oriente.

Esperanças semelhantes surgiram quando da decifração dos manuscritos de Creta, denominados Linear A e Linear B. Creta, por ser um império marítimo de civilização surpreendentemente avançada para tempos tão remotos, é freqüentemente associada à Atlântida, sendo inclusive citada como o local da Atlântida ou como o motivo da lenda da Atlântida. Quando o Linear B foi decifrado por Michael Ventris, logo após a Segunda Guerra Mundial, nenhum mistério foi desvendado. Parte do material referia-se, por exemplo, a transações comerciais, prestações de contas da administração estatal, orçamentos e pagamentos; um dos registros detalhava inclusive a quantidade de óleo de oliva e perfume a ser distribuída entre os escravos — um comentário pouco comum, sobre uma espécie de "beneficência" para os escravos. Não é preciso dizer que há grandes esperanças de que a tradução do manuscrito mais antigo, o Linear A, traga informações mais reveladoras do ponto de vista histórico.

Durante a longa história da raça humana, os povos desenvolveram um sistema de escrita ou aprenderam esse sistema com outros povos. Por várias razões esqueceram-no, como no caso dos manuscritos cretenses Linear A e Linear B, e os manuscritos gregos arcaicos. James Mavor, um arqueólogo e oceanógrafo americano, estudou um estranho fato, o desaparecimento de escritos gregos entre o século XII a.C. até cerca de 850 a.C, quando surgiu então um novo manuscrito. Mavor, em seu livro *Viagem à Atlântida,* estabelece um paralelo entre esse fato e um intrigante trecho dos "documentos básicos" de Platão, quando ele se refere à conversa entre Solon e os sacerdotes egípcios, na qual os sacerdotes falam de registros escritos que os egípcios possuíam, porém os gregos não: "... (quando) os rios do céu... só deixam vivos

aqueles entre vocês que são ignorantes... vocês têm que recomeçar tudo como crianças e nada sabem sobre o que aconteceu nos tempos antigos..."

Como os manuscritos geralmente se perdem quando uma cultura desaparece, é destruída ou absorvida por outra, o desaparecimento, durante séculos, de escritos gregos, constitui um mistério, principalmente porque essa cultura foi contínua.

O "alfabeto" da Ilha da Páscoa, uma série de linha« ondulantes e pinturas em placas de madeira, é exemplo extraordinário de uma linguagem escrita que se perdeu por ocasião da deterioração de uma cultura. Devido à despopulação e à conquista, os descendentes dos povos que as escreveram sabiam grafá-la mas não sabiam lê-la.

Essas placas ainda não foram traduzidas e talvez, até que se encontre uma "chave" ou uma referência cruzada, jamais serão. Esse escrito da Ilha da Páscoa mostra, no entanto, uma surpreendente semelhança com a escrita usada nas grandes cidades do vale do Indo — Mohenjo Daro e Harappa — há mais de cinco mil anos atrás, onde é hoje o Paquistão. Uma comparação entre os escritos da Ilha de Páscoa e do vale do Indo demonstra uma evidência visual de que são relacionados, mas como os escritos do vale do Indo também não foram decifrados, o mistério de seu relacionamento e seu significado permanecem mais obscuros do que nunca.

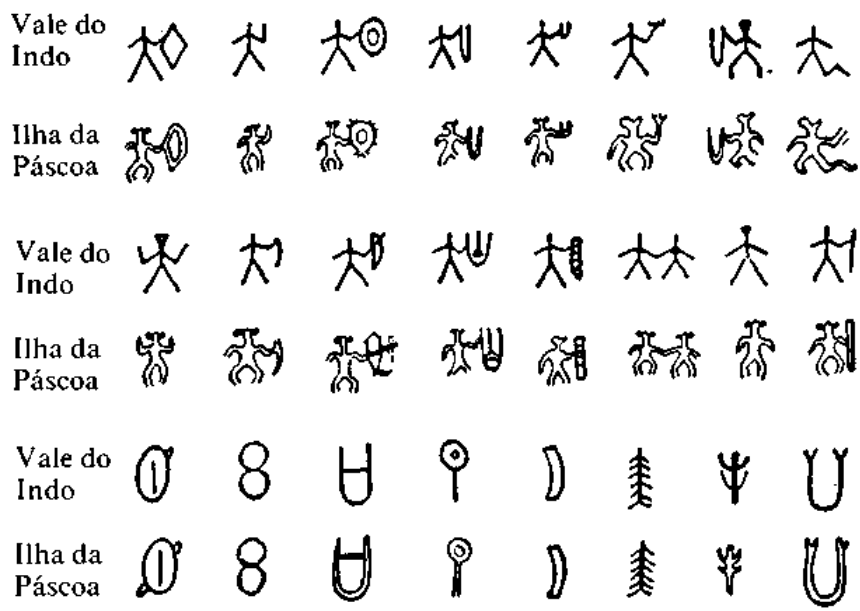
Trata-se, na realidade, de um mistério muito profundo, pois se, como supôs Heyerdahl, a Ilha da Páscoa derivou-se do continente americano, devido à direção das correntes do Pacífico, talvez uma forma de escrita da Ilha da Páscoa tenha ido da América para a península indiana. Ou então o aparecimento do manuscrito do

Indo indicaria que uma civilização antiga deslocou-se milhares de milhas através do Oceano Pacífico para fundar uma colônia numa pequenina ilha que pertence mais à América do Norte do que à Ásia. Além disso, as ruínas ainda existentes na Ilha da Páscoa são decididamente semelhantes às da costa do Peru. Uma terceira possibilidade vem sendo estudada há muito: a Ilha da Páscoa seria o remanescente de um continente perdido do Pacífico, apesar de que o exame do solo do Oceano Pacífico não apóia essa teoria.

De qualquer maneira, quer os escritos da Ilha da Páscoa tenham vindo do leste ou do oeste, sua semelhança com o antigo manuscrito indiano constitui um notável elo lingüístico entre o Velho e o Novo Mundo através do Pacífico, apesar de serem em línguas que não podem ser lidas e nem mesmo identificadas.

A linguagem escrita e a linguagem falada por um mesmo povo são freqüentemente diferentes, como, por exemplo, no caso dos tuaregues, os chamados "povos azuis" do Saara — pois a tinta que usam para tingir o véu com que protegem o rosto marca-os de azul. Supõe-se que os tuaregues tenham conexões lingüísticas com os púnicos e os antigos líbios, o que nos leva novamente à cultura fenícia. Porém sua linguagem alfabética escrita, *T'ifinagh,* que *não é* a linguagem falada, *Temajegh,* está sendo esquecida

antes de poder ser corretamente classificada ou traduzida. Essa estranha escrita alfabética, perdida no deserto, constitui mais um mistério lingüístico — desta vez um mistério completo, com implicações atlanteanas.



Comparação das amostras de escritos no Vale do Indo e na Ilha da Páscoa, mostrando uma extraordinária semelhança, apesar de os dois centros estarem localizados a milhares de milhas de distância.

Nas Américas temos constantes referências à escrita sendo introduzida por deuses ou mestres que vinham do leste ou do mar oriental. Quetzalcoatl, por exemplo, é suposto ter vindo da "Terra Vermelha e Preta" a qual, por dedução, pode ser interpretada como a terra da escrita, pois vermelho e preto eram as cores mais usadas pelos astecas em sua escrita pictórica. (A "Terra Vermelha e Preta" também se adapta à descrição de Platão das cidades da Atlântida, construídas em pedras vermelhas e pretas.)

Uma interessante descrição de um grupo de sacerdotes ou de mestres que trouxe a escrita para o México pré-colombiano foi deixada por Sahagún, um cronista espanhol da conquista do México, que fez seu relato baseado em fontes antigas: "(Eles) vieram através do mar e aportaram perto (Vera Cruz) — os sábios antigos que tinham todos os escritos — os livros — as pinturas."

Fernando de Montesinos, um espanhol que registrou a História inca, relata um estranho elemento na tradição histórica do Peru. Segundo a história "falada", o inca Huanacauri (de uma dinastia anterior à que foi exterminada pelos conquistadores) foi avisado pelos sacerdotes do Sol que se quisesse se livrar da praga que ia devastar seu império devia abolir a escrita para assim liquidar a praga. Em conseqüência, decretou pena de morte para quem escrevesse, mandou matar alguns escritores que desobedeceram e assim tanto

a escrita como a praga foram abolidas de seu império. De que maneira isso tudo era lembrado sem registros escritos? Através do uso de registros "humanos", que eram escolhidos para memorizar a história e a literatura incas. Na realidade, poemas bastante longos e até mesmo peças de teatro, tais como *Ollantay,* foram "lembradas" através da vocalização desde os tempos incas, tendo sido posteriormente escritas e publicadas na era moderna. O registro da população, da produção e dos impostos do império inca era feito através de um sistema de compridas cordas coloridas, cheias de nós, e é possível que os "registradores humanos", de memória especialmente treinada, as usassem como substitutos de registros escritos para treinar mais ainda sua memória. O uso do *quipus* não foi completamente entendido até hoje, e é possível que algum conhecimento inca ainda exista em aldeias dos Andes onde se fala quíchua e aimará.

Descobriu-se que tantas inscrições no Novo Mundo são obra de indígenas atuais, exploradores ou até mesmo brincalhões, que os pesquisadores olham com a maior desconfiança as muitas inscrições "antigas" encontradas na América do Sul — na Venezuela, Colômbia e Brasil, assim como na costa oeste. Algumas parecem ter sido escritas em grego, outras em fenício, enquanto que outras ainda são indecifráveis.

É preciso lembrar que grandes regiões da América do Sul ainda não foram exploradas, não só do ponto de vista arqueológico mas sob qualquer ponto de vista, sendo vistas apenas do ar como uma espessa floresta que mais parece um oceano verde. Esse "oceano" — devido às inscrições encontradas ao longo das margens dos rios, que podem ter sido portos, e em colinas que podem ser ruínas, e lendas de cidades perdidas sob as densas árvores — foi considerado outra possível pista para a Atlântida e a pré-história, principalmente pelo explorador Fawcett, que lá perdeu a vida procurando as supostas "cidades perdidas".

Apesar de muitas inscrições encontradas no leste da América do Sul terem sido tachadas como brincadeira, é pouco provável que pessoas desejosas de perpetuar brincadeiras tenham penetrado tão longe na floresta, através dos rios, com essa finalidade, ou que os índios primitivos da floresta se dessem a esse trabalho, inclusive aprendendo letras gregas ou fenícias.

Além do mais, parecem ter sido encontradas evidências concretas de visitas de além-mar — por exemplo, um esconderijo de moedas romanas desencavado na Venezuela, com moedas que datam, no máximo, do ano 350. Ã medida que a região da floresta for sendo mais explorada espera-se descobrir e estudar mais inscrições que nos fornecerão maiores indicações não só sobre a primitiva exploração americana mas também sobre quem eram os exploradores e que alfabeto ou sistemas de escrita usavam.

Finalmente, restam-nos certas lembranças lingüísticas, algumas possibilidades de sobrevivências isoladas de linguagens antediluvianas, algum manuscrito não decifrado cuja futura tradução talvez explique o mistério (ou então o tornem ainda mais complexo).

Existe mais alguma coisa do ponto de vista lingüístico? Existe, e trata-se do próprio nome Atlântida. Supondo-se que esse continente ou império existiu, o nome que lhe era dado pelos habitantes pode não ter sido a versão grega ou platônica. O constante aparecimento dos mesmos sons de letras — A-T-L-N — em várias línguas, para designar o nome do ponto de origem racial, da antiga terra natal, do paraíso terrestre, do berço da cultura, por povos de ambos os lados do Atlântico e *além,* constitui uma lembrança vivida de uma terra e civilização que, quer tenha existido ou não, a humanidade foi incapaz de esquecer.

11 - Onde Era a Atlântida ?

Assim como há consideráveis divergências de opinião no mundo acadêmico sobre se a Atlântida existiu ou não, também entre os mais fervorosos defensores da tese da Atlântida há grandes divergências sobre onde ficava esse continente — e onde, provavelmente, permanece. Muitos pesquisadores acham que é sob o Atlântico, como indicado por Platão. Outros acham que está debaixo da terra — as areias do Saara, local que já foi um mar interior. Alguns outros acham que está sob o gelo ártico ou por baixo de diversos mares e oceanos, enquanto que outros ainda são de opinião que Atlântida foi apenas um nome dado por Platão a outra cultura histórica, e localizada "além das Colunas de Hércules" por uma questão de erro geográfico.

Vários milhares de livros foram escritos para provar ou negar a existência da Atlântida; é interessante, portanto, verificar o que dizem os mais destacados escritores ou estudiosos do assunto, antigos ou modernos, para sabermos qual a opinião que prevalece, ou prevaleceu, sobre a localização da Atlântida. Numa amostragem de opiniões de 270 autoridades, temos o resultado abaixo. (Considerando-se o número de pessoas que escreveram sobre a Atlântida, levamos em conta apenas os mais importantes do ponto de vista histórico, os mais destacados pesquisadores ou expedições que estudaram uma determinada região.)

Localizações atribuídas à Atlântida:
Número de autoridades que sustentam essa tese:

Uma ilha afundada ou pontes de terra no Atlântico
97

Nunca existiu; trata-se apenas de uma lenda
46

América do Norte ou do Sul, ou ambas
21

Marrocos ou África do Norte (inclusive Cartago)
15

Terra Santa, incluindo Israel e o Líbano
9

Tartessos e sul da Espanha.
9

Creta ou Thera

	9
Gibraltar	6
Outras ilhas do Mediterrâneo e/ou Malta	6
Continente afundado no Oceano Pacífico	4
Deserto de Saara	3
Irã	3
Ilhas Canárias	2
Ceilão	2
México	2
Groenlândia	2
África do Sul	2
Criméia e sul da Rússia	2
Países Baixos	2
Montanhas do Cáucaso	2
Brasil	2
Nigéria	2

Arábia	1
Bélgica	1
Bretanha	1
Catalunha	1
Leste da Prússia	1
Etiópia	1
França	1
Iraque	1
Mecklenberg (Alemanha)	1
Norte da Europa	1
Norte do Continente Polar	1
Portugal	1
Sibéria	1
Spitzbergen	1
Suécia	1

Venezuela

1

Índia Ocidental

1

Ilha submersa no Oceano Índico

1

Na lista acima não fizemos menção separada aos Açores porque essas ilhas são consideradas, pelos escritores que localizam a Atlântida no Oceano Atlântico, como sendo os picos das montanhas do continente submerso, ou "oitavo" continente, como às vezes é denominada a Atlântida.

Ao examinarmos a lista acima um fato que chama a atenção é que quase uma quinta parte dos pesquisadores (que levaram anos a fio estudando o assunto) chegaram à conclusão de que a Atlântida jamais existiu, a não ser na imaginação dos que escreveram sobre ela. Muitos desses escritores acham que ou Platão inventou a Atlântida para dar um exemplo didático de seu conceito filosófico do Estado perfeito, ou então talvez tenha ouvido esse nome através dos navegantes que vinham do oeste do Mediterrâneo, e usou-o ligado a lugares dos quais tinha ouvido falar e cuja adiantada organização, assim como importantes obras de engenharia e de arquitetura impressionaram seus ouvintes. As narrativas sobre a grandeza da Babilônia, de Creta ou da Pérsia poderiam se encaixar nesse relato de um "superpoder". Outros sugeriram que os sacerdotes egípcios *podem ter* contado a Solon alguma coisa parecida com a relatada por Platão, porém com a intenção de cativá-lo, ao se referirem a Atenas como um Estado que fora tão poderoso no passado a ponto de ter derrotado um exército da Atlântida.

Os críticos modernos da teoria da Atlântida parecem ter-se abrandado desde o tempo de Aristóteles. Essa aparente simpatia quanto ao assunto, mesmo por parte dos que duvidam, pode ter sido causada pelo apelo da lenda atlanteana ou porque, devido ao maior conhecimento do passado, existe uma percepção geral de que certas culturas pré-históricas ainda não tiveram seu valor reconhecido e que a pré-história humana é mais antiga do que se imagina. Alguns dos antiatlanteanos chegaram à conclusão de que a Atlântida preenche uma necessidade psicológica — a necessidade do ser humano de se refugiar na idéia de que em outros tempos, numa Idade de Ouro, as coisas eram melhores, antes que outros fatores destruíssem a primeira civilização perfeita da humanidade.

Outros acham que é uma útil ligação de moral, principalmente tendo em vista que a Atlântida foi destruída pela deterioração moral de seu povo. Nisso são apoiados por aqueles que acreditam na Atlântida, antes, e principalmente agora, e que esperam que a humanidade aprenda a lição da Atlântida e não cause sua própria destruição pela segunda vez. Sempre que uma civilização

misteriosa ou isolada é descoberta o problema da Atlântida volta ao espírito. Sempre alguém pergunta — "Será a Atlântida?" ou "Será isso que causou a lenda da Atlântida?" Várias dessas teorias são particularmente interessantes devido às medidas envolvidas; isto é, tomando-se as dimensões que Platão atribuía à Atlântida e a sua capital, com sua rede de canais, e interpretando-se ou aplicando-se essas medidas a diversos locais de pesquisa arqueológica.

Albert Hermann, historiador geográfico alemão que pensava que a Atlântida ficava na Tunísia, baseou grande parte de sua teoria num possível erro de tradução do que os sacerdotes egípcios de Sais disseram a Solon. Hermann percebeu que todas as medidas dadas por Platão são divisíveis por 30 e portanto acha que as medidas egípcias provavelmente foram dadas em "schomos" — uma estádia corresponde a trinta schomos — e que, de alguma maneira, numa tentativa confusa de traduzir corretamente, o intérprete *multiplicou* por 30 os números que lhe foram dados. Mas não sabemos se Solon usou o intérprete ou não, já que é possível que os sacerdotes egípcios falassem grego. De qualquer maneira, Hermann fez com que a Tunísia correspondesse exatamente às medidas dadas para a Atlântida, e medindo a grande planície central descobriu que também ela, se tiver suas medidas divididas por trinta, corresponde à planície descrita por Platão. Em sua opinião o Shott ei Djerid, um lago pantanoso próximo ao qual, através de escavações, descobriram-se moluscos marinhos, era anteriormente o lago Tritonis, um mar interior que se abria para o Mediterrâneo, e os enormes canais circulares tinham apenas dez pés de largura. Hermann pensou ter localizado os restos da cidade de Poseidon, que ele também associou a lendas árabes a respeito da antiga "cidade de bronze" do Saara, perto da aldeia de Rhelissia, consistindo em apenas quinze casas mas que possuíam vias d'água subterrâneas (restos de canais?). No entanto, apesar de que as medidas horizontais fornecidas por Hermann possam ser pelo menos discutíveis, a aplicação das medidas verticais na proporção de 30 para 1 transformaria as enormes montanhas e grandiosos templos descritos por Platão em outeiros e casebres.

Outro alemão, o Pastor Jugen Spanuth, apresentou uma teoria num livro publicado em 1953, localizando a Atlântida no Mar do Norte, na foz do Rio Elba, a leste de Heligoland, onde existem há muito tempo relatos de construções submersas. Segundo essa teoria a Atlântida era a capital de um império do norte, origem do ataque ao Egito, como está registrado em documentos egípcios do século XII a.C. Concentrando sua atenção em algumas grandes pedras no fundo plano do mar, que ele pensou que pudessem ser a cidadela atlanteana, Spanuth introduziu um novo elemento na pesquisa submarina — o mergulho com *aqualung*. Essa foi a primeira vez em que se usaram mergulhadores na busca da Atlântida, um aperfeiçoamento lógico e promissor para o futuro da pesquisa atlanteana. No entanto, no caso dos mergulhadores de Spanuth, as chamadas telefônicas do fundo do mar para o navio, a uma profundidade de apenas vinte e seis pés, indicavam um

entusiasmo um tanto excessivo. Os mergulhadores encontraram uma série de muros paralelos, "feitos de enormes pedras" cujas medidas e até mesmo a cor concordavam com a descrição de Platão, embora, como na teoria de Hermann, numa escala reduzida. Duas outras expedições a esse local fizeram outras medições e trouxeram à tona pedaços de sílex trabalhado.

Devido à elevação do nível da água, correspondente ao afundamento do litoral de grande parte da Europa na Idade da Pedra e na do Bronze, muitas outras terras submersas próximo à costa marítima podem ocasionar novas descobertas sobre a Idade da Pedra. Porém o mergulho junto à costa do Mar do Norte ou no Atlântico Norte é difícil e freqüentemente inútil, devido à falta de visibilidade, muito diferente das águas claras do Mediterrâneo, do Caribe e outros mares do sul.

Provavelmente a explicação mais plausível de a Atlântida ser um local arqueológico existente na ilha de Thera, no Mar Egeu, é dada pela teoria do Dr. Spiridon Marinatos, um arqueólogo grego, e do Dr. Angelos Galanopoulos, sismólogo. Essa teoria é o assunto do livro *Viagem à Atlântida,* escrito por James Mavor, arqueólogo e oceanógrafo americano, que explica o misterioso colapso do Império de Creta e a destruição de Cnossos, sua maravilhosa capital, por uma explosão vulcânica que arrasou a ilha de Thera em 1500 a.C, formando um enorme abismo submarino no local em que ficava uma parte da ilha. Supõe-se que esse abalo tenha também afetado Creta, derrubando e queimando suas cidades, que nunca mais voltaram a recuperar completamente sua alta civilização anterior. As ondas e marés causadas pela explosão devem ter invadido quase toda à costa do Mediterrâneo, submergindo cidades do litoral e talvez dando origem a algumas das lendas de uma inundação universal. As escavações feitas em Thera e Creta mostraram a presença de cinza vulcânica que chega, em alguns pontos, a ter mais de cento e trinta pés de profundidade. Futuras escavações terrestres ou submarinas certamente fornecerão maiores explicações sobre uma tal catástrofe.

Como o comércio egípcio com Creta foi interrompido pelo misterioso declínio de Cnossos e do Império de Minos, talvez os egípcios, não tendo mais notícias de Creta, tenham dado origem à lenda de que desapareceu ou afundou. Também já se sugeriu que os relatos de uma invasão marítima do Egito, vinda do norte, podem ter sido causados por levas de pessoas que, tendo perdido tudo no terremoto, atacaram o Egito numa tentativa de encontrarem novas terras para se estabelecer.

O Dr. Galanopoulos reforça a teoria da Atlântida em Thera, dividindo não só as medidas de distância de Platão, mas também seus outros cálculos, por 10 — se forem *acima* de 1.000 — mas aceitando-as, quando são *abaixo* de 1.000, para as mensurações de Thera e de Creta. Desta maneira o fosso que circundava a cidade principal da Atlântida, com as medidas convertidas em milhas, não teria 1.100 milhas porém 110, o que corresponde aproximadamente à circunferência da Planície de Messara, em Creta. Do mesmo modo, o exército da Atlântida teria cento e vinte mil homens, e não

um milhão e duzentos mil, e sua frota seria reduzida de mil e duzentos navios para um total mais modesto de cento e vinte. A própria data indicada por Platão para a destruição da Atlântida seria, se dividida por dez, mais próxima à da destruição de Thera. Uma explicação para essa aparente discrepância de números acima de 1.000 seria de que o erro básico foi feito na tradução dos hieróglifos egípcios ou uma interpretação errônea dos escritos de Creta.

Arthur Clark, um notável escritor científico e de ficção científica, que se interessa tanto pelo passado e pelas profundezas quanto pelo futuro e pelo problema espacial, acha que, *mesmo que a Atlântida tivesse existido,* os povos do Mediterrâneo se lembrariam da catástrofe de Thera como um fato mais recente. Observa ele que ninguém fala do terremoto de 1836, em São Francisco, porque as pessoas se lembram apenas de uma ocorrência mais recente — o "incêndio" de 1906 — que foi, aliás, muito menos grave. Clark faz ainda uma inquietante analogia: se uma bomba atômica fosse lançada sobre Chicago, os sobreviventes se lembrariam apenas da bomba e *não* do incêndio de Chicago em 1871.

Em 1882 Ignatius Donnelly citou Thera (também chamada Santorini ou Santorin) como um exemplo das alterações das ilhas do Mediterrâneo causadas por erupções vulcânicas e terremotos, e afirmou que "um recente exame dessas ilhas mostra que toda a massa de Santorin afundou, desde sua projeção no mar, mais de 1.200 pés". Aparentemente Donnelly se referia ao grande abismo anteriormente ocupado por uma parte de Thera (Santorin), antes de afundar.

É nas vizinhanças desse declive que o Dr. Galanopoulos, que tomou parte em investigações no local, acha que ficava a capital da Atlântida, sugerindo uma engenhosa explicação mostrando de que maneira a cidade de Poseidon, tal como descrita por Platão, se localizaria entre as pontas norte e sul de Thera, que se estendem para oeste a partir da maior parte leste da ilha, formando uma baía. Nessa baía foram encontradas ruínas a uma profundidade de cento e vinte pés.

O próprio aspecto de Thera parece um remanescente de alguma catástrofe cataclísmica, com seu vulcão central fumegante, seus penhascos negros e seus freqüentes e intermitentes terremotos, um dos quais recentemente destruiu o transporte funicular que levava ao vulcão central. Outra prova da atividade sísmica dessa região são as pequenas ilhas que surgem de vez em quando do fundo do oceano, sendo chamadas pelos habitantes locais de "ilhas queimadas". A água em torno delas é tão sulfurosa que os pescadores descobriram que basta ancorar os barcos próximo às "ilhas queimadas" durante alguns dias para que os cascos fiquem livres de cracas.

O nome Thera vem do grego antigo, "fera selvagem", e Thera continua mantendo essa sensação de selvageria e perigo, tremendo e fumegando, preparada para dar, a qualquer momento, um "bis" de sua grande explosão.

Porém Thera e Creta ficam no Mediterrâneo, definitivamente aquém das Colunas de Hércules, apesar de Platão e a lenda localizarem a Atlântida no

Oceano Atlântico. Poderiam Platão ou suas fontes de informação ter feito uma confusão geográfica? É bem possível, se considerarmos a época em que Platão viveu. Mas ainda assim — o nome Atlântida não apareceu em conexão com Thera ou Creta — existiram centros de civilização nos quais ocorreram catástrofes. Se aceitarmos, como temos que aceitar diante da evidência, a destruição de Thera, será que isso significa que devemos abandonar a idéia de uma Atlântida no Atlântico? Se concordarmos em que Thera era a Atlântida, ainda resta explicar o nome do continente e algumas questões intrigantes e não explicadas relativas a tradições, memória racial e semelhanças, a distribuição dos animais e dos povos, similaridades culturais em arte e arquitetura presentes em ambos os lados do Atlântico antes de Colombo.

Existirá mais alguma coisa? Haverá indícios de que Atlântida não era apenas um nome dado a uma história baseada numa catástrofe local? Existem algumas coisas surpreendentes que, se examinadas com cuidado, combinadas com outros fatores, poderiam contribuir muito para explicar o mistério da Atlântida e abrir caminho para esclarecimentos ainda maiores no futuro.

Porém, antes da explicação óbvia (se é que qualquer explicação de uma coisa que aconteceu num passado distante pode ser óbvia), vamos a um pouco mais de mistério.

Quando as Ilhas Canárias foram descobertas pelos europeus, no século XIV, logo que os espanhóis conseguiram se comunicar com os habitantes locais perceberam que eles estavam surpresos por haver outros povos vivos, pois pensavam que toda a humanidade tinha perecido numa catástrofe, mas que algumas montanhas — o local por eles habitado — haviam permanecido acima da água. Esse povo, além disso, possuía uma estranha mistura de uma cultura civilizada e de um barbarismo da Idade da Pedra.

Entre outras coisas tinham um sistema de monarquia com dez reis (vide a Atlântida), adoravam o sol, tinham uma ordem de sacerdotisas sagradas dedicada ao sol, mumificavam os mortos, construíam casas de pedras perfeitamente justapostas, com paredes coloridas de vermelho, preto e branco, assim como grandes fortificações circulares, usavam uma forma de irrigação através de canais, tatuavam seus corpos, faziam lanternas de pedra, possuíam literatura e poesia e tinham linguagem *alfabética escrita.* A língua que falavam, agora esquecida, parece ter sido relacionada com a dos berberes e talvez também com a dos tuaregues da África, que são, por sua vez, freqüentemente considerados como possíveis sobreviventes da raça atlanteana.

Vários dos padrões culturais acima estão de acordo com as tradições da Atlântida e de outras culturas atlânticas, mediterrâneas ou transatlânticas. Já foi sugerido que as Canárias foram colonizadas pelos fenícios; é duvidoso, porém, que uma raça de navegadores tivesse descendentes que moravam em ilhas mas evitavam o mar. Isso poderia ser explicado, no entanto, se uma inundação ou afundamento tivessem deixado uma marca permanente no psiquismo dos sobreviventes.

Outros indícios mostram uma considerável deterioração cultural, tais como o fato de guerrearem com pedras e armas de madeira — possuindo no entanto suficiente organização para resistir durante algum tempo aos espanhóis.

No exame de crânios de múmias verificou-se uma espantosa similaridade quanto a aspectos médicos: a técnica de trepanação, de colocar uma placa de ouro ou de prata para proteger o cérebro quando o crânio havia sido atingido. Tanto os guanches das Ilhas Canárias quanto os incas do Peru praticavam essa delicada arte, porém podemos apenas fazer especulações, sem certeza de sabermos se isso se originou de uma cultura atlanteana comum ou se foi um desenvolvimento natural de povos habituados a golpearem os inimigos na cabeça.

Até mesmo algumas das características físicas descritas detalhadamente por Platão podem ser identificadas nas ilhas atlânticas. Platão menciona pedras pretas, brancas e vermelhas; ainda se vêem nos Açores, nas Canárias e outras ilhas atlânticas rochas vulcânicas dessas cores. A menção a um clima temperado e um suprimento de frutas inexaurível se aplica à Madeira, às Canárias e aos Açores, enquanto que a grande montanha que se erguia na planície central poderia ser o Monte Teyde, em Tenerife. Outra coincidência pode ser notada em relação à descrição de Platão sobre fontes de água fria e água quente, supostamente criadas pelo tridente de Poseidon. Essas fontes, assim como as pedras vermelhas, pretas e brancas, ainda existem nos Açores.

Paul le Cour — fundador da organização francesa Amigos da Atlântida, assim como de um jornal sobre a Atlântida — esteve nos Açores e observou essas similaridades, além do uso atual de trenós, que são arrastados sobre pedregulhos redondos — a sobrevivência de um sistema de transportes da Idade da Pedra que chegou a nossos dias. Os Açores, mais ainda do que Thera, têm um aspecto de terras submersas, com grandes picos negros montanhosos que se elevam diretamente do mar.

No tempo clássico havia evidentemente contatos ocasionais entre os guanches e os fenícios, cartagineses, númidas e romanos, porém o nível cultural regrediu consideravelmente antes de sua "redescoberta" pelos espanhóis.

Não existem registros relativos a terem sido encontrados quaisquer habitantes indígenas nos Açores, se bem que algumas relíquias de outros habitantes anteriores ou viajantes por mar tenham sido achadas. Na ilha de São Miguel foi encontrada numa caverna uma laje de pedra na qual se vê, gravado, o desenho de uma construção. Paul le Cour, com o entusiasmo correspondente à sua posição de fundador dos Amigos da Atlântida, classificou essa gravação como sendo a representação de um templo atlanteano.

Aparentemente os cartagineses ou os fenícios estiveram nessas ilhas, pois moedas cartaginesas foram encontradas em Corvo, a ilha mais a oeste dos Açores. Os primeiros exploradores também encontraram em Corvo uma

estátua de cavaleiro, feita de pedra, com uma inscrição indecifrável gravada na base. Infelizmente para os pesquisadores seguintes, no entanto, o Rei de Portugal ordenou que fosse removida, no século XVI, e ela foi quebrada pelos operários encarregados da tarefa. Acabou-se a estátua e a base com a inscrição. Porém há outro item fascinante, relatado por A. Braghine, um pesquisador moderno, em seu livro *A Sombra da Atlântida.* Quando os exploradores portugueses, em busca de novas terras, chegaram aos Açores e viram a estátua, notaram que o braço do cavaleiro apontava para oeste — em direção ao Novo Mundo. E os habitantes de Corvo chamavam a estátua de *Cates,* que não tem significado nem em português nem em espanhol mas que, por uma estranha coincidência lingüística, se assemelha à palavra usada na linguagem quíchua do antigo Império inca para dizer "siga", ou "vá por aquele caminho"; essa palavra é *cati.*

Ao considerarmos as ilhas atlânticas e seu provável relacionamento com as costas do Atlântico e, por extensão, com as ilhas e culturas litorâneas do primitivo mundo mediterrâneo, vemos que estamos muito próximos de uma possível solução para o mistério da Atlântida — um mistério que talvez jamais tenha sido um mistério, no sentido de que sempre houve uma explicação evidente.

A pesquisa oceanográfica, assim como um campo totalmente novo de investigação, a exploração submarina por mergulhadores munidos de *aqualungs,* uniram-se para nos dar uma resposta lógica e aceitável.

Os exploradores submarinos, apesar de alguns serem visionários, tendem, ao mesmo tempo, a ter um enfoque prático e pragmático — isso é importante para sobreviver. Através de observações, notaram, nos anos recentes, que as águas do mundo vêm subindo através dos séculos e que é por isso que existe ainda um fértil campo para descobertas arqueológicas ao longo da costa do Mediterrâneo e do Caribe, assim como de outros mares.

Jean Albert Foex deu a explicação mais provável e mais óbvia sobre a Atlântida em seu livro *História Submarina dos Homens.* Essa dedução não se baseia em lendas ou mitos, mas em fatos científicos aceitos.

Sua dedução se baseia na concordância geral entre os geólogos e oceanógrafos de que, enquanto que a elevação do nível da água durante os últimos milhares de anos foi de cerca de um pé por século, ocorreu há milhares de anos atrás uma enorme elevação, num ritmo muito mais rápido. Por volta do século X a.C. o nível do mar era 450 a 500 pés mais baixo que agora. A elevação do nível do oceano foi causada pela água das últimas geleiras, quando derreteram. Quando a terceira e última glaciação retrocedeu e o gelo derreteu, a água subiu mais de quinhentos pés, acompanhada por chuvas e erupções vulcânicas, principalmente nas regiões vulcânicas do Atlântico, o que deve ter dado a impressão de "fim do mundo" devido a um grande dilúvio. Em outras palavras, o "complexo cultural" da Atlântida, que pela lógica' deveria se desenvolver em agradáveis ilhas de clima temperado *e* nas costas adjacentes, desapareceu na inundação, devido às desordens

sísmicas causadas pelo derretimento das últimas grandes geleiras. A elevação do nível da água pode também ter sido responsável pelo grande aumento de área do Mar Mediterrâneo, cujo fundo não é um verdadeiro fundo de mar, pois se caracteriza por montanhas e vales.

Agora, em nosso estudo da Atlântida, estamos em terreno firme do ponto de vista científico. Sabemos que as geleiras existiram — sabemos que existiu o homem pré-glacial — e conhecemos o quociente de elevação do oceano através de exames de radiocarbono de materiais retirados do fundo do mar, inclusive conchas de ostras, moluscos marinhos, turfa, restos de mastodontes e mamutes e até mesmo ferramentas pré-históricas.

Se fizermos uma projeção das ilhas atlânticas tais como eram — incluindo todo o fundo do mar adjacente a uma profundidade de mais de quinhentos pés — teremos como resultado ilhas com áreas de terra muito maiores, talvez não do tamanho de um continente, porém suficientemente grandes para abrigar uma população numerosa e ativa, capaz de desenvolver uma civilização. Também as outras costas — as da França, Espanha, Portugal, África do norte e América eram maiores, estendendo-se provavelmente até a plataforma continental, como provam os desfiladeiros submarinos que vão dos rios existentes até a beira do abismo. Essas ilhas oceânicas seriam não apenas maiores do que as atuais, mas teriam existido em maior número. Isso significaria também grandes extensões de terra seca, abrangendo as margens maiores e menores das Bahamas, onde recentemente foram descobertas construções e cidades submersas. O tamanho dessas áreas e da,s ilhas atlânticas "antes do dilúvio" fazem lembrar a menção de Platão a "... outras ilhas; e das ilhas pode-se passar para o continente oposto..." Os centros populacionais desse império pré-histórico estariam, evidentemente, ao nível antigo da água, e é nesse ponto, segundo Foex, que a busca da Atlântida deveria ter resultados positivos: uma busca não só de lendas ou tradições, mas sim uma exploração das próprias cidades e portos da Atlântida submersa. Construções submarinas, de origem desconhecida, foram vistas tanto nos Açores quanto nas Ilhas Canárias.

Através dessa explicação, apoiada pela ciência pelo menos quanto aos níveis da água, localizamos novamente a Atlântida no Atlântico, exatamente como indicada por Platão. Porém o Atlântico era diferente, um pouco menor e com ilhas muito maiores e próximas às costas dos continentes em torno, justamente como Platão e outros o descreveram.

Até mesmo o fator tempo coincide. Platão relata que a Atlântida afundou, segundo os sacerdotes de Sais, há cerca de 11.250 anos atrás; a ciência moderna calcula que o fim das últimas geleiras européias, com as conseqüentes inundações, se deu em 10000 a.C. A expansão da cultura megalítica para a Europa ocorreu por volta dessa época, e como as datas da existência das culturas de Tartessos, sul da Espanha, norte da África e ilhas mediterrâneas estão sendo calculadas cada vez mais para trás, aproximam-se mais e mais do período do fim das últimas geleiras e do suposto êxodo da

Atlântida.

Em outras palavras, era tudo parcialmente verdadeiro — porém um tanto alterado pelas brumas da lenda e a inconstância da memória humana. Em certa época existiram grandes ilhas no Atlântico. Em certa época houve um dilúvio que pareceu cobrir a terra. Mas as águas não retrocederam. Permanecem. E as terras não afundaram, mas ficaram submersas. E, com exceção dos trechos cobertos pelas marés litorâneas, não voltaram a aparecer. E as terras perdidas continuam existindo, agora no fundo do mar, deixando à mostra apenas seus pontos mais altos que se elevam no Atlântico. E, ao longo de suas margens submersas, que são as antigas regiões férteis de antes do dilúvio, devem estar as ruínas ou remanescentes de suas cidades, palácios e templos. > A Atlântida sugerida por essa cultura atlântica inundada pelo degelo não é, evidentemente, o império mundial imaginado por Donnelly, nem a Idade de Ouro sonhada por tantos de seus descendentes culturais. Talvez não fosse, também, a supercivilização descrita por outros autores, com invenções modernas e ultramodernas, e que foi destruída devido a seus pecados para servir de exemplo a todos nós. O que é provável, no entanto, é que naquelas férteis ilhas alguns dos povos de Cro-Magnon tenham desenvolvido uma cultura que se estendeu a outros litorais antes e depois das mudanças mundiais que os forçaram a emigrar. Não sabemos que língua falavam e temos apenas uma vaga noção de seus padrões culturais. Mas se algum dia descobrirmos — e as possibilidades são grandes — saberemos muito mais sobre a origem de nossa civilização, nosso passado cultural, nossa pré-história e, talvez, sobre nós mesmos.

12 - Poderá a Atlântida Ser Encontrada?

Com o desenvolvimento da exploração submarina e da arqueologia, o problema de se encontrar a Atlântida e seus tesouros — tanto culturais quanto materiais — cabe à pesquisa submarina, que é certamente a maneira mais lógica de procurar terras submersas. Fizeram-se grandes progressos nos mergulhos com *aqualungs,* e o alcance em profundidade é cada vez maior, podendo, em futuro próximo, graças a combinações especiais de misturas de gases, chegar a 1.200 ou 1.500 pés.

Submersíveis que atingem grandes profundidades, como o *Trieste II,* de Picard e o *Archimède*, da marinha francesa, são capazes de descer até as depressões mais profundas do oceano. Atualmente estão sendo produzidos pequenos submarinos que são extremamente manobráveis e potentes, funcionando como se fossem um prolongamento do braço do mergulhador. Além disso possuem sonar e TV para observação submarina. O *Alvin* (Union Carbide), um submarino para duas pessoas, localizou e "resgatou" uma bomba atômica perdida nas costas da Espanha.

Os modelos pequenos são cada vez mais aperfeiçoados. O *Star Class* I, da General Dynamics, para duas pessoas, tem um limite submarino de seis horas a uma profundidade de 400 pés, enquanto que o *Star Class III,* mais recente, pode descer a 3.000 pés e seu período de permanência sob a água é de vinte e quatro horas. Jacques Cousteau aperfeiçoou um batiscafo que pode operar numa profundidade de até 1.000 pés; para profundidades menores existe o *Pegasus,* de Dimitri Rebikoff, uma espécie de torpedo que o mergulhador, usando *aqualung,* controla como um cavalo submarino (conduzindo-o, como bom cavaleiro, não com as mãos mas sim com as pernas e com as nadadeiras), e que alia mobilidade a uma ótima visibilidade. O PX 15 *Ben Franklin,* que carrega até cinco tripulantes, é um veículo submarino usado para pesquisas prolongadas, com grandes vigias para observação e capacidade de permanecer sob a água durante semanas seguidas, usando sua própria energia ou aproveitando correntes submarinas a uma profundidade de até 2.000 pés.

O *Asherah,* um submarino especial para duas pessoas, foi construído pela General Dynamics especialmente para a pesquisa arqueológica no Mediterrâneo feita pelas explorações da Universidade da Pensilvânia. O *Asherah* atinge tranqüilamente uma velocidade de dois nós e meio, é equipado com detectores, circuito fechado de televisão e câmaras estereoscópicas — um instrumento feito sob medida para a pesquisa arqueológica submarina.

Outro submarino especial está sendo planejando para procurar o passado "vivo", ou seja, para procurar o monstro de Loch Ness, orientado por unidades de sonar colocadas em terra e a bordo.

Seria isso a Atlântida?
Planalto ao longo da cordilheira do Centro-Atlântico

Talvez o recurso mais importante para os mergulhadores a grandes profundidades seja o *Deep Diver,* com sua câmara estanque. Os mergulhadores podem ser colocados na câmara, para compressão, antes de atingir uma determinada profundidade e depois, na volta, podem ser descomprimidos antes de voltar ao submersível; dessa maneira foi grandemente aumentada a profundidade que podem alcançar e o tempo de mergulho, simplificando também o problema da descompressão.

O projeto Sea-Lab, agora em fase de experiência, permite aos mergulhadores operarem por longo tempo a uma profundidade de mais de 600 pés. É interessante notar que a maior parte da plataforma continental está a menos de 600 pés. O Sea-Lab é uma "casa" submarina apoiada em escoras ligeiramente acima do fundo, com uma saída direta para o fundo do mar; a água é impedida de entrar pela pressão. Através dessa saída os mergulhadores,

munidos do *aqualung* Mark VII com uma mistura especial de hélio e oxigênio, podem sair diretamente para o solo oceânico. Os mergulhadores são mantidos sob a mesma pressão dentro e fora de Sea-Lab e podem, portanto, permanecer por muito tempo em grandes profundidades antes da descompressão.

Existe hoje em dia um sistema, usado por submarinos, de um sonar para exploração lateral de perfis, que pode ser usado para localizar construções submarinas e formações naturais. Pode-se até fazer investigações eletrônicas de formações submarinas para determinar sua composição. E através de uma espantosa nova técnica — a impressão magnética do solo oceânico — pode-se calcular a idade do terreno diretamente de dentro de um veículo submarino. Além do mais, foram feitos, nos últimos anos, progressos espetaculares no sentido de calcular a idade de artefatos que incluem, além do radiocarbono, as novas técnicas de termoluminescência e arqueomagnetismo.

Com tantas facilidades à nossa disposição, estamos certamente mais perto de localizar vestígios da Atlântida do que estávamos quando Lord Gladstone tentou obter, junto ao Parlamento Britânico, verbas para a pesquisa da Atlântida, ou de quando Donnelly sugeriu que "... as nações do mundo podem usar suas frotas inúteis (sic) para trazer à luz do dia algumas relíquias desse povo submerso. Partes da ilha estão a poucas centenas de braças abaixo do mar; e se no passado foram enviadas expedições para ressuscitar das profundezas do oceano navios carregados de tesouros... por que não fazer uma tentativa de encontrar as maravilhas submersas da Atlântida?..."

Na realidade as novas técnicas de mergulho e os submersíveis já fizeram uma exploração completa da plataforma continental a nosso alcance — e é lá que vamos, sem dúvida, descobrir remanescentes e pistas que desvendarão definitivamente o "mistério" da Atlântida. E não apenas na vizinhança dos Açores, Canárias e outras ilhas atlânticas — pois o campo da exploração submarina no Atlântico e mares adjacentes inclui todas as terras afundadas, que na realidade não afundaram, mas sim foram cobertas pelas águas do degelo das últimas geleiras. Esse território se estende por uma grande parte da plataforma continental da Europa e das Américas, assim como as margens das ilhas atlânticas, algumas das quais podem ter sido cobertas pela elevação da água ou podem ter afundado devido ao abalo sísmico causado por vulcões.

Essas terras afundadas incluem, portanto, muitas áreas nas quais já se supôs ter localizado a Atlântida ou outras cidades, talvez continentes mesmo. Os últimos estabelecimentos fora da costa da França, da Espanha e da Irlanda, as terras submersas da bacia mediterrânea, os trechos fora do Mar Báltico, os remanescentes culturais pré-históricos da América Central e do Norte(inclusive a "Atlântida ressurgida" próximo a Bimini), e principalmente as antigas terras baixas e cidades costeiras das ilhas atlânticas estariam, hoje em dia, perto da antiga linha da costa ou planície litorânea, inundadas e afundadas, a pelo menos 600 pés abaixo do nível do mar.

Conseqüentemente o campo da pesquisa atlanteana pode agora se estender

por todo o litoral atlântico, assim como às ilhas oceânicas e suas margens submersas. Porém é difícil que se enviem dispendiosas expedições para encontrar a Atlântida, por mais importantes ou valiosos que sejam os remanescentes e artefatos submersos, sem indicações de localizações específicas do outro mundo que existe sob o mar.

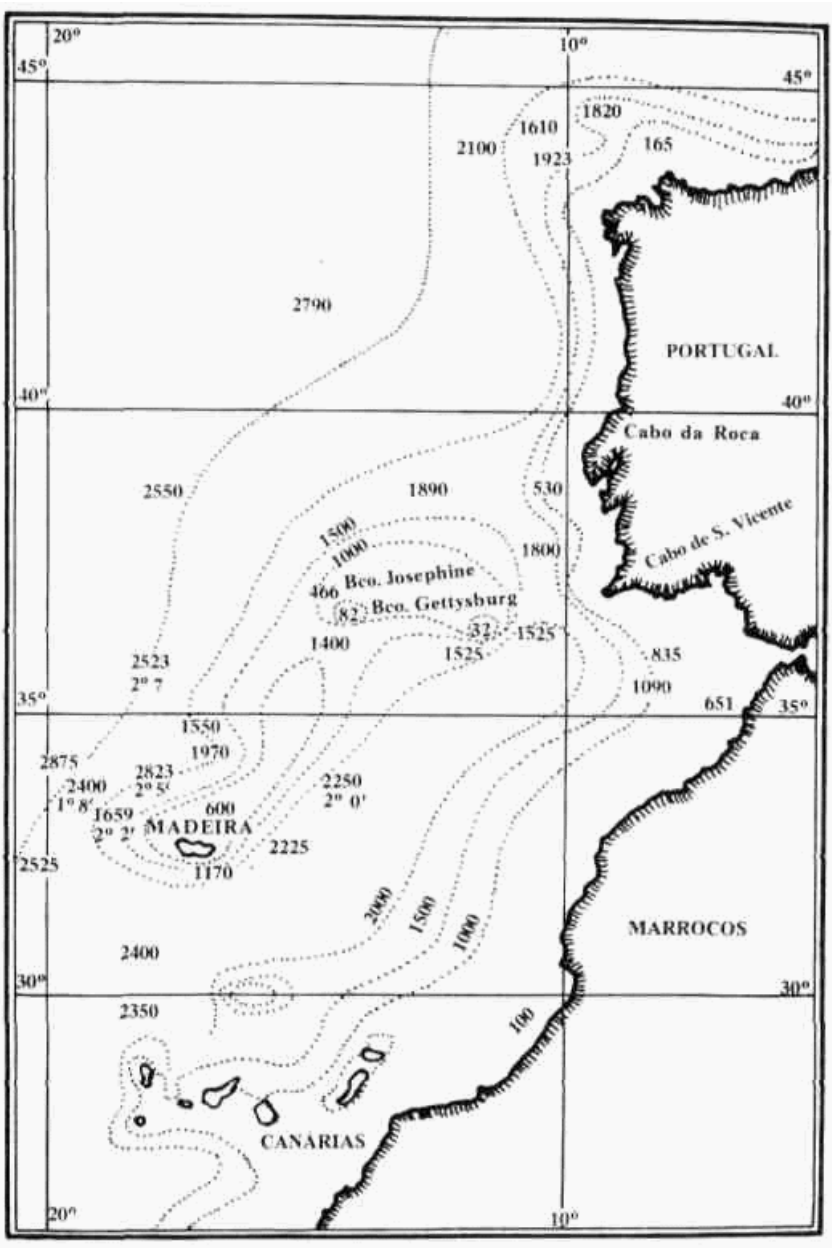
Podemos, no entanto, esperar que descobertas arqueológicas relacionadas com o complexo cultural da Atlântida sejam feitas no solo oceânico, provavelmente por acaso, pois os pesquisadores, munidos de novos e eficientes equipamentos, fazem uma grande variedade de investigações. Essas investigações incluem a procura de navios perdidos, tais como o submarino atômico *Scorpion,* que finalmente foi localizado a 400 milhas a sudoeste de Santa Maria, nos Açores; pesquisa de petróleo ou outros materiais na plataforma continental; mapeamento das atividades dos peixes.

O mar é o último grande tesouro do mundo e o que nele afundou ou foi submerso permanece lá, se não tivermos os meios de alcançá-lo e a capacidade para reconhecê-lo. Agora, pela primeira vez na longa história da procura da Atlântida, temos essa capacidade. A chave de nosso passado pode estar no fundo do oceano.

Uma pergunta para terminar: Poderá a Atlântida ser encontrada?

O futuro próximo nos dará a resposta. Pode ser e será — graças aos esforços dos exploradores submarinos, os descendentes psicológicos dos atlanteanos — *o novo* "povo do mar"

Sondagens em torno das ilhas Canárias e da Madeira.


20°
10°
45°
1820
1610
2100
1923
165
2790
PORTUGAL
40°
Cabo da Roca
2550
1890
530
1500
1000
1800
Cabo de S. Vicente
466
Bco. Josephine
82
Bco. Gettysburg
37
1525
1400
1525
835
2523
2° 7
1090
651
35°
1550
1970
2875
2400
2823
2250
2° 0'
1° 8'
1659
600
MADEIRA
2225
2525
1170
2000
1500
1000
MARROCOS
2400
30°
2350
100
CANÁRIAS

13 - Terá Sido Encontrada a Atlântida?

Desde que este livro foi publicado, descobertas fora do comum, durante os últimos anos, indicam positivamente que construções datadas do tempo da Atlântida foram localizadas no fundo do mar, a leste, a oeste e no meio do Oceano Atlântico. É preciso lembrar que a maioria dos conceitos sobre a Atlântida se baseiam em teorias, lendas, referências históricas da antigüidade, lingüística comparativa e semelhanças culturais difíceis de explicar, coincidências geológicas e zoológicas e até revelações psíquicas e lembranças hereditárias. Portanto, imaginem só se fossem encontradas evidências concretas de cidades submersas aproximadamente nos mesmos locais indicados por Platão e mantidos pela crença popular desde a remota antigüidade. Essas descobertas causariam uma mudança total na perspectiva histórica, uma reavaliação de nosso progresso de civilização e até mesmo, considerando-se o lapso de tempo decorrido desde a Atlântida até hoje, uma reafirmação das capacidades do que costumamos chamar homem "primitivo".

Seria também de esperar que as instituições científicas oficiais negassem essas descobertas, tentando desmentir cada uma delas de alguma maneira para evitar, como observou Charles Hapgood, "a horrível alternativa de continentes submersos".

Foi isso, na realidade, o que aconteceu. Desde 1968, quando o Dr. Manson Valentine descobriu e explorou a "estrela de Bimini", um muro, alicerce, estrada ou cais submerso a uma profundidade de cerca de seis braças a leste de Bimini, a crítica científica foi imediata e severa. Sugeriu-se que esses blocos ciclópicos eram apenas rochas de praia, quebradas de maneira a parecerem blocos. Deve-se notar, no entanto, que as pedras da praia não formam grandes blocos que se encaixam formando um padrão, que pedras quebradas ao acaso não fazem ângulos de 90°, nem possuem caminhos regulares passando entre elas e, principalmente, pedras "naturais" que estão no fundo do oceano não são sustentadas por pilares de pedra colocados embaixo desses blocos ciclópicos. Qualquer pessoa que tenha visto pessoalmente, por baixo d'água, esse maravilhoso trabalho em pedra, estendendo-se em linha reta por milhares de pés até enterrar-se novamente na areia (reaparecendo depois em outros pontos, como se fizesse parte de uma gigantesca cidadela), não terá a menor dúvida de que foi construído pela mão do homem. Além do mais a composição da pedra é diferente da de rocha de praia e pode ser, na opinião do Dr. Valentine, uma pedra submetida a um tratamento especial ou até mesmo um composto. Mais afastados de Bimini foram observados por pilotos de linhas aéreas comerciais e de aviões particulares muros verticais e até mesmo um grande arco, a uma profundidade de cerca de cem pés. Pirâmides submarinas, ou bases para pirâmides foram vistas de distâncias que variam entre poucas milhas e cem milhas, A cerca de dez milhas do ponto mais ao sul de Andros foram vistos e fotografados grandes círculos de pedra

monolítica no fundo do oceano, alguns duplos e outros triplos círculos concêntricos, como se fosse um "Stonehenge" americano, o que talvez venha a ser provado quando for devidamente estudado. Dezenas de vestígios arquitetônicos fora do comum foram encontrados em diferentes lugares das Bahamas, alguns dos quais são apenas sugeridos pela vegetação do fundo do mar que, crescendo sobre formações de pedra "enterradas no fundo do oceano, formam linhas retas e formas perfeitamente circulares ou retangulares, o que, evidentemente, não ocorre na natureza.

Nos casos de diversas descobertas que são de fácil acesso a mergulhadores de superfície foram feitos exames para datar o material. Se bem que a pedra não possa ser datada dentro de períodos "históricos", como pode a matéria orgânica, as raízes fossilizadas de mangue, que cresceram em cima das pedras da estrada de Bimini, foram datadas de dez a doze mil anos atrás, o que coincide não só com a data indicada por Platão quanto à destruição da Atlântida mas também com a data geológica para o derretimento das últimas geleiras.

Existem inúmeras outras estruturas feitas pelo homem no Caribe e áreas vizinhas. Quando a água está clara e tranqüila pode-se ver, ao longo da costa, no fundo do mar, caminhos ou estradas que partem da costa e seguem por baixo do mar para pontos excessivamente profundos para se poder segui-los. Sondagens submarinas revelaram um muro de cem milhas no fundo do mar, próximo à Venezuela. Os geólogos declararam que é um fato natural, explicando que é "grande demais" para ser considerado uma obra humana. A mesma explicação é dada para um muro de dez milhas no fundo do Atlântico perto do cabo Hatteras.

A norte de Cuba um complexo de construções submerso, cobrindo mais de dez acres, foi descoberta e aparentemente explorado com a ajuda russa. Na verdade a URSS tem demonstrado um considerável interesse na pesquisa da Atlântida, e que deve aumentar através das novas manobras de exploração dos submarinos russos. Uma expedição russa relativamente recente enviada aos Açores confirmou a tese de P. Termier sobre o taquilito (um tipo de lava que se forma acima d'água à pressão atmosférica), que foi descoberto em 1898, quando partiu-se um cabo submarino no Atlântico. Devido à presença de taquilito, Termier afirma que grandes áreas em torno dos Açores estavam acima do nível da água do mar há quinze mil anos atrás.

A maioria das descobertas no oeste do Atlântico e no Caribe ocorreram na plataforma continental em profundidades relativamente baixas, isto é, de 30 a 150 pés ou 200 pés. As descobertas foram feitas com crescente freqüência desde 1965-1969, coincidindo com o período predito por Cayce para o ressurgimento da Atlântida. Entre várias razões para não terem sido feitas antes inclui-se a dificuldade em se encontrar o mar absolutamente calmo, com a superfície lisa; apesar do aumento do número de rotas aéreas, da crescente atividade dos mergulhadores, o motivo principal da demora em se fazerem essas descobertas é que jamais ocorreu aos arqueólogos procurar ruínas pré-

históricas em águas das Américas.

Existem, é claro, indicações de que ruínas e artefatos muito mais impressionantes podem estar mais no fundo ainda. O submarino francês *Archimède,* submergindo junto à costa de Porto Rico, encontrou degraus de escada cavados nas encostas mais íngremes da plataforma continental próxima a Andros, a uma profundidade muito maior que a das outras descobertas. E se por um lado não sabemos quem fez as escadas ou construiu as estruturas, de uma coisa podemos estar certos — não foram feitas debaixo d'água.

Um fato que pode não ser uma extraordinária coincidência em relação a esses remanescentes pré-históricos é que eles estão dentro do tão discutido Triângulo das Bermudas — a área de oceano entre as Bermudas, o leste da Flórida e o leste do Porto Rico, onde centenas de aviões, grandes navios e pequenos barcos vêm desaparecendo sem deixar vestígios há cerca de trinta anos (e talvez décadas antes). Alguns aspectos de seu desaparecimento envolvem bússolas girando, mau funcionamento de instrumentos, interrupção total de rádio e radar e parada eletrônica. Uma das muitas explicações sugeridas para essas anomalias eletromagnéticas é de que uma avançada civilização atlanteana possuía fontes de poder *laser* — gigantescos cristais, um ou mais dos quais, ainda em funcionamento, pode estar no fundo de certos abismos oceânicos, tais como o *Tongue of the Ocean,* uma região maldita, entre Andros e a Cordilheira de Exuma. Através de suas leituras psíquicas, Edgar Cayce relatou que os atlanteanos realmente possuíam esse poder, descrevendo com alguns detalhes operações com *laser* várias décadas *antes* de o *laser* se tornar uma realidade.

Se supusermos termos encontrado partes submersas da Atlântida nas vizinhanças das Bahamas e das ilhas do Caribe, como fica a tese de Platão de que a Atlântida era no meio do oceano? As descobertas nas Bahamas não mudariam as observações de Platão. Lembremo-nos que ele disse: "... Esse poder veio do Oceano Atlântico, pois naquele tempo o Atlântico era navegável; e havia uma ilha situada em frente ao estreito que vocês chamam de Colunas de Hércules: a ilha era maior que a Líbia e a Ásia juntas, e era o caminho para outras ilhas, e das ilhas se podia passar para todo o continente oposto que circundava o verdadeiro oceano; pois esse mar que fica entre as Colunas de Hércules é apenas uma baía, tendo uma entrada estreita, mas o outro é um mar verdadeiro, e a terra que o circunda pode verdadeiramente ser chamada de continente..." Temos que admitir que uma parte muito importante de seu relato recebeu apoio científico através da descoberta do continente americano, enquanto que a prova do restante poderá em breve existir.

Vistas aéreas de construções e cidades inteiras sob o mar, nas vizinhanças dos Açores, foram relatadas já em 1942, quando pilotos que iam do Brasil para Dakar viram o que parecia ser uma cidade submersa na encosta oeste das montanhas da cordilheira do Centro-Atlântico, da qual os Açores são os picos mais altos, apontando à superfície da água. Essas vistas ocasionais ocorrem

quando o sol e a tensão superficial atingem condições ideais para vistas submarinas. Outras vistas de ruínas arquitetônicas submersas do que era, talvez, o centro da região atlanteana foram notadas próximo à Ilha de Boa Vista, nas Ilhas de Cabo Verde, junto a Fayal, nos Açores. Ao mesmo tempo, remanescentes não submersos de construções e cidades, datando talvez do tempo da Atlântida, foram encontrados nas Ilhas Canárias pelos conquistadores espanhóis. (Note-se que os guanches, habitantes das Canárias por ocasião da chegada dos espanhóis, e que haviam preservado tradições de uma grande civilização perdida no mar, não eram capazes de construir, a não ser simples cabanas.)

Ao longo de todas as plataformas continentais e planícies costeiras do Atlântico estamos começando a encontrar remanescentes do que podem ser relíquias da Atlântida — ou relíquias dos que sobreviveram à catástrofe. É evidente, também, que as águas que engolfaram a Atlântida e as forças sísmicas que mudaram a crosta terrestre operaram em nível global.

Nas costas da Irlanda, França, Espanha e Portugal, além do norte da África, existem lendas de portos perdidos, cidades submersas, enquanto que verdadeiras estradas e muros projetam-se por baixo do Atlântico. Há dois tipos de remanescentes submersos no Mediterrâneo — as construções que afundaram em águas rasas em tempos históricos (2.500 anos), a um ritmo não maior que um pé por século, e outro nível muito mais profundo, que data de dez mil anos ou mais, muito antes de estar registrada a história do Egito, da Grécia e de Roma.

Provas desse nível mais profundo, talvez herdado por povos civilizados na época em que o Mar Mediterrâneo era uma série de lagos interiores, foram recentemente encontradas por mergulhadores. Um muro submerso, bem construído, com 14 quilômetros de comprimento foi encontrado perto de Marrocos por um mergulhador que perseguia um peixe. O Dr. J. Thorne, investigando as ruínas do alto de uma montanha submarina, a 120 pés abaixo da superfície, notou estradas que desciam pela montanha abaixo, até à escuridão total, para profundezas desconhecidas. No Mediterrâneo, a cinco milhas ao sul de Marselha, um mergulhador francês chamado Jacques Mayol explorou um baixio de uma milha de comprimento, a uma profundidade de 60 a 120 pés, onde havia poços verticais com pilhas de escória ao lado — em outras palavras, uma mina feita por homens, num período da humanidade contemporâneo ao homem de Cro-Magnon.

Em outras palavras, muitas ruínas e inúmeros artefatos da Atlântida jazem hoje em dia sob o mar, em regiões que eram vales ou planícies costeiras antes do nível do mar mudar em todo o mundo. D.H. Lawrence faz um vivido retrato escrito de um mundo anterior em seu livro *The Plumed Serpent,* descrevendo uma época em que "as águas do mundo eram empilhadas em maravilhosas geleiras... alto, sobre os pólos..." "... as grandes planícies se estendiam pelos oceanos, como a Atlântida e o continente perdido da Polinésia, de modo que os mares eram apenas grandes lagos, e as suaves

pessoas de olhos escuros daquele mundo podiam andar à volta do globo..."

Vestígios da cultura atlanteana podem ainda existir em locais inesperados, à espera de serem encontrados. Enormes muros de pedra no alto das montanhas do Peru (com pedras tão bem justapostas que parecem soldadas) constituíam um mistério para os conquistadores espanhóis e também para os incas, cujo império os espanhóis estavam invadindo. Tiahuanaco, uma cidade incrivelmente antiga da Bolívia, foi aparentemente construída há tanto tempo que a cerâmica usada por seus habitantes era decorada com figuras de animais pré-históricos. As enormes construções erigidas a uma altura de 13.500 pés, com paredes de 10 pés de espessura e pedras de alicerce pesando 200 toneladas foram construídas com uma exatidão e um conhecimento de física e astronomia tais que muitos investigadores estão convencidos de que os construtores não podiam ter pertencido a este mundo, tendo provavelmente vindo de outro lugar.

Descobertas geológicas tais como minas de sal nas montanhas, antigos campos de trigo sob o limite da neves perpétuas das montanhas circundantes e conchas de mar encontradas nas margens do lago Titicaca indicam que a cidade não era uma fortaleza na montanha, mas sim um porto oceânico, elevado à sua atual altitude em alguma época de um passado remoto. (Posansky, um arqueólogo especialista nessa região, calcula que isso aconteceu há 15.000 anos atrás, durante as erupções vulcânicas que acompanharam o derretimento das geleiras.)

Como algumas partes da terra se dobraram, outras cidades da América do Sul podem ter sido precipitadas para o abismo oceânico. Um exemplo impressionante foi mostrado pelas fotografias tiradas pelo Dr. Robert Menzies, que pertencia à Universidade de Duke, a bordo do navio de pesquisa *Anton Bruun,* em 1965, no fundo do fosso Milne-Edwards em frente à costa do Peru.

O sonar que estava sendo utilizado para o estudo dessa região indicou formas pouco comuns no solo do oceano, que pareciam ser de lama. Fotografias tiradas a uma profundidade de 6.000 pés mostraram o que pareciam ser pilares maciços e muros, alguns dos quais pareciam conter inscrições. Ã medida que se tentou tirar mais fotografias dessa formação notou-se que apesar da posição da câmara especial ter sido mudada pelas correntes submarinas, ela tirou outras fotografias de pedras aparentemente talhadas artificialmente, caídas de lado e espalhadas — algumas empilhadas como se tivessem sido derrubadas, talvez na época em que essa misteriosa cidade foi projetada a uma milha de profundidade sob o mar. Enquanto que esse incidente marca, temporariamente, a maior profundidade oceânica na qual foram encontradas ruínas, é provável que futuras explorações submarinas em profundidades iguais ou ainda maiores venham a fornecer provas definitivas de uma civilização mundial cujas florescentes cidades jazem agora no fundo dos oceanos do mundo.

É apenas graças ao aperfeiçoamento de instrumentos, tanto para avaliação

de datas para explorações submarinas, que a Atlântida, ou o que podemos chamar de Império Atlanteano, está passando pelo processo da descoberta. Quer essa perspectiva seja agradável ou não para os historiadores convencionais ou para as instituições científicas oficiais, a pesquisa submarina está juntando as peças de um quebra-cabeças, ou melhor, de um mosaico, que em breve será definitivo demais para ser ignorado ou negado — mesmo que os quadros cronológicos e culturais, já tão conhecidos, tenham que ser mudados.

A observação relatada por Platão como tendo sido feita a Solon pelos sacerdotes de Sais se aplica tanto a nós quanto aos ouvintes de Platão. (E devemos nos lembrar que os antigos gregos achavam que eram tão "modernos" como nós achamos que o somos hoje em dia.)

Platão relata que "um dos sacerdotes, muito idoso" observou ao visitante Solon: "... Vocês, helenos, são apenas crianças... em mentalidade vocês são todos jovens; não há nenhuma antiga opinião passada adiante pela antiga tradição, nem nenhuma ciência antiga. E vou lhe contara razão disso: houve, e haverá novamente, muitas destruições da espécie humana originadas por diversas causas..."

Essa percepção, comum entre os povos antigos, ainda é partilhada por seus modernos descendentes — nós próprios. Foi consciente e inconscientemente preservada por lendas, tradições, memórias raciais e hoje em dia está sendo reforçada por descobertas cada vez mais freqüentes. Existiram, na verdade, outra culturas anteriores à nossa "medida de tempo", de 3500 a.C. até hoje. Uma delas sem dúvida a cultura que precedeu nossa própria "antigüidade", era a que chamamos Atlântida — e cujo próprio nome, ainda que incerto, deixou um eco tão vibrante na história de nosso mundo e no oceano que lembra seu nome.

Bibliografia

Atlantis: The Antediluvian World, por Ignatius Donnelly. Nova York e Londres, 1882.

The History of Atlantis, por Lewis Spence. Londres, 1926.

The Broken Spears, por Miguel Léon-Portilla. Boston, 1962.

Libro de Las Atlântidas, por A. Vivante e J. Imbelloni. Buenos Aires, 1939.

The Alphabet, por David Diringer. Nova York, 1948.

The Story of Atlantis, por W. Scott Elliot. Nova York, 1882.

Lost Continents, por L. Sprague De Camp. Nova York, 1940.

The Shadow of Atlantis, pelo Coronel A. Braguine. Nova York, 1954.

La Atlántida, por E. Morales. Buenos Aires, 1940.

Atlantis in America, por Lewis Spence. Nova York, 1925.

The Problem of Atlantis, por Lewis Spence. Nova York, 1925.

Legendary Island of the Atlantic, por William H. Babcock. Nova York, 1924.

Les Paladins du Monde Ocidental, por L. Talbot. Tânger, 1965.

El Mistério de Ia Atlántida, por Luis Léon de Ia Bara. México, 1946.

L'Atlantide, por Dennis Saurat. Paris, 1954.

Earth Changes, por Edgar Cayce. Virginia Beach, 1959.

Voyage to Atlantis, por James Mavor Jr. Nova York, 1969.

Lost Atlantis, por James Bramwell. Londres, 1938.

Diving into the Past, por Hans Wolf Rackl. Nova York, 1968.

An Ancient Greek Computer, por Derek de S. Price. "Scientific American", 1959.

Histoire Sous-Marine des Hommes, por Jean-Albert Foex. Paris, 1964.

Pleistocene Ice Volumes and Sea Levei Lowering, por Donn, FarrandeEwing *Journal of Geology,* 1962.

35.000 Years of Sea Levei, por F.B. Sheperd. Los Angeles, 1963.

Ancient Oyster Shells on the Atlantic Continental Shelf, por Merril, Emery e Rubin. *Science,* 1965.

The Aztecs of México, por George C. Vaillant. Nova York, 1941.

Les Atlantes, por Etienne-Felix Berlioux. Paris, 1883.

L'Atlantide: Translations and Rotations, pelo Dr. F. Gidon. Paris, 1949.

Manuscrit Troano, por Charles-Etienne Brasseur de Bourbourg. Paris, 1889.

The Children of Mu, por James Churchward. Nova York, 1945.

Un Continent Disparu, por Roger Dévigne. Paris, 1924.

Atlantis, por L.M. Hosea. Cincinnati, 1875.

Queen Móo and the Egyptian Sphinx, por August Le Plongeon. Londres, 1896.

The Secret of the West, por Dmitri Merejkowsky. Nova York, 1931.

Les Pays Légendaires, por René Thévenin. Paris, 1946.

The Origins of Continents and Oceans, por Alfred Lothar Wegener. Nova York, 1924.

Tartessos, por Adolph Schulten. Hamburgo, 1922.

How I Found the Lost Atlantis, por Paul Schliemann. Nova York, 1912.

Unsere Atlantischen Vorfahren, por Rudolph Steiner. Berlim, 1928.

Essai sur les Iles Fortunees et L'Antique Atlantide, por Bory de St. Vincent. Paris, 1803.

L'Atlantide a-t-elle Existe?, por Th. Moreaux. Paris, 1924.

Sacred Mysteries Among the Mayas and the Quichuas 11.500 Years Ago, por Augustu Le Plongeon. Nova York. 1886.

Tartessos, porGustav Redslob. Hamburgo, 1849.
L'Atlantide, por Pierre Termier. Mônaco, 1913.
Atlantis, die Urheimat der Arier, por Carl Zschaetzsch. Berlim, 1922.

AGRADECIMENTO

O autor gostaria de expressar seu profundo reconhecimento às seguintes pessoas e organizações, que contribuíram com ilustrações, informação, crítica ou qualquer outro tipo de ajuda no preparo deste livro. Isso não implica, de maneira nenhuma, na concordância ou discordância dessas pessoas quanto às teorias do autor.

J. Trigg Adams, presidente da Marine Archaeology Research Society.
José Maria Bensaúde, diretor da Agência Marítima "Ocidente" de Portugal e Açores.
Valerie Berlitz, artista e escritor.
Lt. Col. Norman Bonter, autor e pesquisador.
Comissão Regional de Turismo dos Açores.
Adelaide de Mesnil, fotógrafa arqueológica.
Natalie Derujinsky, fotógrafa.
George Demetrios Frangos, historiador.
Charles Hughes, lingüista e filólogo.
The Hispanic Society of America.
Howard van Smith, escritor, colunista e editor.
Robert E. Silverberg, historiador e escritor.
Jim Thorne, escritor, arqueólogo, explorador e mergulhador.
Carl Payne Tobey, astrólogo, colunista do NEA e escritor.
Dr. Manson Valentine, arqueólogo, explorador, escritor.
Krishna Vempati, escritor e pesquisador.